



O Cel. Armando Serra de Menezes, que se vê na fotografia acima, candidato do povo maranhense à senatoria para derrotar o vende-pátria Chateaubriand, recebeu homenagem entusiástica da colônia maranhense no Rio.

DEPENDE DA PANAIR O FIM DA GREVE

Prometeu o Sr. Paulo Sampaio responder ao Ministro do Trabalho, até à noite de ontem, à decisão da Comissão de Greve dos Pilotos.

O SR. PAULO SAMPAIO, Presidente da Panair do Brasil, pediu ao Ministro do Trabalho prazo até às 21 horas de ontem, para dar a resposta da empresa à decisão da Comissão de Greve dos Pilotos de aceitar a última proposta da companhia para cessação da greve que completou ontem o seu 51º dia.

Até o momento de encerrarmos os trabalhos desta edição, ainda não eram conhecidos os resultados dos entendimentos visando o término da mais longa greve na aviação comercial do Brasil.

A DECISÃO DA COMISSÃO
A Comissão de Greve resolveu aceitar a proposta da volta de 150 comandantes e co-pilotos ao trabalho, ficando afastados da empresa 12 preletos, além do comandante Roque, em virtude de apancho que nesse sentido lhe foram dirigidos pelos Ministros do Trabalho e da Aeronáutica. Intitula igualmente nessa decisão, a ameaça de desemprego em massa que paira sobre centenas de trabalhadores da Panair, especialmente sobre os demais tripulantes.

Nu, assembleia, que os pilotos realizaram ontem à noite.

CONCLUI NA 2ª PAG.

VAI SER ENTREGUE À «INFISA» O BANCO DO ESTADO DO RIO

Modificações nos estatutos do estabelecimento de crédito para que se consuma o atentado

O Banco do Estado, estabelecimento oficial do Governo do Estado do Rio, está realizando assembleias para aprovação de novos estatutos.

Conversando Com o Leitor

Nosso mês da Imprensa Popular tem por principal objetivo o aumento da difusão de nosso jornal que deve alcançar em determinado prazo o nível dos grandes matutinos do Distrito Federal: 100.000 exemplares diários. Com tal propósito estamos todos empenhados, nós, nossos amigos e leitores, na decisa tarefa de duplicar a circulação da IMPRENSA POPULAR no curso do corrente mês de março. Que chegaremos aos objetivos traçados, isto é, absolutamente certo, diante do entusiasmo e do impulso de que estão possuídos os ativistas de nossa campanha.

Entretanto, sendo como é a batalha de difusão o aspecto primordial do movimento em prol dos jornais do povo, há de não perder de vista um objetivo de tamanha importância como a ajuda financeira. Que faremos sem uma ampliação imediata, urgente e intensa dos esforços de nossos ajudantes? Na batalha que travamos é absolutamente indispensável que contemos com um verdadeiro exército de contribuintes. Não nos bastam os grupos esparsos ou os franco-atiradores, precisamos de «divisões» inteiras, impregnadas de elevado moral, dotadas de suficiente espírito combativo para garantir a linha de abastecimento desta cidadela do povo.

Contribuições, quaisquer que elas sejam, em dinheiro, em objetos de valor ou materiais usados que possam ser convertidos em dinheiro, venda de assinaturas, anúncios, etc., etc. — tudo enfim que possa resultar no aumento de nossa receita. Não nos esperemos conseguir todos os dias neste mês de março. Depois que foi publicado em nossas colunas o lançamento da presente campanha, temos recebido alguns doativos, mas ainda não muito numerosos, e há de ser necessário para as radicais reformas que iremos realizar.

Conquistemos novos leitores, dupliquemos a circulação de nosso jornal, mas não nos esqueçamos de ganhar novos ajudantes, novos e bons contribuintes para os jornais da verdade e da paz.

Imprensa POPULAR

Diretor: PEDRO MOTTA LIMA

ANO VIII ★ RIO DE JANEIRO, DOMINGO, 6 DE MARÇO DE 1955 ★ Nº 1.444



O aumento da gasolina é uma calamidade

(LEIA NA 2ª PAG.)



Aminto Nogueira da Gama, atacadista do gênero alimentícios: "o aumento da gasolina será uma calamidade"



Adolfo Gomes da Silva, comerciante varejista: "vai ser uma desgraça para o nosso país, a majoração dos combustíveis"



Adail Lourenço, estabelecido com tinturaria: "os preços em meu ramo do negócio serão atingidos com o aumento pleiteado"

TREMENDO TIRO INFLACIONÁRIO DO GOVERNO

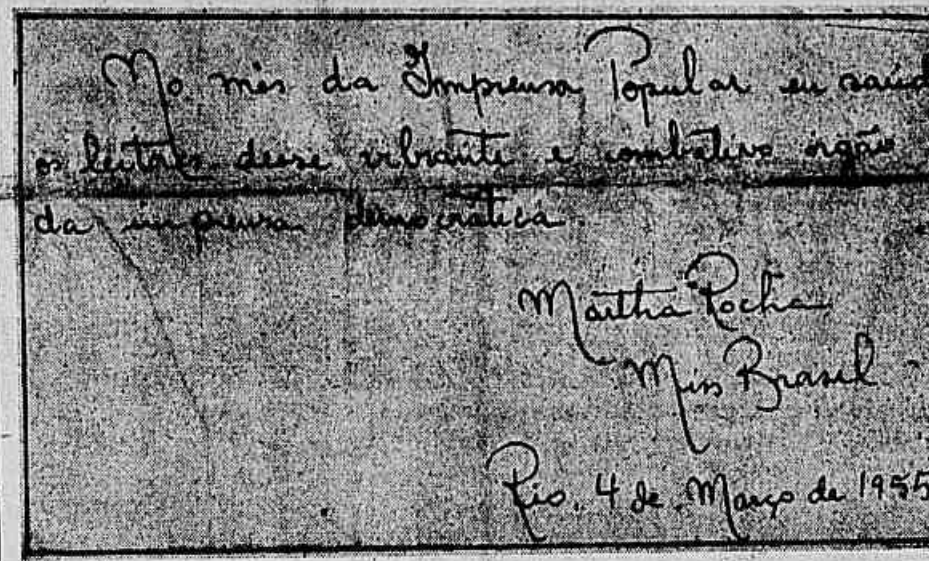
DUPLICARÁ EM MESES A CARESTIA DA VIDA

Nova lei de licença-prévia, atra vessa em silêncio os últimos trâmites legais, e quando posta em vigor elevará drasticamente o preço de todos os produtos importados — Gudin e Café planejam a maior sangria jamais realizada na bolsa do povo

O GOVERNO CAFÉ FILHO prepara um novo e tremendo tiro inflacionário, desta vez usando as armas do mais grosso calibre do arsenal do Ministério da Fazenda. Insatisfeito com as últimas violentas altas no custo da vida, e logo em seguida ao aumento no preço da gasolina, que custará ao povo um excesso de despesas da ordem de 8 bilhões de cruzeiros, os quitarristas do Café porão em prática, dentro de poucos dias, o seu mais espetacular assalto à economia popular.

«GOLFE DE MÁGICA»
Trata-se da nova lei de licença prévia, que prevê a extinção do vigente sistema de dígitos e sua substituição por um mecanismo de tal modo engenhoso que elevará drasticamente o preço de todos os produtos importados no dobro de seu nível atual. Por esse processo, que atravessa em silêncio, CONCLUI NA 2ª PAG.

SAUDAÇÃO DE MARTA ROCHA AOS LEITORES DE IMPRENSA POPULAR



Marta Rocha, por ocasião da homenagem que lhe prestou o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio de Janeiro, autografou a seguinte mensagem dirigida aos leitores de nosso jornal: "No 'Mês da Imprensa Popular' eu saúdo os leitores desse vibrante e combativo órgão da imprensa democrática." Marta Rocha, "Mês Brasil", Rio, 4 de março de 1955.

AUMENTO DAS TARIFAS AÉREAS

O SINDICATO Nacional das Empresas Aeronáuticas está se movimentando junto à Diretoria de Aeronáutica Civil, no sentido de conseguir um novo aumento nas tarifas das passagens e dos fretes aéreos.

O último aumento concedido pelo Ministério da Aeronáutica, de 22%, entrou em vigor em 1º de janeiro último. A nova majoração tarifária seria de 8 a 10%.

O pretexto utilizado pelas empresas para o novo assalto é o de que a gasolina de aviação será vendida mais cara, assim como o pretendido aumento salarial dos aeronautas.

GALLOTI ESBANJA DINHEIRO DO PORTO

A APRJ transformada em cabide de emprego — Aviso de que não há vaga apenas para quem não tem pistóla — O ex-senador por Santa Catarina gasta com afilhados o dinheiro que deve aos portuários

QUEM CHEGAR ao elevador do Escritório central da administração do Porto do Rio de Janeiro encontra afixado e bem à vista este aviso: «E' INÚTIL NÃO HÁ VAGA! NÃO INSISTA!». Trata-se, porém, de um aviso dirigido apenas aos que não têm pistóla, visto que o Sr. Benjamin Galotti, transformou seu gabinete numa autêntica agência de empregos.

CABIDE DE EMPREGOS
Em reportagem anterior, denunciamos que o Sr. Galotti admitira 145 funcionários interinos, em apenas 3 meses de sua gestão. Pois bem, no mês de fevereiro último, ele resolveu bater o seu próprio recorde, fazendo 161 admissões em apenas 23 dias, ou seja, média de 5 admissões por dia.

CONCLUI NA 2ª PAG.

JUSCELINO PATROCINA O "ENTREGUISTA N.1"

Para ele o vende-pátria Chateaubriand honraria o Parlamento de qualquer país — Cheira a petróleo a barganha da senatoria maranhense

POR DIVERSOS fatores independentes de sua vontade, a candidatura do Sr. Juscelino Kubitschek, em determinado momento, assumiu um caráter inesperado. A intervenção desabrida do Governo federal e de Generais políticos no jogo sucessório, o veto ilegal ao direito de o P.S.D. escolher livremente o nome de suas preferências para apresentá-lo ao eleitorado, fizeram com que beneficiasse indiretamente o Governador mineiro, os esforços conjugados de todos quantos defendem as franquias constitucionais. Os méritos ou deméritos do ocupante do Palácio da Liberdade tinham, naquele instante, importância secundária. Não sua figura, mas um princípio, estava em jogo.

CONTINUADO DO QUE ESTÁ
Graças à resistência das diversas forças democrá-

cas, nas quais se incluem os militares honrados, o Sr. Juscelino Kubitschek, ali está, com a candidatura ratificada pela Convenção de seu próprio partido. Mas os fatos indicam, até agora, que o Governador mineiro pre-

tende continuar, se eleito, a democrática e antipopular que já executa em Minas. JUSCELINO, EM MINAS Passemos a alguns exemplos. Em Minas Gerais, não pode desenvolver suas atividades.

CONCLUI NA 2ª PAG.

LEIA TERÇA-FEIRA NA "IMPRENSA POPULAR"

A situação Internacional e a Política Exterior da U. R. S. S.

O importante Informe apresentado por V. M. Molotov, ante o Soviet Supremo da URSS.



Todos os dias em todas as mãos! — 6ª feira última, quando vieram reservar suas cotas para os comandados de hoje e transmitir as experiências da venda-gigante de domingo último, estes amigos e leitores da IMPRENSA POPULAR fizeram questão de que registrássemos a visita com uma foto expressiva do entusiasmo de que estão possuídos para tornar vitorioso o "Mês da Imprensa Popular". Assim estarão hoje, eles e muitos outros, pelas ruas da cidade, levando a dezenas de milhares de mãos, o jornal da verdade e da paz.

A LUTA DOS TRABALHADORES FAVELADOS

QUE A POPULAÇÃO laboriosa dos morros, que tem do seu lado a lei, se prepare para a defesa de seus lares. O Sr. Marcondes Filho, o antigo Ministro do Trabalho do Estado-Novo, que fazia demagogia radiofônica diária, encomendou parecer para fundamentar as invasões das favelas. Recorrendo ao consultor jurídico do Ministério da Justiça, que é o antigo chefe provincial do nazi-integralismo no Rio Grande do Sul, o camaleão-verde Anor Butler Maciel, Marcondes acolheu seus pontos-de-vista e vai ordenar novas cruzadas nos morros.

Estamos sob o regime do ódio desalmado aos humildes, regime das tentativas abertas de atomizar o povo para melhor subjuguá-lo. Um trabalhador favelado, para os Srs. Café, Junrez, Eduardo, Marcondes, não pode ter lar. Barraco não é casa. Tudo isto diz o parecer estapafúrdio e monstruoso para justificar a violência organizada, as vergonhosas batidas dos Coronéis fascistas Gerardo Cortes, Urutaly de Magalhães e Graça Lessa. Para isso Marcondes chamou para o seu gabinete um irmão do Chefe de Polícia, cujas concepções de Direito são tão policiais quanto as do Cel. Cortes. Mas

nem precisou ainda invocar o serviço do seu preboste. Tinha outro à mão, um antigo chefe nazi-integralista. E este tentou dar fumaças de Direito ao crime contra a Constituição.

Tudo isso, entretanto, não passa de uma farsa torpe que pode ter consequências trágicas. Se se tratasse apenas de uma questão de Direito, por maiores restrições que se façam ao Sr. Seabra Fagundes, não caberia comparar o valor de sua opinião com a dos plágios de Marcondes e Butler. Mas trata-se de uma questão antes e acima de tudo política. Os fascistas que estão no Governo precisam de criar um clima de terror e de tensão permanente, a fim de tentar deter as lutas populares pela democracia, por eleições livres, pela paz e a independência nacional. Recorrem à batida nas favelas, do mesmo modo por que intervêm nos sindicatos. Recorrem às batidas nas favelas, como recorrem no esmagamento das greves, às provocações, às tentativas de divisão dos trabalhadores, a todos os processos antipopulares, antipatrióticos, antinacionais. A decisão de Marcondes de continuar violando os lares dos trabalhadores e aterrorizando pacatas famílias, como reco-

neceu o anterior Ministro da Justiça, Sr. Seabra Fagundes, é um processo de Governo e é também um retrato da situação de absoluta falta de garantias a que chegaram os cidadãos sob o regime implantado a 24 de agosto.

Que os trabalhadores e todas as pessoas que moram nas favelas, em defesa de seus direitos à inviolabilidade do lar e da pessoa humana, se unam em torno de suas associações, dirijam-se à Câmara e ao Senado, façam manifestações diante das redações dos jornais, forçando-os a se pronunciarem, enfim por todos os meios, contra o crime em que o Governo voltará a reincidir.

Com a sua última manifestação pelas ruas, que teve à frente quinze parlamentares, entre os quais três Senadores, a população das favelas deu um passo à frente na luta em defesa de seus direitos. Se os favelados se unirem mais estreitamente e manifestarem sua vontade, derrotarão Café, Marcondes e seus beaguns.



GOVERNO em marcha a ré

Ouvl ontem à tarde o General Pantaleão Pessoa sobre sua briga com o patriota lanque Eugênio Gudin. Disse-me o Presidente da COFAP: — Eu não fui procurar briga. Muito pelo contrário. Recebi uma carta do Ministro da Fazenda e a respondi, discordando da elevação dos ágios. Infelizmente minha sugestão não foi aceita. Acentuou, por último, o General Pessoa: — Enquanto eu for Presidente da COFAP, o preço da gasolina não será majorado. Estou com a lei e dela não me afastarei.

Protetor

O Sr. Marcondes Filho, ex-Deputado do DII e atual Ministro da Justiça, está no momento vindo e cinco pessoas por dia, na maioria moças protegidas do alegre "scotch-boy". Das meninas ontem atendidas por Marcondes, alto tem o nome Maria. A comprovação é encontrada no "Diário Oficial", página 2.187.

De contrapartida, está visto, o velho locutor demite ex-transportadários.

Em primeira mão

Os funcionários da Campanha Nacional Contra a Tuberculose que servem no Rio Grande do Sul não recebem vencimentos desde outubro do ano passado. Explicação

do Ministro da Saúde, Sr. Aramis Aldeide: — A culpa não é minha, é do Gudin, que não libera as verbas necessárias. Aramis resume suas providências a casa simples queixas. E Gudin pouca importância dá para o lamento dos funcionários desamparados.

QUE MENTIRA!

O Sr. Ildo Meneghetti telegrafou ao Sr. Café Filho, para comunicar ao gozador do golpe que o trigo gaúcho da última safra está apodrecendo por culpa dos molinhos estrangeiros que se negam a comprar o produto a preços justos.

A resposta do Sr. Café está contida em entrevista distribuída escrita pelo diretor do S.E.T., Sr. Kurt Repsold, onde se lê: «Já foi adquirido quase todo o trigo da última safra gaúcha».

Em matéria de mentira, essa é de arrepiar os cabelos mais duros do mundo. Mas esperem que essa história ainda vai dar muito o que falar.

João Caminha

Um austero

Dom Pepe, cidadão estrangeiro que trabalha no gabinete do seu sogro, o Sr. Napoleão Almeida Guimarães, diz na madrugada de sexta-feira, no "Sacha's": — Ultimamente temo, no mundo pouca gente para o Fundo Sindical.

Está gripado

O Sr. Costa Porto deveria voar hoje até Florianópolis, dia ele com o objetivo de inspecionar os serviços de reforestamento da Santa Catarina. Uma forte gripe, porém, impediu o nosso Ministro agrícola de mais essa viagemzinha, com bons diários e agradáveis secretários.

OS CAMINHOS DO DIABO

De Início, as vias de acesso do morro são verdadeiras

As Ambulâncias Não Podem Subir o Morro da Boa Vista

Escola, posto médico e terraplenagem, reclamam os moradores — Não há ambulância que suba para socorrer um doente — A Escola de Samba não saiu

Inúmeros são os problemas que afligem os moradores do morro da Boa Vista, em Niterói, habitado em grande maioria por operários.

OS CAMINHOS DO DIABO

De Início, as vias de acesso do morro são verdadeiras

ros «caminhos do diabo», como nos declara um morador. De um lado, a Rua Silveira da Mota, que de rua só tem o nome, já que se trata de um caminho acidentado, cheio de valas e buracos. Ali não sobe nenhum carro e os proprietários de pequenas casas comerciais, localizadas no morro, são obrigados a carregar as mercadorias na cabeça.

— Há muito que fazer, diznos o Sr. Antonio Rodrigues de Carvalho, em defesa dos habitantes deste morro. Temos que exigir, por exemplo, do Governo um trabalho de terraplenagem para a Rua Silveira da Mota.

Presentemente, um morador, se adoecer ou sofrer um acidente, não pode receber socorros médicos, pois as ambulâncias não podem subir ao morro. Também não existe ali um posto médico.

— Há muito que fazer, diznos o Sr. Antonio Rodrigues de Carvalho, em defesa dos habitantes deste morro. Temos que exigir, por exemplo, do Governo um trabalho de terraplenagem para a Rua Silveira da Mota.

Presentemente, um morador, se adoecer ou sofrer um acidente, não pode receber socorros médicos, pois as ambulâncias não podem subir ao morro. Também não existe ali um posto médico.

Transporte, o Principal Problema Dos Feirantes

Mas há, ainda, os impostos, as multas e o absurdo regulamento da fiscalização municipal — Os feirantes sempre levam a culpa da carestia

Os 18 mil feirantes cariocas estão alarmados com a perspectiva de aumento nas tarifas de transporte, que será certo, caso se concretize o aumento da gasolina. A elevação das tarifas constitui uma das principais causas do encarecimento de gêneros e utilidades nas feiras-livres e eles, os feirantes, que mantêm contato mais direto com as donas-de-casa, é que são tidos, geralmente, como os culpados pela carestia de vida.

Além das tarifas, os feirantes têm os seus problemas agravados por um regulamento antiquado que determina uma fiscalização em moldes impossíveis de pôr em prática. São tantas as dificuldades que enfrentam, a ponto de o Presidente do Sindicato do Comércio Varejista de Feiras Livres, Sr. Venâncio Rodrigues, afirmar que dificilmente conseguem os feirantes obter mais de 10 por cento de lucro nas vendas que fazem, quando as fórmulas oficiais estipulam em 25% os lucros do comércio distribuidor.

IMPOSTOS E MULTAS

Há uma cota generalizada

da de que os feirantes não pagam imposto. Não tem fundamento. Pagam o imposto de indústrias e profissões, na base de 198 cruzeiros para os vendedores de produtos não comestíveis e 132 cruzeiros, os demais, por semestre. Pagam ainda o imposto de localização, isto é, a licença pelo lugar onde instala a barraca, em dois meses. E mais outros impostos.

O antiquado regulamento da fiscalização contém uma porção de exigências, descendo a detalhes mínimos que não podem ser observados na azáfama da feira. Se, com todos os seus abusos, fosse posto em prática, os feirantes não trabalhariam se não estivessem com a touca na cabeça, ou de eventual ou até porque tenha deixado um pé na balança. Essas multas podem ir de 10 até 500 cruzeiros e quando há reincidência, o Departamento de Abastecimento cobra em dobro.

ESCOLA, LUZ, POSTO MÉDICO E MELHORAMENTO DE RUAS

— Entregamos um memorial ao Prefeito Alberto Fortes pedindo: a extensão da rede de energia elétrica, uma escola de alfabetização, um posto médico e o melhoramento das ruas Silveira da Mota e Lins dos Passos, declarando o Sr. Antonio Rodrigues de Carvalho.

OUVINDO O PRESIDENTE DA ESCOLA DE SAMBA

O Sr. Antonio Rodrigues de Carvalho, Presidente da Escola de Samba do morro, mora ali há 30 anos. Contamos que a luta para conquistar alguma coisa em benefício do morro é constante e árdua. A instalação da água, por exemplo, custou um penoso esforço.

ESCOLA, LUZ, POSTO MÉDICO E MELHORAMENTO DE RUAS

— Entregamos um memorial ao Prefeito Alberto Fortes pedindo: a extensão da rede de energia elétrica, uma escola de alfabetização, um posto médico e o melhoramento das ruas Silveira da Mota e Lins dos Passos, declarando o Sr. Antonio Rodrigues de Carvalho.

OUVINDO O PRESIDENTE DA ESCOLA DE SAMBA

O Sr. Antonio Rodrigues de Carvalho, Presidente da Escola de Samba do morro, mora ali há 30 anos. Contamos que a luta para conquistar alguma coisa em benefício do morro é constante e árdua. A instalação da água, por exemplo, custou um penoso esforço.

TORNEIO INICIO DOS JUVENIS

Participação de DOZE CLUBES

Participação de DOZE CLUBES

POPULAR

DIÁRIO

PEDRO MOTA LIMA

Redação e Administração

AV. GUSTAVO LAMARCA

19 - sob - Rio de Janeiro

TELEFONES

Assinaturas

1 ano 120.00

6 meses 60.00

3 meses 30.00

1 mês 10.00

Estreios

1 ano 200.00

6 meses 100.00

3 meses 50.00

1 mês 15.00

Quilômetros

1 ano 100.00

6 meses 50.00

3 meses 25.00

1 mês 7.50

Quilômetros

1 ano 100.00

6 meses 50.00

3 meses 25.00

1 mês 7.50

SOCIAIS

NASCIMENTOS

Está sendo visitado, em sua residência, na Avenida Roma, 189, apt. 301, Bonaucesso, onde se encontra enfermo, o Sr. Sebastião Mathias Freire, Presidente da Associação dos Lavradores Fluminenses.

ENFERMOS

Está sendo visitado, em sua residência, na Avenida Roma, 189, apt. 301, Bonaucesso, onde se encontra enfermo, o Sr. Sebastião Mathias Freire, Presidente da Associação dos Lavradores Fluminenses.

AUMENTO PARA OS TEXTEIS

Convocados pelo Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Fiação e Tecelagem, os tecelões realizaram ontem à noite uma concorrida assembleia, para tratar da questão do aumento de salários.

Após a exposição feita pela Diretoria sobre o desenvolvimento da campanha e as proteções dos empregadores, no momento em que redigiamos esta nota os associados discutiam medidas práticas para serem adotadas visando à rápida conquista do aumento.

CONTINUA SUBINDO O FEIJÃO PRETO

O preço do feijão sofreu um novo e espetacular aumento, menos de 3 dias após o Sindicato dos Comissários e Consignatários de Gêneros Alimentícios ter anunciado uma majoração de mais de 30 por cento. Desta feita — divulga o Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura — o preço do feijão preto, em saca de 60 quilos, passou a 490 cruzeiros, ou sejam mais 100 cruzeiros sobre a última cota-

ção fornecida pelos comissários e consignatários. Tal cotação refere-se ao tipo "sub-rabinha", oriundo do Triângulo Mineiro, feijão de maior saída no mercado carioca.

AUMENTOS SEMELHANTES PARA OS DEMAIS TIPOS

Aumentos semelhantes para os demais tipos de feijão foram registrados pelo Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura. Entre estes estão o feijão mulatinho, o feijão preto de origem gaúcha, e o feijão miúdo do interior mineiro. A cotação do feijão miúdo polido, fe de Minas, passou de 420 para 460 cruzeiros em saca de 60 quilos.

NO VAREJO FEIJÃO A 11 CRUZEIROS

Acompanhando a alta ocorrida no mercado atacadista, o feijão está subindo no comércio varejista, quase que diariamente. O "sub-rabinha", que estava, ainda há três a 9 e 10 cruzeiros, passou a 11 cruzeiros em quilo e rubirá ainda mais, tão logo outras partidas sejam vendidas na base das novas cotações.

ESTÃO ESTUCANDO

Não obstante a ocorrência de elevações incíveis, o feijão está sendo adquirido com muita dificuldade pelos consumidores. Para completar ainda mais o golpe contra a economia do povo, os postos da COFAP e do SAPI deixaram de vender o produto em baldes.

FAÇA UMA ASSINATURA MENSAL DE EXPERIÊNCIA DA IMPRENSA POPULAR

Preço: R\$ 25.00

Conclusões

Duplicará em Meses...

Depende da Panair..

os últimos trâmites legais, enquanto a opinião pública se desvia para o recente escândalo da alta da gasolina, o Governo Café Filho, num golpe de mão, conseguiu elevar a renda que obtinha com os ágios — de cerca de 20 a 25 bilhões — para aproximadamente 40 ou 50 bilhões de cruzeiros.

150 MILHÕES RETIRADOS DO POVO

Não será necessário frisar que a totalidade da população será atingida por esse desgastado sangria destinada a arrancar, de qualquer maneira, da bolsa do consumidor nacional, uma soma fabulosa que irá pesar principalmente nos já insignificantes orçamentos das classes pobres. Adicionalmente essa receita cambial-alfandegária de 50 bilhões aos 98 bilhões de cruzeiros que o Café espera arrecadar em 1955 de receita orçamentária e extra-orçamentária, o total da tributação sobre o povo brasileiro atingirá o corrente ano quase 150 bilhões de cruzeiros, quantia correspondente ao triplo da renda em circulação e a mais de um terço da renda nacional.

TAXAS ELEVADÍSSIMAS DO DÓLAR

Logo que entre em vigor a nova lei de licenças, a totalidade ou a quase totalidade (a julgo o Poder Executivo) das mercadorias importadas passarão a ser não mais pelo câmbio oficial (18:82) mas pelas taxas no câmbio livre que estão oscilando em torno de 78 cruzeiros.

A primeira das consequências dessas taxas para a economia nacional será, pois, uma corrida para o câmbio, determinando imediatas sucessivas altas no preço do dólar, o qual poderá em pouco tempo alcançar taxas elevadíssimas, talvez de 100, 120 ou 150 cruzeiros por unidade da moeda americana. Significa isso que o cruzeiro cairá a três quartas partes ou à metade de sua presente cotação, que já excede de muito, segundo opiniões autorizadas, sua paridade normal. Nessas condições, o Brasil se tornará, como é costume dizer, num país ainda mais barato para os Estados Unidos, que comprarão com um dólar duas vezes mais produtos brasileiros do que estão comprando em nossos dias.

VANTAJOSA SO PARA OS AMERICANOS

Mas isso não é tudo. A nova lei produzirá outros efeitos vantajosos para os norte-americanos ao dificultar consideravelmente os negócios com qualquer outra área que não seja a do dólar. O que estava acontecendo, nos últimos meses, era que, diante das imposições crescentes dos exportadores dos Estados Unidos, as trocas

internacionais do Brasil vinham diminuindo na área das moedas convertíveis e aumentando em grande escala na área das moedas inconvertíveis. Ou em outras palavras: os importadores e exportadores brasileiros estavam fugindo dos seus negócios com os Estados Unidos e preferindo, pelas facilidades e vantagens oferecidas, os mercados da Europa e da Ásia. E precisamente essa fuga do tação dos monopólios lanques que o Governo Utere do Sr. Café Filho se apressa em corrigir, para mostrar-se ainda mais servil ante as exigências do Departamento de Estado.

DUPICARÃO OS PREÇOS

Desde que os leilões de ágios sejam extintos, de acordo com os dispositivos da nova lei, os importadores terão de obter as divisas necessárias para o pagamento de suas compras no estrangeiro através do câmbio-livre. Além da cotação do dólar, estarão eles sujeitos a sobretaxas de câmbio calculadas sobre a média dos ágios realizada nos leilões dos últimos três meses, na seguinte base: 35% para as importações de 1ª categoria; 50% para as de 2ª categoria; 65% para as de 3ª categoria; 75% para as de 4ª e 100% para as de quinta categoria.

Vejam os resultados dessas modificações no sistema vigente. Para importar mercadorias de primeira categoria (em que estão incluídas as máquinas, os equipamentos e materiais essenciais) o importador estava pagando por dólar o preço oficial de 18:82 e mais cerca de 50 cruzeiros, ou seja, o total, em números redondos, de 70 cruzeiros. Agora, passará a pagar o preço do câmbio-livre, isto é, 78 cruzeiros (e dentro 35% da média realizada nos três últimos meses, (35% sobre 60 cruzeiros, por exemplo) o que dará 100 cruzeiros para o dólar de primeira categoria. Alí temos, de início, e na melhor das hipóteses, uma alta de 50% em todas as mercadorias importadas. Depois, em prazo que podemos chamar de muito breve, o dólar de 1ª categoria custará 140 ou 150 cruzeiros, ou seja, mais 50% de aumento. Será de 100% ou o dobro do preço de compra das mercadorias importadas.

GOLPE NA INDÚSTRIA NACIONAL

Toda a produção da indústria nacional ainda depende de máquinas ou matérias-primas essenciais importadas. Basta esta circunstância para tornar compreensível que a indústria nacional será profundamente afetada pela nova lei de licenças, não somente terá de pagar duas ou três vezes mais (diário de câmbio livre e três vezes mais) para manter-se em funcionamento.

MAIOR O POVO

O maior prejudicado será, porém, como é evidente, o povo consumidor. O custo da vida se elevará tanto, nos próximos meses, quanto se elevou depois do Esquema Aranha. Se o Esquema Aranha dobrou os preços das mercadorias de consumo popular em um ano, a nova lei de licenças não só dobrará em seis meses. Estamos, pois, diante de perspectivas gravíssimas para a vida de nosso povo e para todo o desenvolvimento da economia nacional.

Galloti Esbanja..

ESBANJA DINHEIRO

Com essa onda de empenhos, apesar do aviso a que nos referimos acima, o Sr. Galloti vem gastando 1 milhão e 252 mil cruzeiros mensais, ou sejam, cerca de 15 milhões ao término de um ano. Enquanto isso, o administrador ainda não pagou o abono de emergência à totalidade dos portuários e nem a diferença do serviço extraordinário feito de novembro para cá, a que estes têm direito, pelo parágrafo 6º do decreto que instituiu o abono citado.

Juscelino Patrocina..

JUSCELINO E O PETRÓLEO

Sumamente ilustrativa, também, é a posição do Sr. Juscelino Kubitschek no que se refere ao problema do petróleo. Quando, no programa radiofônico "Falando francamente" se manifestou em defesa da Petrobrás, foi publicamente criticado pelo jornal que é um dos principais sustentáculos de sua candidatura o "Correio da Manhã". Esse órgão de opinião se retirou-lhe o apoio, em dos editores, intitulados "Falando Francamente" e "Falando Mais francamente".

MARCHE-A-RÉ MISTERIOSA

Que se deu, depois? Paulo Bittencourt voltou a sustentar a candidatura Juscelino. Em entrevista, informou, então, que o fato faz supor um acordo por detrás do pano, contra os interesses nacionais. As louvações par-

tuários e nem a diferença do serviço extraordinário

feito de novembro para cá, a que estes têm direito, pelo parágrafo 6º do decreto que instituiu o abono citado.

Tudo indica que o ex-Senador por Santa Catarina

vai continuar premiando os seus afilhados, a menos que os portuários protestem e exijam.

O "NEGÓCIO" MARANHENSE

No Senado, Chateaubriand reivindicou para si o título de "entreguista número 1", e, mais de uma vez, pediu para nossa pátria a colonização norte-americana. Foi por isso, derrotado pelo povo. A Standard o protege e financia, agora, a compra de uma nova cadeira, pelo Estado do Maranhão. Todos os setores democráticos daquele Estado unem forças para impedir a barganha, advogada por Vitorino.

JUSCELINO E CHATO

El, juntamente com Vitelino Freire, quem patrocina o negócio Imorai que é um desfalco aos brasileiros honrados?

O governador de Minas

Juscelino Kubitschek para o qual, "pelo incontestável afã de servir a sua gente e a Democracia, o Sr. Assis Chateaubriand é visto já projetado na futura colaboração com o mundo inteiro, qual-quer parlamento.

AMOSTRA, SIMPLEMENTE

Juscelino Kubitschek diz isso, quando ainda é um candidato precário, em busca de apoio popular. Não é difícil supor o que faria, dentro dessa ordem de ideias, se alcançasse o poder.

SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS

INDÚSTRIAS DE TRIGO, MILHO, MANDIOCA

E DE MASSAS ALIMENTÍCIAS E BISCOITOS

DO RIO DE JANEIRO

SEDE: RUA DO CAMERINO, 74 - SOBRADO

EDITAL DE CONVOCAÇÃO

Convoco, pelo presente Edital, todos os srs. associados, em pleno gozo dos direitos sindicais, a comparecerem à Assembleia-Geral Extraordinária, no dia 9 do corrente, às 17 e às 18 horas, em primeira e segunda convocação, respectivamente, para a discussão da seguinte Ordem-de-Dia:

1 - Leitura, discussão e aprovação da ata da assembleia anterior;

2 - Com referência a extensão territorial dos operários do Molho Atlântico de Niterói, em eleição por escrutínio secreto;

3 - Discutir a resposta dos srs. empregadores, com referência ao aumento de salários.

Rio de Janeiro, 5 de março de 1955.

WALDEMIRO LUIZ DA SILVA

Presidente

DIZ O ATACADISTA DE CEREJAS:

Será Uma Calamidade o Aumento da Gasolina

Um comerciante varejista afirma que a vida vai ficar muito pior — Melhor seria se o Sr. Eugênio Gudin fosse deportado do Brasil — A opinião de um proprietário de tinturaria, diretamente atingido pelo aumento projetado

— O aumento da gasolina e dos demais combustíveis líquidos constituirá uma verdadeira calamidade pública. Não é novidade que os fretes rodoviários serão majorados e que com isso o comércio terá de renjuar muitos preços. Outros aumentos virão como consequência da majoração dos derivados do petróleo e com isso só o povo perderá.

Com esta declaração o comerciante atacadista de gêneros alimentícios, Arminio Nogueira da Gama, estábelecido na Rua do Acre, nº 32 com uma firma revendedora de latifúndios, carnes salgadas e cereais, manifestou à IMPRENSA POPULAR sua preocupação ante o projetado aumento da gasolina, ora em estudo na COFAP. O atacadista disse mais:

— Um saco de feijão, por

UM DIA DE SALÁRIO PARA OS PILOTOS DA PANAIR

Apelo dos aeronautas a todos os trabalhadores no sentido de que contribuam para a resistência dos grevistas — Nota oficial que confirma as denúncias contra a administração da empresa inque

para que sejam prestados esclarecimentos sobre o movimento na Panair e incrementada a solidariedade fluminense entre os pilotos que se encontram afastados do serviço há mais de 50 dias, por culpa única da intransigência da companhia inque.

GREVE JUSTA

Foi aprovada a distribuição da seguinte nota oficial, d'istribuída à imprensa pelo Sr. Osmar Ferreira, Presidente do Sindicato dos Aeronautas:

"É concorrida assembleia ontem realizada no Sindicato Nacional dos Aeronautas, e tendo em vista a dispendiosa campanha publicitária desenvolvida pela Panair do Brasil no sentido de incompatibilizar os seus tripulantes grevistas e todos os que apoiam com a opinião pública, ficou deliberado, por unanimidade, a distribuição da seguinte nota esclarecedora:

1 - A paralisação de trabalho por parte dos pilotos é justa, visto estar em jogo a situação de um colega que, procurando salvaguardar os interesses da empresa e zelando pela saúde dos passageiros e tripulantes, criticou a péssima qualidade da alimentação servida a bordo, sendo, por isto, severamente punido. Acentua-se que são conhecidos vários casos de graves intoxicações originadas pelas refeições refeitas, as pessoas atingidas, por incluído-se alguns em que não puderam se locomover,

MANIFESTAÇÃO DIRIGIDA

3 - As ridículas manifestações de solidariedade que vêm sendo tributadas à administração da Panair, por parte de certos empregados, têm sido feitas sob encomenda e nelas tomam parte elementos que naturalmente não desejam ser vítimas de perseguições e indivíduos bajuladores por vocação.

APOIO INTEGRAL

Continua:

4 - Revoltados com a antipática intransigência da empresa e vendo ruir-se o nível técnico operacional da Panair do Brasil, seus tripulantes das categorias que representam os cogitados aderir à greve assimida pelos seus Comandantes e Co-pilotos. Entretanto, a prudência e o bom senso, além dos nossos princípios estratégicos, indicam-nos agir com maior serenidade, evitando, assim, entre outras consequências negativas, que os catrônticos da calúnia e da mentira pudessem explorar essa adesão como um cumprimento a qualquer plano subversivo. A verdade, entretanto, é que, sem qualquer intuito político-partidário, estaremos a postos, aguardando o momento psicológico para garantir com o nosso apoio integral a essa vitória, que não pode fugir dos nossos companheiros de memoráveis lutas.

A SOLIDARIEDADE

Conclui a nota aprovada pela Assembleia dos aeronautas:

5 - Considerando que a greve dos pilotos da Panair do Brasil já assumiu proporções de luta de interesse a todas as camadas sociais, contamos a todos os trabalhadores e aqueles que defendem a dignidade das classes menos favorecidas, no sentido de contribuírem com um dia de salário, concorrendo, assim, para que seja mantida a heróica resistência desses bravos aeronautas que defendem a moral do proletariado brasileiro.

APÊNDICE

6 - Considerando que a greve dos pilotos da Panair do Brasil já assumiu proporções de luta de interesse a todas as camadas sociais, contamos a todos os trabalhadores e aqueles que defendem a dignidade das classes menos favorecidas, no sentido de contribuírem com um dia de salário, concorrendo, assim, para que seja mantida a heróica resistência desses bravos aeronautas que defendem a moral do proletariado brasileiro.

APÊNDICE

6 - Considerando que a greve dos pilotos da Panair do Brasil já assumiu proporções de luta de interesse a todas as camadas sociais, contamos a todos os trabalhadores e aqueles que defendem a dignidade das classes menos favorecidas, no sentido de contribuírem com um dia de salário, concorrendo, assim, para que seja mantida a heróica resistência desses bravos aeronautas que defendem a moral do proletariado brasileiro.

...ção e chega
...do consegue expl
...de um movimen
...produtores, visand
...-americanos. A
...dores dos Estad
...a sua atual q
...mas suas colat
...Todos sabem q
...vantagens e os pr
...que dia a dia po
...colombianos est
...ss lanques.

ERROS

...quelas quantid
...ue representam o
...e nossa exportac
...para os Estados U
...1983, pouco mais
...de sacas e 8,4 u
...1982. No ano de 19
...viviáveis para as
...472 sacas.

•

...se, portanto, que
...de nossas expor
...cafeiras decorre
...minuindo dos nece
...-americanos, que
...de 3 milhões de sa
...53 e menos 5,3 mil
...1983.

uma melhora da situação de ca-
que as cotações continuam a
tremeadas de raros movimen-
a tendência geral para a bai-

que, tendo sido vendidas 1.638 toneladas do que em novembro, as quedas artificiais provocadas nos anos não conduzem a um aumento. No último mês do ano de 1964 baixou a 68,25 cents tendo em novembro.

O norte-americano produziu efetivamente, nas exportações brasileiras é exportado pelos portos nacionais alcançando mais de 300 mil sacas por ano.

Anterior.

Entre fatos, as próximas perspectivas.

Am Inicial-se o ano de 1965 nos preços maiores do que as dos últimos 9 milhões de sacas, quando alcançou era de 65 milhões por ano.

de junho próximo são ainda mais de 11 milhões de sacas. O censo estatístico desfavorável, os preços baixos e a revelação sem desconhecimento do Governo. Seria só inépcia? É porque a passividade das autoridades diante da incompetência e da corrupção, por exemplo, não consegue evitar a participação de um movimento de outros países produtores, visando a redução das importações. É a pressão dos importadores do Estado do café entre o comércio e a atual guerra de baixar mais suas cotas de importação norte-americana. Todos sabem que os preços baixos são os resultados das piores desvantagens e os resultados de demonstrar que dia a dia os preços dos cafés colombianos são mais baratos do que os preços dos cafés colombianos. É a falta de preços baixos e a falta de preços baixos.

3 — Daquelas quando, que representam o tal de nossa exportação para os Estados Unidos, em 1953, pouco mais de 9 milhões de sacas, e 3,9 milhões em 1962. No ano de apenas enviamos para a pátria, 5.672.742 sacas.

•

4 — Vê-se, portanto, a queda de nossas exportações para cada país decorrente do aumento das nossas importações dos Estados Unidos. Os americanos, ali mesmo compram a soja em apenas 3,5 milhões de sacas em 1953 e apenas 3,9 milhões em 1962.

CINEMA

Desejo Humano

O veterano diretor europeu americano Fritz Lang já teve sua fase viril e digna como cineasta. Atualmente ocupa uma cadeira na "universidade do crime" via Hollywood.

Seu "Desejo Humano" é uma aula macabra com o intuito de estimular os piores instintos do ser humano. Propaga com minúcia o adultério e revela ao público que está ali para se divertir, para se refazer da luta diária, que "matar é fácil", conforme diz o herói numa cena de preparação erótica, com o mais óndido sorriso...

Além do mais, ofende profundamente os trabalhadores ferroviários. Seu tema apresenta um maquinista que volta da guerra suja da Coreia, tranqüilo como se tivesse ido passar as férias e que, unicamente pelo desejo de conquistar a esposa do companheiro do trabalho, resolve alienar, persegui-la e justificar, de que tira a bela senhora no vagão onde fora morto um velho rico, também metido a D. Juan. Para que o romance do herói se justifique, o marido da adúltera é apresentado como verdadeiro tarado, bêbado e amoral, enquanto ela tem todas as qualidades das prostitutas vulgares. Enfim, uma sujeira indigna que, de forma alguma, se recomendaria às nossas famílias, não por questão de puritanismo, mas pelo fato de que tudo que lá se agita é podre e sem nenhuma ligação com a vida simples e vigorosa dos ferroviários norte-americanos.

A película tem como atores principais Glenn Ford, Gloria Grahame e Broderick Crawford, cujas interpretações se perdem na inutilidade do argumento. Este foi escrito por Alfred Hayes, baseando-se numa novela de Emilio Zola. Temos a impressão que a novela seja a "Besta Humana", o que prova quanto pode a imbecilidade e a falta de sentido humano no aproveitamento de uma jóia da literatura universal. O "Desejo Humano" de Fritz Lang e Alfred Hayes, produzido por Lewis J. Rascami, não passa de um torpe "desejo" de transformar homens em feras, amorfas e imorais.

JACKSON



Jackson de Souza, um dos mais completos atores característicos do nosso cinema, participará do elenco da projetada filmagem de "Os Caminhos da Fome", baseado em romance do Jorge Amado

Espetáculos de Hoje

| | | | | |
|--|---|---|--|---|
| CINELANDIA CAPITOLIO - Sessão passatempo METRO - "O príncipe de estuante" URBANO - "Alma de renegado" PATHE - "Príncipe, a corteza do oriente" FLAZA - "Os mistérios de Marrocos" BUTULI - "Os virgins" VITÓRIA - "Sublime obsessão" | LEITE - "Murallas de sangue" LEBLON - "Sublime obsessão" MILHAR - "Alma de renegado" METRO - "Alma de renegado" NACIONAL - "Romance em Paris" NITZ - "Os mistérios de Marrocos" RIAN - "Alma de renegado" ROYAL - Sessão passatempo S. LAUZ - "Sublime obsessão" | MARCOOTE - "Os mistérios de Marrocos" MEIER - "Invasão dos EE. UU." N. HORIZONTE - "Pioneiros do sul" PALACIO SANTA CECILIA - "Aventura no deserto" PALACIO - "Mulheres indomáveis" PALA TODOS - "Príncipe, a corteza do oriente" ROULEN - "Caravana do Ouro" RUJAN - "Vingança terrível" VAZ LOBO - "Invasão dos EE. UU." | TIJUCA AMERICA - "Alma de renegado" CAMILA - "Sublime obsessão" METRO - "Alma de renegado" OLINDA - "Os mistérios de Marrocos" BAIRROS CATUMBI - "Semi-palácio" E. DE SA - "Os últimos cinco minutos" FILMUNES - "Desejo humano" H. LOBO - "Os mistérios de Marrocos" STA. ALICE - "Sublime obsessão" TRINIDADE - "Turbinado" | CENTRO TRIANON - Sessão passatempo COLONIAL - "Os mistérios de Marrocos" H. DE SA - "Alma de renegado" OLINDA - "Os mistérios de Marrocos" PRESIDENTE - "Príncipe, a corteza do oriente" RIO BRANCO - "O monstro do mar" S. JUNE - "Desejo humano" ZONA SUL ALVORADA - "Invasão dos Estados Unidos" ALANCA - "Sublime obsessão" ANTOLIA - "Os mistérios de Marrocos" A. H. T. PALACIO - "Príncipe, a corteza do oriente" AZUL - "Desejo humano" CARLOS - "Desejo humano" COPACABANA - "Sublime obsessão" FANESIA - "Alma de renegado" |
|--|---|---|--|---|

ARMAZÉM CUTIARA

BEBIDAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

DE TUDO PARA TODOS - PREÇOS POPULARES
ARMAZÉM CUTIARA - ESTRADA DO GALEÃO, 317

ILHA DO GOVERNADOR - JULIO T. GAZELE

SAPATARIA CINTRA

Sapatos para Homens e Senhores

DUAS CASAS AO SEU DISPOR

AV. GOMES FREIRE, 275
RUA DO REZENDE, 51



ESSES TEMPOS NAO VOLTARAO - Gravura do artista chinês lang Tchan

Fragmentos

Após o êxito da "semana do filme italiano" realizada em Londres, em outubro do ano passado, resolveu a UNITALIA FILM promover outras manifestações do mesmo gênero na Indonésia, no Japão e na Austrália. A "semana" da Indonésia, como já foi noticiado, se realizará em Djakarta em princípios do mês de março e a de Tóquio, em meados de abril. Na Austrália, as manifestações serão duas, uma em Sidney, de 16 a 23 de março, e a outra em Melbourne, de 24 a 30 de março. Tendo em vista o êxito dos filmes exibidos durante a "semana" de Londres, nada menos de sete das dez fitas programadas no "livro", da capital britânica serão apresentadas nas duas cidades australianas, a saber: "Carosello napolitano", "Pão, amor e fantasia", "La strada", "Sesto continente" e "Tempi nostri", além dos dois filmes de Emmer, "Camilla" e "Piaçasso". Para obterem os dispositivos australianos, que estabelecem em 132 minutos de projeção efetiva a duração de todo o espetáculo cinematográfico, serão programados dois filmes por dia. A seleção, portanto, teve de ser acurada de mais 5 filmes, isto é, dois musicais: "Aida" (em Ferranacolor) e "Casa Ricordi" (em Technicolor); e de "Il cappotto", direção de Lattuada, "Vergine moderna", direção de Marcello Pagliaro, e "Musodoro" (em Ferranacolor), este último exibido no Brasil por ocasião do Festival de São Paulo. Ainda durante a manifestação será organizada uma mostra retrospectiva do cinema italiano do tempo do silêncio e, com a colaboração da Cineteca Italiana, serão apresentados "Cabiria", "Mal-amor mio non muore", "Assunta Spina", "I topi grigi", "Polidoro si sposa", "Cretinetti e le donne", "Robinet ciccista" e "Giro d'Italia 1908". Uma única atriz italiana estará presente a essas "semanas" e será escolhida entre Gina Maria Canale, Silvana Pampanini, Eleonora Rossi Drago e Rosana Podestà.

LEOPOLDINA
BONSUCESSO
LEOPOLDINA
MAUA - "Príncipe, a corteza do oriente"
PARAISO - "Entre a espada e a rosa"
PENNA - "Príncipe, a corteza do oriente"
RAMOS - "Empério do pavor"
ROBARTO - "Tartarozan e a montanha secreta"
STA. CECILIA - "Mulher absoluta"
SANTA HELENA - "Mulher absoluta"
S. PEDRO - "A guerra dos mundos"

TEATROS
DULCINA - "Sra. Barba Azul", com Bibi Ferreira
FOLIES - "Gostei demais", com Celia
GINASTICO - "Pequeno príncipe", com o T. B. C.

Os livros brasileiros últimamente saídos, demonstram, contudo, que alguns autores se esforçam em estudar o problema e aproximar-se das crianças através de páginas simples, cheias de nossa paisagem, nossos bichos, nossa vida.

"O livro de Fúscilo", de Zora Seljan Braga, por exemplo, indica aspectos da vida

CARTES PLÁSTICAS

Antonin Pelc

FEZ 60 ANOS o insigne pintor e desenhista tcheco Antonin Pelc. Este artista consagrou toda a vida aos mais nobres esforços humanos, à luta pela paz e o progresso. Já nos anos anteriores à segunda guerra mundial, os desenhos de Pelc combatiam o fascismo ameaçador da liberdade e da segurança das nações e o artista atacava os regimes de Hitler e de Mussolini com caricaturas mordazes. Da mesma maneira inexorável desenvolvia as intrigas políticas dos partidos burgueses da Tchecoslováquia capitalista de outrora. Quando os nazistas ocuparam a pátria do pintor, Pelc partiu para a França, onde primeiro desenhava para o jornal de Aragon. Como emigrado político, foi mais tarde encarcerado num campo de concentração francês, donde conseguiu evadir-se. Foi-se para Marrocos, depois para a Martinica e por fim fixou residência nos Estados Unidos. Durante todo o tempo da sua estadia na América do Norte, Pelc nunca deixou de combater com os seus desenhos contra os agressores fascistas e inimigos da humanidade. Junto com outro pintor tcheco exilado, Adolf Hoffmeister, Pelc organizou uma exposição das suas caricaturas políticas no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque. A mesma exposição foi mais tarde aberta em Londres.

Desde o regresso de Pelc à pátria libertada, em 1945, os seus desenhos representam uma crônica característica da vida na República Tchecoslovaca e do seu povo; referem-se à nacionalização, ao Plano Blenai, ao Fevereiro vitioso, ao Plano Quinquenal e à luta pela paz nas suas mais diversas manifestações. Os desenhos de Pelc aparecem nos jornais e periódicos, encontram-se nos cartazes e livros. Pelc ilustra livros de autores nacionais e estrangeiros. Assim ornou de magníficas gravuras o célebre romance de Anatole France "A ilha dos pingüins" e no ano de 1954 terminou o ciclo de ilustrações para o romance de Jules Vallès "O insurrecto", em que fez reviver o meio típico, o ambiente e os caracteres dos heróis do livro que tira o seu enredo da história agitada da França do século XIX.



ROUPAS BRANCAS PARA
CAMA E MESA A PREÇOS
QUE SOMENTE QUEM FA-
BRICA PODE VENDER.
ARTIGOS
PARA
PRESENTES

Fábrica

Confiança do Brasil

Rua da Carioca, 87

LITERATURA

Um Livro de Teatro Para Crianças

Ainda não tens dado a melhor atenção a um problema muito importante em literatura: o do livro para crianças, para menores de 12 a 15 anos. Parece que a arte de escrever para meninos é ainda considerada como um passatempo, coisa fácil ou gratuita. No entanto, é obra difícil, requer maturidade, experiência e profundo conhecimento da vida infantil.

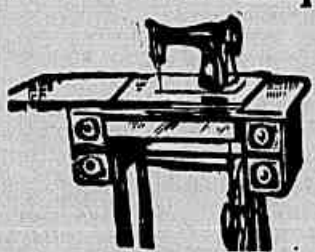
brasileira descriptos, com ternura e clareza, que estão agradando os leitores mirins. A autora precisa ser estimulada no seu trabalho. Agora mesmo sai um livro de teatro infantil, assunto novo em nosso país. Trata-se de "Vamos brincar de teatro" de Tals Bianchi, lançado pela Editorial Andes. A autora escreveu duas peças para meninos, utilizando a sua experiência em atividades de jardim de infância, escolhida de arte, cinema e teatro.

Acreditamos que o livro de Tals Bianchi será bem acolhido, abrindo um bom caminho para o desenvolvimento do gênero.

Tals Bianchi promete novo livro, agora de histórias também para crianças.

AS OBRAS IMORTAIS do clássico da literatura alemã J. W. Goethe estão sendo editadas em tiragens novas pelas casas editoras tchecoslovacas e os dramas de Goethe reaparecem constantemente nos repertórios dos teatros. Ultimamente, a primeira cena tchecoslovaca, do Teatro Nacional de Praga, encenou o seu repertório com uma encenação nova da peça "Ifigênia em Taurida". O Estúdio Central de Televisão emitiu, há pouco, a tragédia humanista de Goethe "Fausto", acompanhada da música de Beethoven.

Mecânico de Máquina de Costura



Conserta, compra e vende máquinas de costura usadas. Reforma em geral - Vendem-se máquinas novas a prestação - Tel.: 49-8310



Ótica Cortinental

Rua Senador Dantas, 118

TEATRO

«Diálogo da Mais Perfeita Compreensão Conjugal»

O CASAL ESTABELECE a verdade, sempre a verdade! Essa orientação teria como corolário a "mais perfeita compreensão conjugal". O marido após anos de vida em comum perdura o interesse pela esposa. Ela já o percebera. O sinal desse casamento, logo convertido em indiferença, fora notado numa conversa entabulada entre os dois: ela ficara de olhos vidrados, fixos em sua mulher, mas ausente. Não respondera à pergunta feita - e ele sempre fora solícito, atencioso. O contraste chocou a mulher: fez nascer em seu espírito a suspeita. Os dias correram: veio à luz a certeza.

Numa noite chuvosa, instado pela mulher, confessa. Amava outra. A realidade calma daquela lar - última mente assentada sobre a dissimulação cada vez mais debilitada do afeto conjugal - foi transformada. Ela resolveu tudo. Não suportaria perdê-lo. Sofre por não poder recuperá-lo, sofre porque se encontra ante o irremediável e só tomou consciência disso quando tudo se achava consumado. Sabe que o amor não se impõe. Não pretende iludir-se a respeito de nada. Vai direto ao alvô.

— Vou matá-lo — diz ao marido.
Essa fala marca o início da segunda parte da peça — (em um ato, alida) — de Millôr Fernandes (Vão Gôgo). A primeira parte é a que mais interessa e prende. Está mais ligada à realidade, é mais humana. A segunda deriva sobre os modos de ela — esposa — eliminar o marido. Os dois únicos personagens trocam opiniões. Tudo corre, de início ao fim, sem grandes alterações, sem discussões; harmonia de tons baixos na desarmônia dos sentimentos amorosos. Ambos escolhem o meio de ele ser morto. O marido não reage como um apaixonado, não tem nem sentimento de culpa para se incriminar por ter alimentado um amor extra-matrimonial. É al que o autor denuncia a preocupação de fazer humor. Porém, falha. Não vai além da intenção e prejudica o que já houvera escrito porque a obra perde seu equilíbrio interno. O sabor amargo do diálogo destilado através de palavras simples, comuns, toma conta do espectador mais atento. O casal é infeliz: há o desencontro do amor quando os esposos se aproximam dos quarenta anos de idade. Há um passado vivido em conjunto, há um futuro...

Ludy Veloso viveu com absoluta expressão todos os instantes do seu personagem. Deu sangue, calor à vida daquela mulher que podia terminassem seu romance com a mesma beleza e dignidade que com havia sido começado. O homicídio seria beleza e dignidade?

Armando Couto, num papel sem muita gama, manteve-se num equilíbrio interpretativo que podemos qualificar de excelente.

A direção, que também lhe coube, foi sóbria, medida e inspirada. Tivemos o que se poderia exigir. Cenário adequado de Lauro Lessa. Apresentação: Teatro de Bólo.

MILTON DE MORAES EMERY



Cacilda Becker e Zeny Pereira, numa cena de "Paol Velho", cartas do T. B. C. a partir do dia 9

Música

Homenagem a Romain Rolland em Paris

OS INTELLECTUAIS FRANCESES, informam as agências telegráficas reuniram-se, por iniciativa dos compositores e músicos, numa grande homenagem à memória de Romain Rolland, por ocasião do décimo aniversário do seu falecimento.

Em grande ato público promovido pela Associação Francesa de Música Vocal, o tenor Claude Lefevre fez a leitura de alguns capítulos da obra do grande mestre francês, "Musiciens d'autrefois" e interpretou peças de Gluck, Lully, Grety, Mozart e Beethoven, despertando prolongados aplausos de enorme assistência.

Ida Miccolis Hussein na TV
O soprano Ida Miccolis Hussein apresentará-se hoje, dia 6, às 13 horas, na TV Tupi, fazendo-se acompanhar por...

comparecerem nos dias e horas acima, perderão o direito de escolha e vaga.

O compositor Claudio Santoro na Polônia Popular

Encontra-se na Europa o compositor e maestro brasileiro Claudio Santoro. Após os concertos em Praga e em Bratislava, sobre os quais esta seção já divulgou várias notícias, o artista brasileiro visitou também a República Popular da Polónia, realizando, em Varsóvia e em várias outras cidades daquele país, uma série de concertos. Notícias da Polónia contam que o regente brasileiro dirigiu dois espetáculos musicais em Varsóvia, perante numerosa audiência, em cujo programa constavam peças de sua autoria e de outros compositores.

atores brasileiros. O público da Capital recebeu com grande simpatia as obras do jovem compositor brasileiro e aplaudiu também, com entusiasmo, as danças de autoria do compositor Camaró Guarnieri.

O êxito desses concertos foi tal que, à volta do compositor de seu giro por várias cidades do país, será realizado em Varsóvia um concerto sinfônico, sob sua direção, cujo programa conterá exclusivamente música brasileira. Este concerto será realizado em sala com capacidade para 5 mil pessoas.

Dr. Armando Ferreira

Clínica Médica - Especialidade: tuberculose e doenças pulmonares, pneumotorax artíficiais
Consultório e residência: Travessa Manoel Coelho 206 - Telefone 5763 - (São Gonçalo)

Aglulhas e Microfones

Sílvio Caldas estréia hoje



SÍLVIO CALDAS estréia, hoje, às 20 horas, na Mayrink Velga. A esta uma notícia, que somente poderá trazer alegria para os ouvintes de rádio. Sílvio Caldas é o maior cantor brasileiro. Veterano intérprete, não sentiu o peso dos anos.

Continua o mesmo cantor de sempre. Nossos compositores, seus amigos, todos que o conhecem, dizem que o que

sucede com Sílvio é uma coisa impressionante. Ele permanece cantando cada vez mais com a mesma saúde de Sílvio. Todos nós queremos ouvir aquelas páginas belas, que sempre ele sabe cantar. Coisas como "Chão de estrelas", "Suburbana", "Três lágrimas", "Vícios em funerais", "Poema dos olhos da amada" e outras tantas melodias de sucesso. Sílvio Caldas novamente no rádio carioca. Não resta a menor dúvida. Este foi o maior acontecimento radiofônico deste início de ano.

AMANHÃ, às 20,30 horas, estreará na Mayrink outro nome de valor: Elizete Cardoso. Dizem que a moça tem impressionado muito nos ensaios. Vamos ficar de rádio ligado amanhã.

E por hoje é só, meus amigos. Não se esqueçam de ouvir logo mais a estréia de Sílvio. Ainda canta muito o velho Caldas.

RADIO-ESCUITA

HOTELEIROS, EM ASSEMBLEIA, REAFIRMAM:

Prosseguirão a Luta Independente Do Curso de Dissídio à Sua Revelia

Membros da Diretoria do Sindicato, em nossa redação — Aos hoteleiros não interessa um dissídio suscitado contra a sua vontade — Unidos e integrados na luta de todos os trabalhadores, conquistarão suas reivindicações

Essa a declaração inicial do Sr. Enos Fonseca Dória, Secretário do Sindicato dos Empregados no Comércio Hotelero e de Similares, ao vir ontem, à nossa redação, acompanhado dos Diretores Miguel Pedro Silva, Tesoureiro, e Alfredo Alves Reis, Diretor de Assistência Social.

NAO CONFIAM NA JUSTIÇA DO TRABALHO

Acertando que falava em nome da Diretoria e expressando o pensamento da corporação, acrescentou o Secretário do Sindicato:

— Esse dissídio, suscitado pelo Ministério do Trabalho de acordo com o decreto 9.070, lei fascista repudiada pelos trabalhadores, foi encaminhado ao T.R.T. após o fracasso das mesas-redondas. Não queremos esse dissídio e não o queremos. Sabemos que se trata de manobra de interesse patronal, além do que evitamos recorrer à Justiça do Trabalho por dois motivos: morosidade com que se arrastam as reclamações dos trabalhadores e parcialidade do Tribunal, que se caracteriza, em todas as suas decisões, pelo seu paternalismo.

CONSEQUÊNCIAS SOB A RESPONSABILIDADE DOS PATRÕES E MINISTÉRIO DO TRABALHO

— O pensamento geral da corporação manifestado na assembleia que vem de se

realizar é o seguinte: qualquer que seja a decisão que venha a pronunciar o T.R.T., os hoteleiros não podem ficar na dependência dela. Como não suscitamos esse dissídio e o repudiamos, prosseguiremos a luta pela conquista de nossas reivindicações como entendemos. As formas, a corporação as escolherá. Todos os nossos esforços, da Diretoria e dos

trabalhadores hoteleiros, têm como objetivo fortalecer a sua unidade e se integrar, numa poderosa unidade de ação, na luta comum de todos os trabalhadores por melhores salários e mais dignas condições de vida.

As consequências que possam advir do pronunciamento do T.R.T. correrão sob a responsabilidade dos empregadores e do Ministério do Trabalho. A nós, como trabalhadores, o que cabe é nos prepararmos, fortalecendo a nossa unidade, nos organizando e tornando o nosso Sindicato dia a dia mais forte e resolutivo, para conquistar nossas reivindicações, seja em que terreno for e recorrendo, se necessário, a formas de luta mais decisivas.

Nas Eleições da Carris: Esmagadora Vitória da "Chapa Vasconcelos"

2.496 contra 1.339 das outras duas chapas reunidas — Vitória da chapa de unidade em todos os locais de trabalho — Detalhes do pleito encerrado na madrugada de ontem

Seguro Social ALBERTO CARMO

O SEGURO SOCIAL NA REPÚBLICA POPULAR DA POLÔNIA

(2)

Além dos novos serviços criados com a libertação do povo polonês do jugo capitalista e do capital estrangeiro imperialista, temos que mencionar o aumento do valor das mensalidades pagas aos aposentados, além dos trabalhadores em geral, foi concedido o auxílio-família, pago por filho ou dependente; a extensão da assistência médico-hospitalar aos aposentados e familiares; e o aumento do valor do auxílio-funeral, que é pago, não só aos trabalhadores e aos aposentados, mas também, por morte de qualquer pessoa da família. Enquanto nos países capitalistas apenas os seguros falecidos, mesmo assim não todos, deixam aos beneficiários o direito de receber o auxílio-funeral, na Polônia Popular, como em todos os países do socialismo e democracia popular, é pago até pela morte de um simples dependente. O recebimento é feito pelos beneficiários ou pelo tutor, no caso de ser o falecido apenas dependente.

E é sempre bom salientar que o direito às mensalidades, e aos serviços prestados pelo Seguro Social Polonês não depende, de maneira alguma, de qualquer contribuição descontada dos salários dos trabalhadores, direta ou indiretamente. O direito aos serviços do Seguro Social é adquirido com o simples fato de ser um trabalhador. Assim o trabalhador não pode ser excluído do direito ao seguro social, como acontece anteriormente à libertação, por má-fé ou negligência do empregador. Basta trabalhar para ter direito a todos os serviços e prestações devidas pelo Seguro Social. Hoje, na Polónia, o trabalhador assalariado, qualquer que seja a natureza do seu trabalho, em cidade ou no campo, qualquer que seja seu sexo, raça, sua religião, seu pensamento político ou filosófico, é um segurante obrigatório do Seguro Social. O Seguro Social, é, hoje em dia, uma parte integrante do contrato de trabalho.

Progressivamente, a assistência médica vem sendo estendida a toda a população polonesa. Hoje toda a população já é atendida pelo serviço médico do Seguro Social em ação conjunta com o Ministério da Saúde. E tudo inteiramente gratuito. Além disso o Seguro Social polonês tem uma legislação especial de proteção às mães e às crianças.

SEGURO-DOENÇA E AUXÍLIO-MATERNIDADE

Os serviços em espécie são os seguintes: assistência médica, medicamentos, tratamentos de cura, aparelhos em geral (ortopédicos, etc.), serviço de prótese, assistência dentária, hospitalização, lugar nos sanatórios (casas de descanso) e assistência nos casos de parto.

Têm direito a receber esses serviços todos os trabalhadores e seus familiares, incluindo os aposentados ou pensionistas, os inválidos de guerra e os militares, os estudantes de escolas secundárias, superiores e das demais.

Todos os trabalhadores têm direito aos serviços médicos a partir do primeiro dia em que trabalham. Durante toda a duração do contrato de trabalho os serviços médicos são prestados sem limitação de tempo. Se for rescindido o contrato de trabalho, o trabalhador e seus familiares têm direito a continuar o tratamento iniciado anteriormente e durante um período de vinte e seis semanas (cinco meses), contadas a partir da data da rescisão do contrato de trabalho.

No caso de tuberculose, mesmo depois da rescisão do contrato de trabalho, não há nenhum limite de tempo e a assistência médica é concedida até a cura total, seja do trabalhador, seja de pessoas de sua família.

(CONTINUA)

VOTAÇÃO POR URNA

Apresentamos abaixo o quadro da votação geral do pleito, com os totais obtidos pelas três chapas nas diversas urnas, cada uma correspondente a um local de trabalho.

| Local | Vasconcelos | Paulino | Rocha |
|----------------------|-------------|---------|-------|
| Sindicato | 24 | 16 | 1 |
| 1ª Seção | 174 | 29 | 49 |
| 1ª (Escola Tráfego) | 340 | 22 | 57 |
| 2ª Seção (urna A) | 110 | 50 | 2 |
| 2ª Seção (urna B) | 210 | 52 | 6 |
| Muda | 55 | 20 | 9 |
| 3ª Seção (urna A) | 70 | 47 | 25 |
| 3ª Seção (urna B) | 83 | 65 | 35 |
| Penhadura | 62 | 56 | 0 |
| Casca | 163 | 23 | 37 |
| Vagão | 124 | 10 | 5 |
| J. B. (L. Machado) | 127 | 99 | 62 |
| J. B. (Fiscalização) | 74 | 52 | 30 |
| J. B. (L. Leões) | 151 | 11 | 38 |
| Gás Fiscalização | 174 | 16 | 8 |
| Garagem Maurity | 80 | 20 | 3 |
| Triagem (urna A) | 201 | 140 | 22 |
| Triagem (urna B) | 56 | 102 | 27 |
| Triagem (urna C) | 135 | 48 | 8 |
| Santa Teresa | 75 | 12 | 25 |
| TOTAL | 2.496 | 890 | 449 |

Nota-se pelo quadro acima que a Chapa Vasconcelos venceu em todos os locais de trabalho, sem exceção, inclusive nas oficinas de Triagem, onde totalizou nas três urnas locais 392 votos contra 290 da segunda colocada.

A NOVA DIRETORIA

É a seguinte a nova diretoria eleita do Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Carris Urbanos: Antônio Joaquim Crespo de Vasconcelos, Jorge Cavadas, João Gomes da Cruz, Luís Floriano da Silva, Manoel Vieira Dias, Ruy Mendes e Mário da Rocha Alves.

SUPLENTE: Demerval

Coutinho de Araújo, Antônio da Silva Agostinho, Ademar Verdan, Alvaro Ribeiro da Silva, Felinto Louro Coares da Cunha, Otilio Filgueira de Brito e Henrique Nunes Belém.

CONSELHO FISCAL: Wilson Fernandes de Oliveira, Jorge Raposo e Norberto Pereira Neves.

SUPLENTE: Manoel Alves de Sá, Antônio de Oliveira Costa e Lucidilo Penco.

REPRESENTANTES NA FEDERAÇÃO: Jaime Machado e Manoel Barbosa da Costa.

SUPLENTE: Sebastião Rodrigues e Juscelino de Lima Brito.



Os tranviários voltaram às urnas e, apesar da pressão ministerialista, deram uma resposta à altura à anulação do pleito anterior, elegendo agora a Chapa Vasconcelos, apoiada por Geraldo Soares, Eliseu Alves e outros líderes da numerosa corporação

SINDICATO DOS TRABALHADORES NA INDÚSTRIA DE MÁRMORES E GRANITOS DO RIO DE JANEIRO

Sede: R. Conde Leopoldina, 270 - 1º andar - Rio de Janeiro

EDITAL

De acordo com as Instruções baixadas com a Portaria nº 11, de 11 de fevereiro de 1954, faço saber aos que o presente virem ou dele tomarem conhecimento, que a chapa registrada concorrente à eleição para a escolha do Delegado-Eleitor deste Sindicato que será realizada no próximo dia 9 do corrente, conforme publicação anterior é a seguinte:

PARA DELEGADO-ELEITOR

Fabriciano Thimoteo Guedes, matrícula nº 38, exercendo a profissão na firma Enrico Guarnieri & Cia.

Rio de Janeiro, 2 de março de 1955.

(a) O PRESIDENTE

Conferência Internacional Dos Trabalhadores da Construção e da Madeira

Já escolhido um delegado brasileiro

Realiza-se entre os dias 17 a 23 de março, em Berlim, a importante Conferência Internacional dos Trabalhadores da Construção e da Madeira, com a participação de representantes de todos os países do mundo. O Brasil é representado por um delegado brasileiro, escolhido pelo Sindicato dos Trabalhadores da Construção e da Madeira (Departamento Profissional da FSM). Essa União Internacional abarca a mais de 6 milhões de trabalhadores em diversas partes do mundo e foi criada no ano de 1949, logo após o 2º Congresso Sindical Mundial, que teve lugar em Milão, Itália.

A Conferência Internacional está aberta a todos os trabalhadores da construção, madeira e materiais da construção, qualquer que seja sua nacionalidade, raça e crenças políticas e religiosas.

A ORDEM-DO-DIA

A Ordem-do-Dia está assim organizada: 1º - Situação dos trabalhadores da construção, madeira e materiais de construção e sua luta para a consecução de suas reivindicações sociais e econômicas; 2º - Tarefas dos sindicatos dos trabalhadores da construção, madeira e mate-

riais de construção no desenvolvimento da luta dos trabalhadores pela ampliação da construção civil e de viviendas; 3º - Melhoramento do trabalho Organizativo dos sindicatos dos trabalhadores da construção, madeira e materiais de construção e 4º - Eleição do Comitê Administrativo da União Internacional dos Trabalhadores da Construção, Madeira e Materiais de Construção.

NO RIO

Intensifica-se em vários sindicatos desses ramos de indústrias os preparativos para o envio da delegação brasileira. O Sindicato dos Oficiais Marcenheiros, do Distrito Federal, já designou o seu delegado, José Jaime Gomes e espera-se que outros delegados ou enviados sua adesão e relatórios à importante Conferência Internacional.

Dr. Joelson Amado
MÉDICO DE CRIANÇAS

Consultório em Copacabana, Rua Michel Lemos, 44, sala 802. Diariamente das 15 às 17 horas. Tel: 27-8936 - Rua: 57-0815.

Vida Sindical

O Ministério do Trabalho designou o Sr. João Batista Vieira para o cargo de administrador do Sindicato dos Camisários da Marinha Mercante, atuando dessa forma a mesa da diretoria eleita, presidida pelo Sr. Apolônio Alves de Azevedo. Não se conhece ainda a chapa única ao pleito e que nenhum recurso havia contra a posse, o que torna ainda mais flagrantemente ilegal o ato do Sr. Alexandre Guimarães.

ESTIVA DE MINÉRIOS

Nos próximos dias 8 e 9, às 18 horas, o Sindicato dos Estivadores de Minas estará ocupado com duas importantes assembleias, as últimas sob a gestão da atual diretoria, presidida pelo Sr. José Jorge. Na primeira assembleia serão prestados pela diretoria esclarecimentos sobre o andamento das reivindicações da corporação. No dia seguinte haverá prestação de contas do período de março de 53 a 28 de fevereiro de 55, bem como a votação dos relatórios dos anos de 1952-53-54.

FEDERAÇÃO DO MOBILIÁRIO

A Federação dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção e do Mobiliário convocou para o próximo dia 9, às 17-30 horas, uma reunião do Conselho de Representantes, para discussão e votação do Balanço do Exercício de 1954 e das contas da Federação no mesmo exercício.

HIDROELÉTRICOS DE JUIZ DE FORA

Empregados e patrões da Indústria Hidroelétrica de Juiz de Fora discutiram em mesa-redonda no Sindicato do Trabalho o aumento de salário reivindicado pelos trabalhadores. Não se chegou a acordo e o processo foi encaminhado ao Tribunal Regional do Trabalho.

AERONAUTAS QUEREM AUMENTO

O Sindicato Nacional dos Aeronautas convocou para a próxima quarta-feira, às 17 horas, uma importante assembleia, em que a corporação votará a autorização ou não à diretoria para instaurar dissídio reivindicando a conquista de um aumento geral de salários.

Atores Teatrais

Realizar-se-á amanhã, às 15 horas, assembleia-geral extraordinária no Sindicato dos Atores Teatrais, Cenógrafos e Cenotécnicos, para a discussão e deliberação sobre assuntos de interesse social.

MESAS-REDONDAS

No próximo dia 8, às 16 horas, a mesa-redonda do Sindicato dos Metalúrgicos encontrará os representantes patronais em mesa-redonda, no Ministério do Trabalho, para discussão sobre as bases do aumento reivindicado pelos trabalhadores metalúrgicos.

ELEIÇÕES

Para Renovação de Diretorias

Sindicato dos Condutores Autônomos e de Veículos Rodoviários — As eleições estão marcadas para os próximos dias 17 e 18 do corrente. Está inscrita uma chapa, encabeçada pelo associado Antônio Alvaro Alonso, para renovação da Diretoria, Conselho Fiscal e representantes no Conselho da Federação. Esta encerra o prazo para registro de chapas.

Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Paving — O pleito foi transferido para 14 de Junho. O prazo para registro de chapas começará a contar a partir de 10 de maio.

Para Delegado-Eleitor

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Têxteis e Couros — Para delegado-eleitor a assembleia de votantes do IAPI — O pleito está marcado para o próximo dia 8. Está inscrito o associado Márcio José da Silveira.

Sindicato dos Têxteis — IAPI — Eleição marcada para amanhã, dia 7. Candidato inscrito: José Martins Ramos.

Sindicato dos Alfaiates e Costureiras — IAPI. Eleição no dia 7. Candidato inscrito: Bruno de Castro.

Sindicato dos Mestres e Construtores de Fiação e Tecelagem — IAPI. Eleição marcada para o próximo dia 9. Candidato inscrito: Manoel Benício Fontenelle.

Sindicato dos Marcenheiros — IAPI — Eleição marcada para o dia 9.

Sindicato dos Sapateiros — IAPI — Esta registrado, como candidato único, o associado José da Costa Furtado.

Sindicato de Hebidas — IAPI — Eleição nos dias 9 e 10. Candidato único: José Pereira da Silva.



PRODUZ NAS FARMÁCIAS E DROGARIAS

PASTA

MODIFICADORA

PARA ALISAR E

TINGIR CABELOS

NÃO QUEIMA, PODENDO TOMAR BANHO DE MAR QUE NÃO SOFRE ALTERAÇÃO

REPRESENTAÇÃO EXCLUSIVA DE:

«GeMarRi» — GEORGE MARQUES RIBEIRO
— RUA DOS ARCOS, 3
S/3 — TEL.: 42-1944

COOPERATIVA DE CONSUMO DOS MARÍTIMOS E CLASSES ANEXAS LIMITADA

Aos marítimos e anexos,

A nossa tradicional união já nos conduziu a memoráveis vitórias e agora, mais do que nunca, precisamos estar unidos e coesos em defesa da subsistência de nossas famílias, na luta contra a ganância e a especulação. Para tal fim, foi fundada a 2 de fevereiro corrente, por um grupo de marítimos, a Cooperativa de Consumo dos Marítimos e Classes Anexas Limitada, registrada no Serviço de Economia Rural, do Ministério da Agricultura, sob o número 4.529, de 27 de abril de 1954 que tem como objetivo:

- a) fornecimento de gêneros alimentícios e de utilidades domésticas a dinheiro e a crédito;
 - b) eliminação dos intermediários ou do maior número possível destes entre produtor e consumidor;
 - c) arrancar das garras usurárias do crédito;
 - d) dar peso justo e retribuir da maneira justa, visando a melhor qualidade.
- Assim sendo, companheiros, tragam o seu apoio a essa iniciativa porque só benefícios terão a ver.
- Endereço: Av. Presidente Vargas 992 — no Rio, Rua Henrique Lage, 1 — em Niterói.

WALDEMAR ARGOLLO (Carioca)



ASSISTÊNCIA TÉCNICA DE ELETRICIDADE E AUTOMOVEIS

Estrada Monsenhor Felix, 325

IRAJÁ — RIO DE JANEIRO

NERVOSOS

do Nervosismo. Sentimentos de inferioridade e insegurança. Ideias de fracasso. Esgotamento. Dificuldades sexuais no homem e na mulher. TRATAMENTO ESPECIALIZADO DOS DISTÚRBIOS NEUROTICOS

CLINICA PSICOLÓGICA

11 e 14 e 16 de 10 - Diariamente
R. ALVARO ALVIM, 21 -
13º AND. — TEL.: 52-3046

Dr. J. Graboia

Membro da "Society for the Psychological Study of Social Issues" — U.S.A.

O Camponês Maranhense Não Tem Nada, só Tem Miséria

VIVEM EM TERRAS DOS OUTROS, PLANTAM POR PROCESSOS RUDIMENTARES — DÃO AOS DONOS DAS TERRAS PARTE DO QUE COLHEM — GRAVIDA DE QUATRO MESES, PLANTAN-DO MANDIOCA — CASSIANO TEM 120 ANOS, MAS TAMBÉM FAZ ROÇADO

CAXIAS (Maranhão), março (Por Hélio Benévolo) — Sem qualquer ajuda técnica ou financeira é como trabalham os camponeses maranhenses. Não têm terras, não têm instrumentos agrícolas modernos, não têm nada. Só têm miséria. Vivem em terras dos outros, plantam roças por processos os mais rudimentares, com o auxílio apenas do facão, da enxada e do machado.

Vivem de forma miserável. Seus lares (se assim se pode chamá-los...) são taperais, cobertas de palha de babaçu, e de chão de barro batido. Móveis, nenhum. Apenas algumas pedras rústicas, uns "banco", feitos de pau, apoiados pelas extremidades em forquilha, um fogão de barro, a "trempe" de três pedras, um pilão. Nada mais. Não há luz elétrica nem armários. Há lamparinas e cofes pendurados nas paredes.

Andam descalços. Seus pés, por isso, são grossos, rachados, e os dedos são abertos. Suas roupas: calça, camisa e chapéu de palha de carnaúba.

TRABALHO

De um modo geral, o camponês maranhense ou é agregado, vaqueiro ou palheiro e está sujeito a uma série de obrigações para com o dono das terras. Se for agregado, pode plantar roçados, contanto que dê ao latifundiário, o, a título de "imposto" certa quantidade do que colher. Em geral, uns dois alqueires de arroz ou milho. O restante pode consumir com a família ou vender a quem quiser. Já com o babaçu acontece diferente: só pode ser vendido ao dono da terra.

Sendo vaqueiro, o trabalho é cuidar do gado. Seus instrumentos são, além da roupa especial de couro, o facão e o vidro de eriolina, que usa sempre que encontra animal ferido ("com bichela", como dizem). Sai de casa ainda de madrugada e só regressa no fim da tarde, depois de ter percorrido toda a fazenda em que trabalha.

O palheiro é quem corta as palhas de carnaúba e prepara a cera, que é vendi-

da exclusivamente ao dono da terra.

GRAVIDA DE QUATRO MESES

Claro que, para o camponês, não existe garantia ou proteção. Abandonados, trabalham doentes ou em outro estado, que não permitia grandes esforços. Na Fazenda Melanc, encontramos Alzira Mota, grávida de 4 meses, plantando mandioca, em um roçado. Perguntamos se não se sentia mal com o esforço que fazia:

— A gente acostuma... Notava-se a força, que fazia, para fender a terra com a enxada. O sol estava quente e a camponesa, suando e ofegante, ia percorrendo, vagarosamente, o roçado. No dia seguinte, voltaria ao mesmo trabalho e assim por diante até a gravidez obrigá-la a permanecer em casa.

FAZ ROÇA AOS DEZ ANOS

Unda na Fazenda Melanc, mora Cassiano José Ribeiro, preto velho, nascido em plena época da escravidão. Perdeu a conta dos anos, que tem de vida. Quando o velho "Fulô" nasceu, eu era homem feito — diz ao ser interrogado. O velho "Fulô" foi um Sr. Flor, que morreu aos 99 anos de idade, aqui, em Caxias. Calcula-se que, quando ele nasceu, Cassiano tinha uns 20 anos, daí concluir-se que tenha, agora, uns 110...

Nunca teve descanso, mas, como os outros camponeses, faz roçado todos os anos. — Gosto de comer verdura verde... — diz-nos.

Este ano, custou a chover no interior do Maranhão. Cassiano reclamava já ter cortado e queimado o mato

de sua roça e está ameaçada de não poder plantar. Choveu. E, no dia seguinte, lá estava ele, apoiado em um comprido bastão, gemendo de reumatismo, franzindo os olhos, para enxergar melhor, a cobrir com terra, cuidadosamente, as sementes e os pedaços da mandioca...

Cassiano não sabe o que é aposentadoria, férias, assistência médica ou outro qualquer direito do trabalhador.

LUVAS SEGURANÇA

PROTECTOR das mãos no trabalho. AS LUVAS SEGURANÇA comunicam que, continuando seus esforços no combate aos acidentes de trabalho e contágio das doenças, apresenta a todos que trabalham pela grandeza do nosso Brasil e pede que experimentem as novas LUVAS SEGURANÇA que estão com rebordos costurados e melhor couro, tendo assim dupla duração.

FABRIL: RUA DA AMÉRICA, 167 Casa 2 — SANTO CRISTO Rio de Janeiro Aceitamos pedidos pelo Correio Postal.

IND. BRASILEIRA

TIC TAC TAC!

CONCERTOS PADRÃO E CADANTIDOS PRAÇA TIRADENTES, 31

Com Mau Tempo a Seleção Carioca Não Jogará Hoje no Recife

Castilho faz um paralelo entre o futebol brasileiro e o húngaro



Castilho no Departamento Médico do Fluminense. Quando se fala no Campeonato Pan-Americano, ele fecha os olhos, lembrando-se da sensacional vitória do Brasil

"Ainda confundimos esporte com guerra", declara o famoso arquiteiro — "Os húngaros, mesmo perdendo a Copa, não modificaram a seleção" — "Aqui tudo é feito às carreiras" — Castilho e a possível saída de Didi do Fluminense — IMPRENSA POPULAR ouve o grande guardião do scrath nacional

«OS MAGIARES JOGAM À VONTADE, MAIS SEGUROS DE SUA CAPACIDADE»

Castilho, ante a nossa primeira pergunta afirma: — Como profissional somente joguei no Fluminense. Tenho nove anos de Fluminense, meu amigo. Estou no tricolor desde 1946. Fui reserva de Rober-tinho naquele ano. Acompanhei, já como jogador do clube, toda a campanha do supercampeonato, — Mas você atuou no Olaria. — Como juvenil. Unicamente como juvenil.

Castilho passa a falar de suas atuações em seleções:

— Em 1949 fui convocado para a seleção brasileira, que disputou o sul-americano. Mas não joguei. Fiquei doente e fui dispensado. Em 1950, você sabe, Barbosa foi o arquiteiro titular de nossa seleção, que venceu a Copa do Mundo. Eu fui o reserva. Ainda em 1950 joguei contra os paraguaios na Taça Oswaldo Cruz. Em 1952 foi o Pan-Americano. Joguei como titular da seleção. Em 53 novamente voltei a seleções. Foi por ocasião do sul-americano, o tal que os paraguaios levantaram. Finalmente em 54 estive presente também à Copa do Mundo.

OS HUNGAROS

«De todos esses certames — acrescenta o famoso arquiteiro — a melhor recordação, que guardo, é o Campeonato Pan-Americano. Vencemos. Conquistamos o título, invictos. Foi uma jornada gloriosa.

Fazemos qualquer referência à última Copa do Mundo. E' o bastante para que Castilho declare:

— A Copa nos foi desfavorável. Porém, foi favorável aos húngaros.

— Os campeões foram os alemães, Castilho.

— Sei, perfeitamente. Explico por que.

O SEGREDO DOS MAGIARES

O repórter acentua um cigarro. Castilho, que não fuma, diz:

— Os húngaros perderam a Copa, mas mesmo assim foram considerados os melhores jogadores do certame. Isso é significativo.

— Você poderia fazer uma comparação entre o nosso futebol e o dos húngaros?

— As características de jogo são semelhantes. O jogador húngaro é vezo, finta bem, atira inesperadamente como o brasileiro. Contudo, eles jogam mais à vontade, com mais confiança, seguros da capacidade, que possuem.

— A que você atribui este fato?

— Creio que isto acontece porque eles jogam juntos há muito tempo. Se não me engano, há quatro anos. Está claro que uma equipe formada por bons elementos e que atua com a sua formação-base há 4 anos tem que impressionar, tem que apresentar um bom futebol. Mesmo perdendo a Copa, eles não modificaram a seleção.

Castilho passa a falar dos brasileiros:

— Nós jogamos bem. Muito bem. Não culpo os jogadores brasileiros pelos últi-

mos fiascos, que fizemos em certames internacionais. Culpo as organizações esportivas. Veja você. Agora mesmo a seleção carioca vai participar do campeonato brasileiro de futebol praticamente sem preparativos. Tudo foi feito às carreiras. Cuidamos mais, é para formar um "scratch" em apenas dois meses. Este é o tempo máximo.

Os uruguaios

— Castilho, é comum dizer-se, às vezes, que os uruguaios estão caindo de produção. Que acha você?

— Os uruguaios? Decadentes? Não acredito. Uma seleção, onde atuam Mattar, Gonzalez, Abadie, Rodrigues, Andrade, não pode estar decadente.

— Favorável ao futebol uruguaio?

— Aprecio o jogo dos orientais. E classifico-os como certames internacionais.

Seleção permanente

— Acha possível a formação de um "scratch" permanente aqui no Brasil?

— Embora seja favorável, considero difícil por falta de recursos da C.B.D. Contudo, desde que surtissem estes recursos, seria uma medida de grande utilidade para o futebol brasileiro. Precisamos competir. Ainda confundimos esporte com guerra. Precisamos sair desse isolamento. Jogar fora do Brasil o maior número de vezes possível. A jogar uma vez por mês fora seleção permanente poderia do Brasil. Creio que lucraria muito com isso. Ganharia categoria. Os jogadores ficariam mais confiantes nêles próprios.

O PRÓXIMO

CAMPEONATO CARIOCA. Passamos a focalizar assuntos locais.

Castilho fala do último campeonato carioca. O Flamengo foi realmente o melhor quadro. Mereceu o título de campeão. Foi uma boa equipe. Bem preparada. Técnica e fisicamente. Costei também da campanha do América.

— E o Fluminense?

— O mal do Fluminense foram as contusões. Não conseguimos jogar duas vezes seguidas com o quadro completo.

— Que espera você do próximo campeonato?

— Ao contrário do que muita gente diz acho bem o plantel do Fluminense. Creio que nosso time poderá aparecer bem no próximo campeonato.

— Mas a equipe tricolor tem pontos fracos.

— Concordo. Porém, qual a equipe que não tem pontos fracos? O que sucede é o seguinte: os pontos fracos de repente passam a jogar futebol. Consequentemente deixam de ser pontos fracos.

GRANDES JOGADORES

— Castilho, quais os jogadores brasileiros que mais lhe impressionaram?

— Entre os antigos: Romeu, Tím, Domingos, Batista, Carreiro, Patisco e o selecido Isaías. Entre os atuais: Rubens, o melhor no



Castilho e o repórter, quando deixavam a sede do Fluminense. O conhecido goleiro mostrou-se entusiasmado com o futebol húngaro

momento, Pinheiro, Santos, Didi e Telê. — E Zizinho e Jair? — Não os citei por descuido. São grandes jogadores, reconheço. Cada um dentro do seu estilo de jogo. Zizinho é o mestre. Já é grande também. Principalmente nos chutes.

O CASO DE DIDI

— Você é contra a saída de Didi do Fluminense?

— Devo dizer inicialmente que Didi jamais tocou neste ponto comigo. Minha opinião sincera é a seguinte: ele fará muita falta ao time, mas a ficar aqui contrariado, atormentado pelos seus problemas, é melhor que se vá, que procure em outro clube a solução para os seus dramas. Não gostaria de tratar deste assunto, pois sou amigo de Didi. Você, porém, me colocou no fogo e, a ter de dar uma resposta qualquer, digo o que sinto realmente.

Gaúchos e Cearenses Hoje em São Januário

O carioca não ficará na tarde de hoje, sem o seu esporte preferido. Isto porque, no Estádio de São Januário, defrontar-se-ão as seleções do Rio Grande do Sul e do Ceará, decidindo a classificação para as semifinais do Campeonato Brasileiro de Futebol. Na certa, teremos um bom espetáculo dado ao ar com que se empregaram os 22 atletas. Muitos colhedores do futebol gaúcharino estarão, sem dúvida, presentes ao jogo...

Pedrinho, Breno, Juarez, Enzo Andrade e Escilio. CEARÁ — Ivan, Nozinho e Gerardo; Veras, Mercê e Dico; Mirto, Piupiu, Cosce, Zeca e Antoninho.

O jogo começará às 17 horas e Mário Viana será o árbitro.

MASSA DE MANDIOCA PURA (Carlma)

Recebemos grande estoque diretamente do Norte Especial para Minas, Goiás, etc.

Casa Barcas de Comestíveis Ltda. Praça 15 de Novembro

HOJE À TARDE NO RECIFE:

Seleção Carioca x Náutico

Persistir o mau tempo, a peleja poderá ser adiada ou mesmo cancelada — Ademir e Rubens, as dúvidas dos metropolitanos — Malcher, o juiz

RECIFE, 5 (P.P.) — Na tarde amanhã, o "scratch" carioca fará a sua primeira apresentação, enfrentando o Náutico desta Capital. O perfil vem despertando o máximo interesse não só pelas qualidades individuais dos pupilos de Martim Francisco como também por se constituir no primeiro teste da seleção carioca, que disputará o Campeonato Brasileiro de Futebol. Para se ter uma idéia do prestígio do futebol carioca basta dizer que a renda do encontro está estimada entre 350 a 400 mil cruzeiros, o que significa recorde absoluto no Recife. A equipe do Náutico está encabeçada a oferecer seria resistência, tendo conquistado o campeonato pernambucano. O jogo

está programado para o Campo de Esporte, na Ilha do Retiro.

BOM O «SCRATCH»

No reduto dos cariocas reina o otimismo. Os jogadores estão bem dispostos e confiantes numa boa exibição. Da mesma forma o técnico Martim Francisco, que apesar de seu comedimento, não esconde a sua confiança no "scratch". Martim disse à reportagem que o time ainda não está 100% entrosado, mas já vislumbra alguma coisa de conjunto.

Os únicos problemas são Rubens e Ademir. A própria torcida pernambucana não esconde a sua apreensão ante as ausências do Dr. Rubens e do famoso Quelxado. No entanto, o Dr. Mário Tourinho acredita em colocá-los aptos até o momento da refrega. Martim, prevendo-se, tem de sobreaviso Dino, para o lugar de Rubens e Leônidas, para o lugar de Ademir. A equipe carioca deverá

formar com Hélio, Mirim e Pinheiro; Dequinha, Osvaldinho e Santos; Garrinha, Rubens (Dino), Ademir (Leônidas), Didi e Nívio.

O NAUTICO

O campeão pernambucano formará com Manoelzinho, Culca e Lula; Gilberto, Gago e Jaiminho; Ivanildo, Hamilton, Ivson, Rubinho e Jorginho.

O prêmio tem o seu início previsto para às 14 horas e será disputado ardorosamente.

Funcionará como juiz o Sr. Alberto da Gama Malcher. O segundo jogo dos cariocas está marcado para o dia 9, quarta-feira.

PODERÁ SER ADIADO

Em face do mau tempo relutante nesta Capital poderá ser adiado ou mesmo cancelado o encontro — exibição dos cariocas.

Martim Francisco é contra a realização da peleja com mau tempo.

PELO SUL-AMERICANO DE FUTEBOL:

Hoje em Santiago Chile x Peru

SANTIAGO, 5 (Serviço Especial) — Jogarão amanhã, pelo Campeonato Sul-Americano de Futebol, as representações do Chile e do Peru. A imprensa e a maioria dos desportistas apontam o quadro argentino como o vencedor do jogo, haja vista a sua estréia espetacular, abatendo o Equador por 7 x 1. Mas há os que acreditam nos inca, que ao derrotarem-se com os chilenos dão tudo que podem. As equipes:

CHILE: Escuti, Almeida e Carrasco; Eduardo Robledo, Alvarez e Cortes; Hormazabal, Melendez, Jorge Robledo, Muñoz e Guillermo Diaz. PERU: Suarez, Bedoya e

Delgado; Garrido, Lavalle e Heredia; Navarrete, Barbadiño, Castillo, Mosquera e Gomez Sanchez.

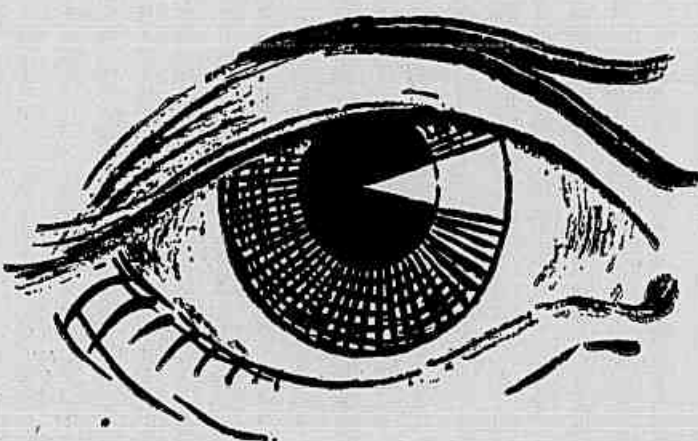
ESTREIAM OS URUGUAIOS

Está despertando grande interesse a estréia dos orientais, que dar-se-á, na quinta-feira, contra os paraguaios. O outro jogo programado, nesse dia, é Argentina x Equador.



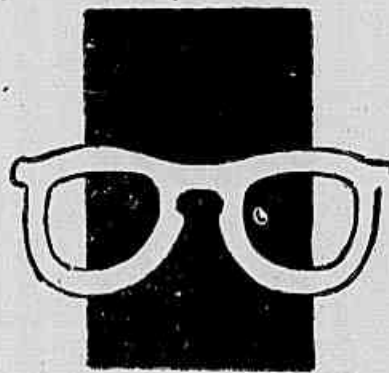
"Didi fará falta ao Fluminense", assegura o goleiro da seleção nacional

SEGURO DE VIDA PARA OS SEUS OLHOS...



O consciencioso exame de vista realizado pelos nossos competentes médicos e a exatidão, nos mínimos detalhes, com que preparamos as lentes dos seus óculos, constituem verdadeiro seguro de vida para os seus olhos. Venham conhecer nossa organização e traga este anúncio para aproveitar uma oferta excepcional!

CONSULTA MÉDICA GRATUITA! 10% de desconto



ÓTICA S.MIGUEL LARGO DE S. FRANCISCO, 23 - 1.º andar

Oficina especializada em consertos de máquinas fotográficas, binóculos, microscópios, teodolitos, etc. Revelação de filmes e venda de material fotográfico das melhores marcas.

Instalações elétricas hidráulicas — Gás e esgoto. Lauro Landulfo Magalhães (Registrado) Rua Caruana nº 464, c/ 5, apt. 102 — Telefone: 55-9078.

ROUPAS A CRÉDITO

CAMISARIA — ALFALATARIA — ARTIGOS PARA HOMENS — CONFECCOES PROPRIAS

JEWEL

Av. Treze de Maio, 23 Sala 932 — Edifício DARK — Tel. 32-6583



CASIMIRAS TROPICAIS E LINHOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS — CASIMIRAS

M. FERNANDES Importadores

Rua Evangelista de Souza, 45-C loja — Telefone: 42-1519 e 42-8443. Aceitam-se encomendas pelo Rodoviário.

TIPOGRAFIA

TRABALHOS GRAFICOS EM GERAL

PREÇOS MODICOS — RAPIDEZ E PERFEIÇÃO

RUA LEONCIO DE ALBUQUERQUE, N. 62 — DISTRITO FEDERAL

MODERNO



Consertos originais para apartamentos. Grande estoque de peças avulsas.

A solução moderna é montar o apartamento com peças adequadas, sem o antiquado recurso de móveis estandardizados.

Disponíveis de peças avulsas para todos os compartimentos do mobiliário, dos mais variados estilos e modelos.

MOBILIARIA REAL

RUA DO CATEQUISMO, 22 - 1.º andar - FONE: 22-8158 - FULMAY, S. A. COPOACABANA, RJ. (RIO DE JANEIRO)

"O MORRO DO BOREL É NOSSA CASA, DAQUI NÃO SAIREMOS!"

OS BARRACOS QUE O SR. MARCONDES NÃO RECONHECE COMO CASA — TRAMA DOS GRILEIROS CONTRA SEIS MIL MORADORES — O "NÃO" DOS FAVELADOS CONTRA A INJUSTIÇA DE UM JUIZ

Na semana que passou, um juiz distante e tranqüilo mandou despejar o Morro do Borel. Talvez saiba vagamente onde se localiza o morro, lá pros lados da Tijuca, uns terrenos legalmente ocupados por uma gente de somenos, pessoas que vivem sob o olhar da Polícia e n'lo das famosas batidas contra ladrões e malandros... Os grileiros que querem assaltar os terrenos do Borel arranjaram uma escritura, fizeram a ação contra um sublocador que, por sua vez, como cúmplice, não se defendeu e permitiu que o juiz, do alto de suas tamancas, concedesse o mandado de despejo. E a vítima inocente, distraída, desprezada, de toda a trama cruel, foi a população do morro.

A MODA «LUCRECIO»

O morro foi sempre a moradia do povo. Mesmo no tempo em que lá morava o guarda-mato Manoel Desiderio, com densa arvoredo, muito bananal, muito bicho, inclusive onça, já havia moradores pela aba do morro. Era gente cruzada e Rio Maracá, andando pelas chácaras, se abrigando. Por exemplo, o Sr. Francisco Xavier Nobrega mora há 23 anos no Borel.

— Sou do tempo em que passava o bonde «Alto da Boa Vista» pela Rua São Miguel. Isto aqui era bananal e muito fechado.

E agora?

— Querem agir aqui a modo de «lucrécio».

— Como, seu Francisco?

— A pelo, botar a gente de nossos lares a péso de metralhadoras. Para onde? Para o Borel do Mato? Mas tudo é mentira. Que barracos na Boca do Mato podem coibir seis mil viventes deste morro?

Quanto à conversa de que os grileiros oferecem cinco mil cruzeiros e um barraco na Boca do Mato, lá no morro ninguém sabe, ninguém confirma e respondem que é mais uma emboscada contra a população.

NÃO É CASA, DIZ O SR. MARCONDES

Grande parte da população trabalha na Souza Araújo, Brahma ou fábrica de tecidos, em Maracanã. Estão a pouca distância de seu trabalho.

D. Maria Gonçalves Luiz é velha moradora do Borel. Conheceu o velho Desiderio, viu-o morrer.

— Não quis ir para o hospital, quis morrer neste chão.

D. Maria Gonçalves Luiz leva-nos à sua casa.

Num despacho muito seu, o Sr. Marcondes, Ministro da Justiça, mandou prosseguir as batidas policiais contra os favelados. E chega a dizer que um barraco não é propriamente uma casa, embora possa merecer o direito de inviolabilidade do domicílio e o alvará da polícia, essa pode violar.

D. Maria mostrou o seu barraco.

Que é uma casa na opinião do Sr. Marcondes? É o seu apartamento de Maracanã, são os palácios onde se acolhem príncipes e duquesas e outros parasitas internacionais para a chapanholagem. São as belas vivendas das Guinle em Te-

resópolis com falsões e piscinas. Lugar onde pobre mora, na opinião do Ministro, não é casa, pode ser invadido a qualquer hora pela bota e pela metralhadora do Sr. Cortes.

CASA TÃO INVIOLÁVEL QUANTO AS OUTRAS

E aqui estamos conversando com D. Maria, no Morro do Borel, na sua casa.

— Este barraco tem mais de 15 anos. A cobertura é de zinco. Comprei as tábuas e um conhecido, chamado Ernesto, assalhou.

No quarto, o chão é de cimento vermelho. Esta é a cama, um guarda roupa, objetos familiares. Na sala —

a casa tem duas peças — quadros relíquias em que se destaca São Sebastião. Sobre a mala grande, um vaso de urucum com que D. Maria dá cor ao seu arroz. Os netos aparecem. Aqui e ali uma lembrança da família, a tábuas, o quadro, o ferro de engomar, o espelho do móvel, tudo isso foi obtido à duras penas, no trabalho da Souza Cruz, onde D. Maria é operária. Tudo isso, palmo a palmo, peça por peça, rádio, lençol, lâmpada, tudo isso é lar, é família, é casa. Mas o Sr. Marcondes faz distinção entre povo e a sua «sociedade». A «sua sociedade» MORA, e o povo NÃO MORA, logo o povo não tem casa e assim pode a polícia invadir, bater, despejar.

— Não tenho para onde ir, se me botarem daqui para

fora. Trabalho na Souza Cruz. Envelheci lá. Não ganhei ainda aposentadoria porque o patrão aposenta quando a gente vai para o Caju.

OS FAVELADOS RESPONDEM: NÃO!

Envelheceu na poeira do fumo, humilde, anônima, moradora do Borel. Ali é a sua família. Aquela morro está cheo de gente assim, povoado de casas, embora sejam chamados de barracos, onde moram os produtores do fumo, do tecido, das bebidas, da riqueza de alguns senhores.

Agora, como prêmio, estão ameaçados de despejo. Em vez de lhes ajudarem a melhorar a moradia, e dar mais água, mais escolas, mais higiene — vem despejar em cima de seis mil viventes favelados. Essa é a decisão do juiz, do m'nstro, do grileiro. Mas não é a opinião dos favelados que decidem diferente.

Por isso mesmo, duas vezes o juiz mandou despejar e despejo não houve.

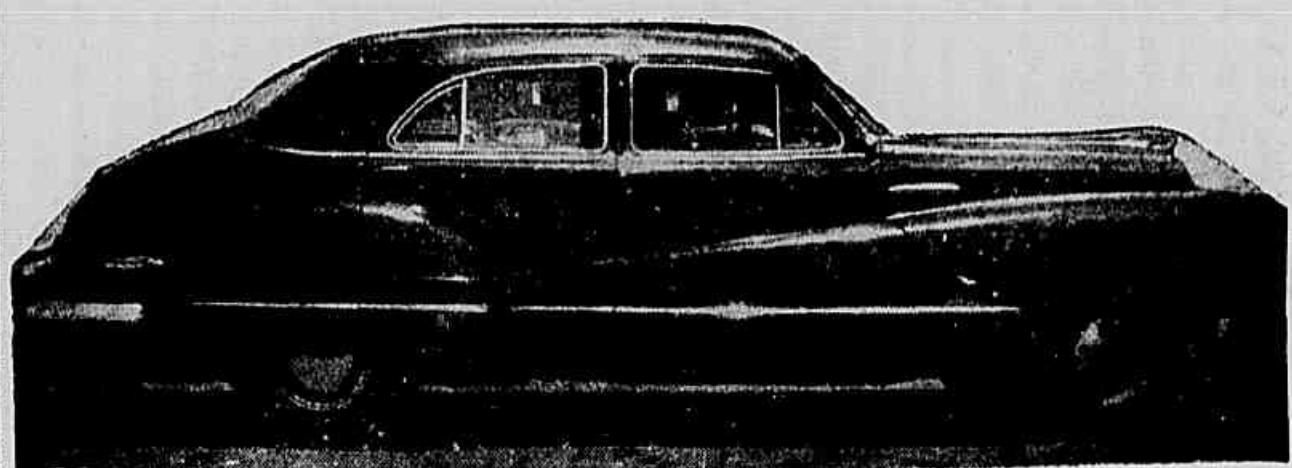
Os favelados respondem: não!

E' um não por justiça, dito com a maior autoridade que existe na face da terra: a autoridade do povo.



Aqui está o interior de um barraco do Morro do Borel, onde mora uma família. Mas o Sr. Marcondes Filho, Ministro da Justiça, acha que não é casa. Casa só podem ser os apartamentos de luxo e os palácios com piscinas, falsões e tapetes dos milionários. Por isso, considera natural que o Sr. Cortes mande invadir esta sala, despejar esta família e entregar os terrenos aos grileiros.

A IMPRENSA POPULAR EM TODAS AS MÃOS



Trata-se, como se vê, de um belo automóvel e para conquistá-lo tanto os funcionários como os leitores e amigos da I. P. não pouparam esforços.

VAMOS GANHAR ESTE AUTOMÓVEL PARA A "IMPRENSA POPULAR"?

Uma iniciativa da Comissão Promotora, cuja decisão está nas mãos dos funcionários da I. P. e dos nossos leitores e amigos — E nossa reportagem está precisando de transporte!

UMA EXPERIÊNCIA PARA OS COMANDOS DE HOJE

NO ÚLTIMO domingo, Lúcia Silva vendeu 406 exemplares da I. P. Uma pergunta que muitos comandistas nos têm feito é a seguinte: — Mas ela carrega todos esses jornais? — Claro, que não. Seria um grande volume e um grande peso. Por isso, o comando de que ela faz parte tem postos volantes de distribuição, por exemplo, o automóvel de um amigo da I. P., que vai abastecendo os comandistas à medida que suas cotas se vão esgotando. Além do automóvel, podem ser usadas casas comerciais de pessoas conhecidas dos comandistas ou residências de outros amigos da I. P. localizadas perto do local onde esteja sendo realizado o comando.

Temos, hoje, uma auspiciosa notícia para os leitores e amigos da IMPRENSA POPULAR: a Comissão Promotora do «Mês da Imprensa Popular», por sugestão do romancista Jorge Amado, resolveu oferecer um grande e bonito automóvel a um dos três maiores órgãos da imprensa democrática. A idéia foi acolhida com entusiasmo. Mas, desde logo, surgiu uma questão: a quem seria dado o carro? A IMPRENSA POPULAR, a «Voz Operária», ou ao diário paulista «Notícias de Hoje»?

A solução não tardou a ser encontrada. Nossos leitores e amigos já a estarão adivinhando: uma emulação, entre os três órgãos, no «Mês da Imprensa Popular».

Assim, pois, apossamos-nos em tornar pública a iniciativa da Comissão Promotora, ao mesmo tempo, que, desde já, fazemos um ardente apelo aos nossos leitores e amigos: Conquistemos para este jornal o automóvel! Que ele venha para a IMPRENSA POPULAR!

BASES DA EMULAÇÃO
De acordo com o estabelecido pela Comissão Promotora, terá vencido a emulação quem melhor realizar a campanha do «Mês da Imprensa Popular», atingindo e superando os objetivos estabelecidos, a saber: a) aumento da difusão em 100 por cento; b) efetiva melhoria da apresentação gráfica dos jornais e melhor qualidade das suas matérias; c) organização, em caráter permanente, do corpo de correspondentes; d) organização de um movimento ajuntista permanente com o maior número de sócios.

Como se vê, nos quatro objetivos acima estão condensadas todas as tarefas do «Mês da Imprensa Popular». Pode parecer que as relativas às finanças, à coleta de recursos financeiros, não contam na emulação. Entretanto, chamamos a atenção dos leitores para o fato de que as tarefas referentes às finanças estão implícitas não só no aumento da difusão (compra de máquinas, veículos, etc.), como na melhoria da apresentação gráfica (compra de novas máquinas, tipos e material tipográfico, em geral, instalação de uma gravura, etc.) da qualidade das matérias (proporcionando maiores recursos à redação) e na própria organização do movimento ajuntista de caráter permanente.

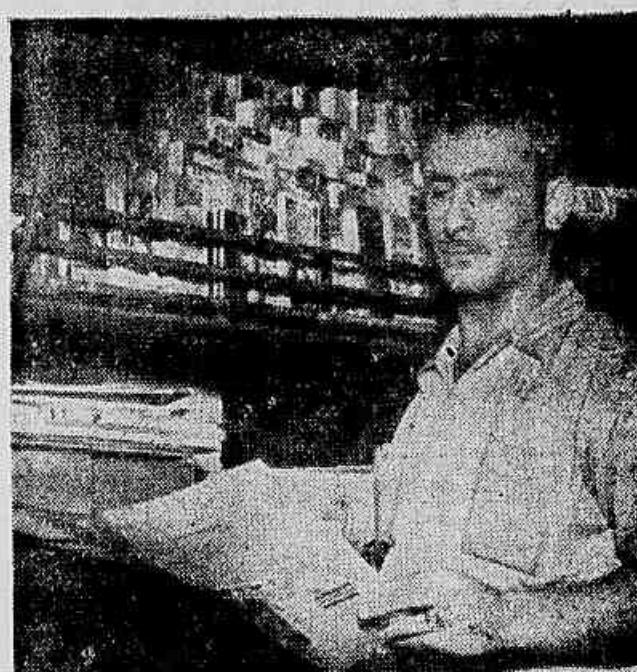
ção de uma gravura, etc.) da qualidade das matérias (proporcionando maiores recursos à redação) e na própria organização do movimento ajuntista de caráter permanente.

NAS MÃOS DOS NOSSOS LEITORES E AMIGOS

Acha-se, pois, lançada a grande emulação. Está em nossas mãos — nas dos funcionários da I. P., como nas dos nossos leitores e amigos — conquistar para o nosso jornal o belo automóvel. Será uma grande coisa, amigos, sobretudo para o setor da reportagem, que terá transporte rápido para atender às solicitações que recebermos e a que, hoje, muitas vezes não podemos atender.

Vamos sair para a vitória!

SEU AMIGO, O JORNALEIRO



Dalmaso chegou ao Brasil há 4 anos, vindo de Paula, Itália, onde a vida não estava nada boa. Dalmaso Novello, este é seu nome completo, mora com sua velha mãe, que lhe faz recordar frequentemente a pátria distante, preparando suculentas macarronadas. Trabalha na banca da Avenida Almirante Barroso, entre as Ruas Debrét e Graça Aranha, desde que chegou ao Brasil. Nas horas vagas — e não são poucas — divertia-se assistindo a um bom filme (italiano) ou a uma partida de futebol no Maracanã. Dalmaso Novello sempre expôs a IMPRENSA POPULAR em sua banca e essa é uma das razões da boa venda que faz diariamente.

DUAS IMPRENSAS

INDIQUEMOS algumas das fontes que alimentam a máquina de desinformação e calúnia que são os «Diários Associados».

Grupos de tubarões nacionais e internacionais sustentam o negócio. Isso sem falar nos assaltos frequentes no Banco do Brasil. Ainda há pouco o Deputado Rafael Corrêa de Oliveira declarou que Assis Chateaubriand, gerente do negócio infecto e que tem causado mal enorme ao nosso país, deve ao Imposto de Renda cerca de cinquenta milhões de cruzeiros. Mas, vamos citar alguns nomes que aceitam a gazuza de Chatô: Getúlio Vargas, o falcão da imprensa, mantida pelo carinho do povo, é a imprensa popular. Por isso, a qualquer hora, pode entrar em nossa redação, um trabalhador anônimo, um operário, um lavrador injustiçado, uma pessoa que defenda uma justa causa e aqui encontra sempre o seu jornal.

Esses jornais pensam e informam segundo as conveniências e os negócios de seus financiadores. O povo não pode esperar dessa imprensa? E de onde espera, então?

Espera de uma imprensa limpa, que repele os milhões daqueles magnatas, não vende a sua informação e o seu pensamento como se fossem mercadorias. Essa imprensa, mantida pelo carinho do povo, é a imprensa popular. Por isso, a qualquer hora, pode entrar em nossa redação, um trabalhador anônimo, um operário, um lavrador injustiçado, uma pessoa que defenda uma justa causa e aqui encontra sempre o seu jornal.

CONTINUA FECHADO O HOSPITAL DE MERITI

Construído, não foi até agora inaugurado devido às tricas políticas — Outros dois sérios problemas: o telefone e a passagem do trem

A população de São João de Meriti continua reclamando a inauguração e o funcionamento do Hospital, cujas obras foram iniciadas desde 1949. Mas as tricas políticas locais não permitem seja aberto o hospital, prejudicando grandemente o povo cada vez mais necessitado de assistência médica sanitária.

O próprio povo ajudou a construir o edifício do hospital. Formou-se, então, uma Mordomia que angariou doativos e dirigiu a construção. Agora, abre ou não abre, eis a questão política.

No tempo em que o Prefeito era da UDN o hospital não abriu porque o Governo de Amador Peixoto não lhe deu essa vantagem eleitoral ao ude-nista. Presentemente, o Prefeito é peessedista e consta que vai, finalmente, mandar abrir o hospital.

Mas, quando é? E a pergunta da população.

A AFLIÇÃO DO TELEFONE

Ter doente em São João de Meriti significa enfrentar um drama angustiante por-

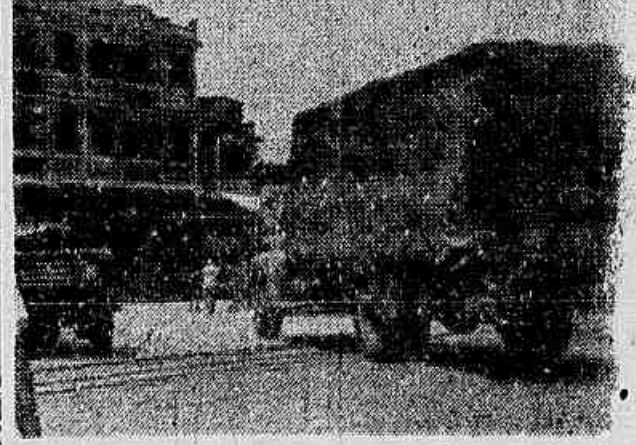
que não há ambulatório. O SAMDU, como sempre, não chega sendo depois de três ou quatro horas de espera, e há um telefone que é uma longa aflição para o povo de São João de Meriti.

O telefone é um só. Seu dono pertence à UDN e tem o apelido de «Ganha Pouco». A fila dos que tentam utilizar o aparelho é sempre grande. O telefone leva horas e horas para fazer uma ligação.

UMA CANCELA NA PASSAGEM DO TREM

Outra reivindicação da cidade: uma cancela nas linhas da estrada de ferro. Quem passa pela linha sofre o risco de ser apanhado pelos trens. Frequentemente acontecem desastres. Há pouco foi morta uma jovem senhora e um trabalhador teve a perna cortada.

Abriu o hospital, melhorar o telefone, remover o lixo, colocar a cancela, são algumas das reivindicações mais urgentes de São João de Meriti.

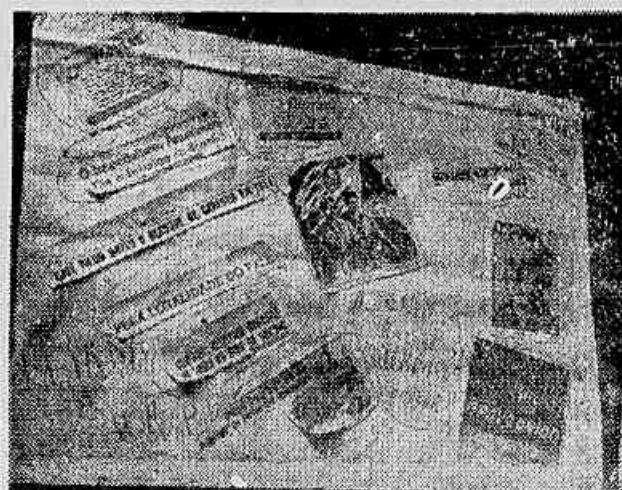


Na passagem da linha do trem, tem havido mortes. Ainda há pouco morreu uma moça e um pedestre teve a perna amputada. O povo reclama uma cancela. Até quando — Segundo seria a cancela?

CAMPEÕES DA DIFUSÃO

Vender 50 jornais em menos de uma hora, é sem dúvida um bom índice para qualquer comandista. Com essa média, facilmente pode-se caminhar para bater recordes no «Mês da Imprensa Popular». Pois bem; no domingo anterior, o leitor Francisco, de Vila Isabel, conseguiu atingir aquele índice. Para obtê-lo, e a experiência deve ser aproveitada, não fez mais do que apregoar pelas ruas do bairro a reportagem que a IMPRENSA POPULAR publicou sobre o problema da saúde pública. Entre os que compraram o jornal em suas mãos, estavam numerosos comerciantes. Francisco pretende repetir seu êxito no comando de hoje e muitos comandistas poderão fazê-lo também, seguindo seu exemplo.

MURALS EM COPACABANA



Três murais de recortes de IMPRENSA POPULAR foram colocados sexta-feira última, à tarde, na Avenida Nossa Senhora de Copacabana. Um deles, que se vê na foto acima, atraiu bastante a atenção dos transeuntes e por certo contribuiu com uma boa parcela para a propaganda de IMPRENSA POPULAR naquele populoso bairro carioca.

LANÇAMENTO DO "MÊS DA IMPRENSA POPULAR"

NO ESTADO DO RIO

Ato público, depois de amanhã, na sede da Associação Fluminense de Jornalistas

O lançamento oficial do «Mês da Imprensa Popular» no Estado do Rio será depois de amanhã, dia 8, num grande ato público a realizar-se na sede da Associação Fluminense de Jornalistas, este almente cedi-

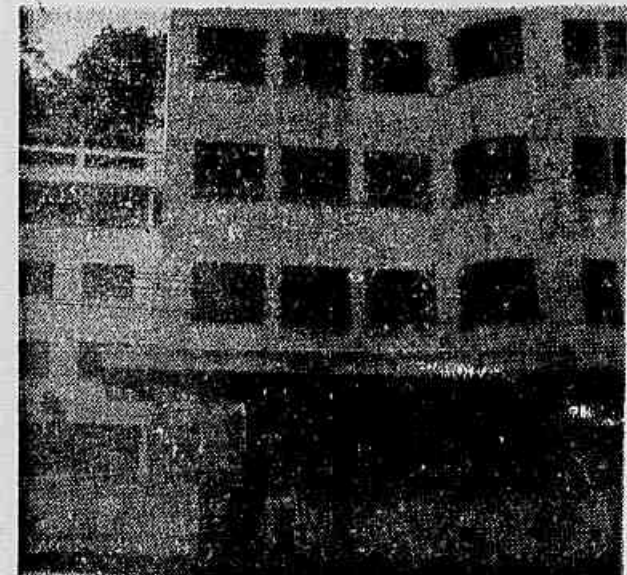
da para esse fim pelos confrades da diretoria da daquela entidade, tendo à frente o jornalista Carlos Guimarães, seu presidente.

Ata deverão compare-

cer diversas personalidades, parlamentares e jornalistas.

CONVITE AO POVO

A Comissão Estadual do «Mês da Imprensa Popular» convida a todos os trabalhadores, jovens, estudantes, comerciantes, funcionários, intelectuais e o povo fluminense, em geral, para esse grande ato. A sede da Associação fica à Rua da Conceição, 143, sobrado, iniciando-se a sessão às 20 horas.



A maternidade do Instituto Figueira poderá desaparecer a qualquer momento

NO INSTITUTO FIGUEIRAS

Por Falta de Verbas Desaparece a Maternidade

Por culpa do Ministério da Saúde, está ameaçada de fechar a Maternidade do Instituto Fernandes Figueira, situada, na Avenida Rui Barbosa, na praia de Botafogo. Praticamente já não atende mais ninguém. Dos seus 85 leitos, apenas 9 estão, atualmente, ocupados por cinco gestantes, três puerperas e uma em ginecologia. Suas enfermarias estão desertas, ordenadamente despostas.

No ano passado, nasceram na Maternidade apenas 200 crianças, quando sua capacidade é muito maior.

FAIXAS CAINDO

Os mosaicos da parede da sala de anestesia estão caindo e, como não são recolocados, ficam empilhados a um canto. A porta da sala de operações está com o aparelho de amortecer batidas, quebrado. Por sua vez, o foco refletor da mesa de operações está com o vidro quebrado há vários dias. E, se ainda não foi consertado, é porque, naturalmente, não está sendo usado.

ENFERMEIRAS

Uma das mais sentidas deficiências, na Maternidade, é a de enfermeiras. Atualmente, como fomos informados, trabalham, ali, 14, quando o número necessário é de 50, no mínimo.

Das 14, nada menos de 10

vão passar em breve para o serviço da Prefeitura, de forma que ficarão apenas 4 em serviço na Maternidade, número por demais insuficiente ao seu funcionamento normal.

ABANDONADA

Isto está acontecendo com a Maternidade, apesar dos insistentes reclamos do seu diretor, Dr. Clóvis Corrêa da Costa. O Ministério da Saúde não lhe dá qualquer facilidade ou ajuda capaz de regularizar o funcionamento daquela casa de saúde. Ao contrário: faz ouvir de mercador às solicitações que lhe são dirigidas.

Tanto o Sr. Mário Pinotti, como o Sr. Miguel Couto Filho, quando Ministros da Saúde, estiveram na Maternidade, sendo identificados de tudo o que com ela ocorria. Não deram, porém, qualquer solução, como não fez, até agora, o Ministro Arnanis de Almeida.

ZELO

A Maternidade ainda está em funcionamento graças ao empenho do Dr. Clóvis Corrêa da Costa, que lhe deu grandes esforços. Daí se encontram bem cuidadas as enfermarias, os aparelhamentos, etc., o que revela zelo pela sua conservação. Apenas aquilo que depende do emprego de verbas, como os consertos e reparos, está por fazer.

VARSOVIA, 5 (U. P.) — Entre os 41 representantes de 16 países concorrentes à 1ª prova do V Concurso Internacional Frederik Chopin classificarão-se os seguintes: Srta. Silveira Caldas (BRASIL), Michel Mathies (Ingl.), Malinee Perio Celado, Postiglione (Itália), Monique Duphil e François Le Gonidec (França).

«CARTA A AMIGOS NO OCIDENTE»

UM ARTIGO DE ANA SEGHERS

A grande romancista alemã fala sobre o ofício do escritor (Leia na terceira página)

VIAGEM EM BUSCA DO HOSPITAL JESUS — FALTA DE PROTEINA OU OUTRA PALAVRA: FOME — NEM LEITO NEM REMÉDIOS PARA OS FILHOS

(Reportagem de DALCÍDIO JURANDIR)

MARTÍRIO E MORTE DE CRIANÇAS NO RIO

NÚMEROSOS são os mistérios daqueles passageiros que os trens da Central, tumultuosamente, derramam na D. Pedro. Poderíamos dizer, com facilidade: o mistério é o trabalho. Vão trabalhar. Mas nos pen-

co, a mãe velou o filho que agora leva, sumidinho, nos panos velhos, rumo à Vila Isabel.

— A senhora não sabe o sacrifício. Pegar um trem lá de Bangu, chegar na hora da consulta, heim! Meu filho neste estado...

A outra mãe espicha o rosto, olha para o filho alheio, que parece sem salvação. O dela, decerto, está um pouco melhor neste estado...

CONCLUI NA 2ª PAG.

Lá da Leopoldina

Também de madrugada saiu alguém de longe, lá da Leopoldina, trazendo um embrulho no colo. É uma senhora crioula, de olhos fundos, um ar de fadiga em todo o semblante consumido pelos dias e noites de trabalho e preocupações. Vem silenciosa no assento do trem, sem ter tomado café, sem um alimento, naquela agonia de salvar o filho.

De todas as direções

Assim outras mães chegam de Mangueira, de Senador Camará, de Madureira, de ruas da Central, que não existem na imaginação nem no conhecimento da gente do asfalto ou, principalmente, das ilustres pessoas que desistem neste país. De todas as direções, vêm as pobres mães com seus dentinhos no colo, cheias de uma esperança ansiosa para chegar à Vila José Maurício, Vila Isabel.

Algumas delas, ou dezenas, estiveram nos hospitais ou centros de Saúde de seu subúrbio, na romaria em busca da salvação de seus filhos. Mas os hospitais de Leopoldina, da Central do Brasil, até do Estado do Rio, não possuem recursos para atender às crianças enfermas daquela gravidade. Mandam-nas para a Vila Isabel porque ali existe um hospital acolhedor e amplo, com milhares de leitos, dezenas de médicos, remédios em fartura...

Durante a viagem

Algumas travam conversações durante a viagem, falam de seus bebês, sorriem da coincidência: vão ambas para o ambulatório do Hospital Jesus.

A intimidade se aproxima e brotam confidências:



Morrem milhares de crianças no Rio por falta de hospitais

samentos, ansiedades e cuidados de tanta gente que chega aos apertos, correndo riscos, contando os minutos por temor ao atraso, — há mistérios diferentes, desfeitos na luz do sol já alto.

Por exemplo, esta senhora que vem dos fundos do subúrbio, no trem da madrugada, com a criança no colo? Irá trabalhar? Aonde vai?

Sumidinha nos panos, ali está a criança sem um movimento, por sono ou por extrema fraqueza. Durante a noite, passou mal, chorou fracamente com esse choro que só as mães adivinham:

o choro das crianças quase agonizantes, que se despedem da vida tão breve, que ao coração da mãe é como um grito desesperado de suas entranhas. Noite em claro, no barra-



Cena dramática do filme "Mãos Sangrentas", produção de Roberto Acácio

O CINEMA É CONTRA A GUERRA

Entrevista com o produtor Roberto Acácio na 4ª pag.

O II Congresso de Escritores Soviéticos

Reportagem de Jorge AMADO

Na foto: Vista geral do plenário do II Congresso dos Escritores Soviéticos na Sala das Colunas do Palácio dos Sindicatos, em Moscou. (Texto na 5ª página)



GERARD PHILIPPE FALA DE "O VERMELHO E O NEGRO"

(LEIA NA 4ª PAGINA)



«TIMON DE ATENAS» NA CENA TCHECA

PRAGA, 5 — O teatro regional de Hradec Králové pôs em cena a tragédia «Timon de Atenas» de William Shakespeare. É um ato cultural, pelo qual este teatro precedeu muitos teatros grandes, não só na Tchecoslováquia, mas também do outros países, porque a história do misantropo Timon, da pena do genial Shakespeare, é desatada pelas cenas de quase todo o mundo.

Talvez em nenhuma das suas peças Shakespeare critique tão sarcástica e inexoravelmente a sociedade, cujo impulso vital é o dinheiro, causa de todo o mal que deforma as relações entre os homens. Talvez em nenhuma das suas obras ele abuse tão impiedosamente as camadas sociais moralmente pervertidas e corruptas. Naturalmente, também em «Timon» o grande Shakespeare nos mostra, em contraste com a moral egoísta e falsa da gente da «alta» ateniense, a face do bem, nas pessoas de simples criados que guardam a fidelidade e amor ao seu amo, empobrecido e rejeitado pelos nobres, que se tratam por «fellow», amigavelmente e que se entregam leal e sinceramente, na miséria.

DJANIRA VOLTOU DA BAHIA

«Já assinei o apelo contra a bomba atômica»

★

Com os trabalhadores dos canaviais

★

Quadros para o Museu de Antêbas

★

Entrevista na 5ª página



Alguém me disse, comentando a discussão do Congresso: «Discutem, discutem, mas no fim estão todos de acordo. Se alguém quiser escrever um livro...

ITERA

contra o regime, não pode. Sem dúvida, ninguém pode escrever um livro contra o regime. Mas não só porque as leis não permitem, não só porque os tribunais defendem esse regime, mas, e sobretudo porque nenhum escritor soviético deseja escrever contra o regime, todos eles e

A DISCUSSÃO no II Congresso teve bem presente um trecho da mensagem de saudação do C.C. do Partido: «O realismo-socialista permite manifestar uma ampla iniciativa criadora, ao eleger diversas formas e es-
los, em consonância com

1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024, 2025, 2026, 2027, 2028, 2029, 2030, 2031, 2032, 2033, 2034, 2035, 2036, 2037, 2038, 2039, 2040, 2041, 2042, 2043, 2044, 2045, 2046, 2047, 2048, 2049, 2050, 2051, 2052, 2053, 2054, 2055, 2056, 2057, 2058, 2059, 2060, 2061, 2062, 2063, 2064, 2065, 2066, 2067, 2068, 2069, 2070, 2071, 2072, 2073, 2074, 2075, 2076, 2077, 2078, 2079, 2080, 2081, 2082, 2083, 2084, 2085, 2086, 2087, 2088, 2089, 2090, 2091, 2092, 2093, 2094, 2095, 2096, 2097, 2098, 2099, 2100, 2101, 2102, 2103, 2104, 2105, 2106, 2107, 2108, 2109, 2110, 2111, 2112, 2113, 2114, 2115, 2116, 2117, 2118, 2119, 2120, 2121, 2122, 2123, 2124, 2125, 2126, 2127, 2128, 2129, 2130, 2131, 2132, 2133, 2134, 2135, 2136, 2137, 2138, 2139, 2140, 2141, 2142, 2143, 2144, 2145, 2146, 2147, 2148, 2149, 2150, 2151, 2152, 2153, 2154, 2155, 2156, 2157, 2158, 2159, 2160, 2161, 2162, 2163, 2164, 2165, 2166, 2167, 2168, 2169, 2170, 2171, 2172, 2173, 2174, 2175, 2176, 2177, 2178, 2179, 2180, 2181, 2182, 2183, 2184, 2185, 2186, 2187, 2188, 2189, 2190, 2191, 2192, 2193, 2194, 2195, 2196, 2197, 2198, 2199, 2200, 2201, 2202, 2203, 2204, 2205, 2206, 2207, 2208, 2209, 2210, 2211, 2212, 2213, 2214, 2215, 2216, 2217, 2218, 2219, 2220, 2221, 2222, 2223, 2224, 2225, 2226, 2227, 2228, 2229, 2230, 2231, 2232, 2233, 2234, 2235, 2236, 2237, 2238, 2239, 2240, 2241, 2242, 2243, 2244, 2245, 2246, 2247, 2248, 2249, 2250, 2251, 2252, 2253, 2254, 2255, 2256, 2257, 2258, 2259, 2260, 2261, 2262, 2263, 2264, 2265, 2266, 2267, 2268, 2269, 2270, 2271, 2272, 2273, 2274, 2275, 2276, 2277, 2278, 2279, 2280, 2281, 2282, 2283, 2284, 2285, 2286, 2287, 2288, 2289, 2290, 2291, 2292, 2293, 2294, 2295, 2296, 2297, 2298, 2299, 2300, 2301, 2302, 2303, 2304, 2305, 2306, 2307, 2308, 2309, 2310, 2311, 2312, 2313, 2314, 2315, 2316, 2317, 2318, 2319, 2320, 2321, 2322, 2323, 2324, 2325, 2326, 2327, 2328, 2329, 2330, 2331, 2332, 2333, 2334, 2335, 2336, 2337, 2338, 2339, 2340, 2341, 2342, 2343, 2344, 2345, 2346, 2347, 2348, 2349, 2350, 2351, 2352, 2353, 2354, 2355, 2356, 2357, 2358, 2359, 2360, 2361, 2362, 2363, 2364, 2365, 2366, 2367, 2368, 2369, 2370, 2371, 2372, 2373, 2374, 2375, 2376, 2377, 2378, 2379, 2380, 2381, 2382, 2383, 2384, 2385, 2386, 2387, 2388, 2389, 2390, 2391, 2392, 2393, 2394, 2395, 2396, 2397, 2398, 2399, 2400, 2401, 2402, 2403, 2404, 2405, 2406, 2407, 2408, 2409, 2410, 2411, 2412, 2413, 2414, 2415, 2416, 2417, 2418, 2419, 2420, 2421, 2422, 2423, 2424, 2425, 2426, 2427, 2428, 2429, 2430, 2431, 2432, 2433, 2434, 2435, 2436, 2437, 2438, 2439, 2440, 2441, 2442, 2443, 2444, 2445, 2446, 2447, 2448, 2449, 2450, 2451, 2452, 2453, 2454, 2455, 2456, 2457, 2458, 2459, 2460, 2461, 2462, 2463, 2464, 2465, 2466, 2467, 2468, 2469, 2470, 2471, 2472, 2473, 2474, 2475, 2476, 2477, 2478, 2479, 2480, 2481, 2482, 2483, 2484, 2485, 2486, 2487, 2488, 2489, 2490, 2491, 2492, 2493, 2494, 2495, 2496, 2497, 2498, 2499, 2500, 2501, 2502, 2503, 2504, 2505, 2506, 2507, 2508, 2509, 2510, 2511, 2512, 2513, 2514, 2515, 2516, 2517, 2518, 2519, 2520, 2521, 2522, 2523, 2524, 2525, 2526, 2527, 2528, 2529, 2530, 2531, 2532, 2533, 2534, 2535, 2536, 2537, 2538, 2539, 2540, 2541, 2542, 2543, 2544, 2545, 2546, 2547, 2548, 2549, 2550, 2551, 2552, 2553, 2554, 2555, 2556, 2557, 2558, 2559, 2560, 2561, 2562, 2563, 2564, 2565, 2566, 2567, 2568, 2569, 2570, 2571, 2572, 2573, 2574, 2575, 2576, 2577, 2578, 2579, 2580, 2581, 2582, 2583, 2584, 2585, 2586, 2587, 2588, 2589, 2590, 2591, 2592, 2593, 2594, 2595, 2596, 2597, 2598, 2599, 2600, 2601, 2602, 2603, 2604, 2605, 2606, 2607, 2608, 2609, 2610, 2611, 2612, 2613, 2614, 2615, 2616, 2617, 2618, 2619, 2620, 2621, 2622, 2623, 2624, 2625, 2626, 2627, 2628, 2629, 2630, 2631, 2632, 2633, 2634, 2635, 2636, 2637, 2638, 2639, 2640, 2641, 2642, 2643, 2644, 2645, 2646, 2647, 2648, 2649, 2650, 2651, 2652, 2653, 2654, 2655, 2656, 2657, 2658, 2659, 2660, 2661, 2662, 2663, 2664, 2665, 2666, 2667, 2668, 2669, 2670, 2671, 2672, 2673, 2674, 2675, 2676, 2677, 2678, 2679, 2680, 26

TURA A

Sobretudo os informes Korneltchuk, de Guerassimov, de Polevol e o Informe sobre traduções representaram rudes golpes assentados contra o esquematismo. Korneltchuk e Guerassimov, primeiro com sua autoridade de mestre da dramaturgia clássica e de membro do Comitê Central do Partido, o s

MA

*Menina, não sei por
mais parece americana
de vez em quando
filha de Copacabana
mascando, mascando*

*Menina diga a voz
não posso sê-lo por*

*Será que também vi
música esportiva, pra
fuz gosto de parecido
coca-cola americana*



Prefeitura? Mais de seiscentos milhões de cruzeiros são destinados no orçamento à

A SERV

mente claro, se recordarmos que é o conteúdo que condiciona a forma e não o contrário. Esses esquemáticos que buscavam, inclusive manter na obscuridade pegas clássicas como «Banias», a maravilhosa sátira teatral de Malukovski, no momento o maior sucesso do teatro soviético outra vez montada, com um audácia de realização magni-

SCANDO G

Menina
você u

• Não p
saben
p
tem a
mura

Menina
não p
você u

O MESMO tom de crítica às tendências esquemáticas prevaleceu no informe de Polevoi sobre literatura infantil. Com o apoio total das crianças soviéticas, a julgá-lo pelas críticas felizes alguns aspectos dos últimos

Crítica à crítica literária por muitos exercida com forma de limitação, como arma de grupo, como manobra de destruição e não de ajuda aos escritores. Fadeev, em sua magistral intervenção, foi particularmente duro para com quem essa crítica que, ao tratar dos livros, escondia

OMA

não sei o que
na americana.

no orer que você,
mis do que o ABC,
que sua goma foma
gringa americana
o, macando goma.

digo n você,
su sibir o que
na americana!

Lutz F. Pappi

le permas da Hero «ALYORAD

O drama das crianças no Rio de Janeiro, não termina ali. Existe outro aspecto mais doloroso.

As mães que podem vir, com seus filhos, até do Hospital Jesus podem considerar-se ainda felizes. Ainda têm roupa para apresentarse, põem para embulhar o filho, dinheiro para pagar o trem, o bonde, o ônibus, aluguem em casa pôde cuidar do menino ou das outras crianças maiores...

E as mães que nada disto possuem e se vêem impossibilitadas de apanhar aqui, lá, a distante míngua do Hospital Jesus?

PAZ...

Escritores uma atmosfera em torno desse romance que nós, os que não tínhamos notado os defeitos do livro de Grossman, fomos obrigados a reconhecer: mais culpados que o próprio autor.» E, mais adiante: «Quanto a mim, deploro ter tido a fraqueza de, no meu artigo sobre esse romance,

mação tímida em que não
via as críticas, talvez, não
freando o exagero dessa crí-
tica e de ter dito que o ro-
manço era ideologicamente
pernicioso». E logo após a
sílaba o romance de Gro-
smann de «acertadamente
portante na prosa russa».
Nesse sentido, o II Congres-
sista declararão toda a im-
pudência, as grandes quan-

mo povo?

Desfilam as mães pelo Hospital Jesus. Vêm de todas as direções. Ficam ali das outras mães, ainda mais desamparadas, que nem roupa têm, nem dinheiro para o transporte, para apunhalar a manilha do Hospital Jesus.

Agora, de volta, há mães que temem desfelecer. Não comem nada até agora. E medo dia. No colo, mais doentes e mal medicadas, as crianças regressam.

Regressam para casa, embora partídam, quantas! sob o choro das mães, levadas para empre.

O quadro não tem exageros: é um dia da maioria das mães do Rio de Janeiro que

AO mesmo tempo, a discussão chamou a atenção para o perigo de se tornasse o extremo oposto: uma literatura que abandonasse o «novo» para voltar ao velho, que abandonasse as personalidades positivas para tratar apenas das personagens negativas. Nesse sentido, a discussão

das características do trabalho dos escritores soviéticos. As eleições para a nova Presidência para o novo Presidente da Província e para o Secretário da União dos Escritores Soviéticos refletiu essa parte da discussão. Vários elementos não foram re-eleitos. Os escritores soviéticos mostraram-se al-

mêto zafoso no que se re-
re a sua dignidade, à s-
moralidade.

A discussão processou-se
da ela um ambiente de f-
ternal camaradagem, um
ambiente próprio de escri-
tas do mundo socialista.

uma Pátria que está co-
trulhado o comunitarismo.

(CONTINUA)

ais — Impotência

3) — CONSULTAS: Cr\$ 50,00

anla e alta frequência saneficaci-
ocasião no homem e na mulher
inadapta aos seus indivíduos

cente e profissional diplomado

SANTOS DIAS

Literatura multi-nacional, literatura que é símbolo da liberdade dos povos da U. R. S. S., da fatura e da nova vida, criada pelo Poder Soviético. Literatura que nasce da aplicação do verdadeiro humanismo, que é expressão do mais puro humanismo, do humanismo proletário. Literatura que eleva o homem, que cresce com ele, literatura que é a mais alta de todos os tempos, herdeira de Leon Tolstói e Puskin, e que é também a mais jovem de todos os tempos, literatura de povos que só há 30 anos aprenderam a escrever. A grandeza dessa literatura não tem exemplo na história da humanidade, eis a verdade a extrair do II Congresso.

ESCRITORES LIVRES DISCUTEM OS INFORMES E AS INTERVENÇÕES — Se entre a riqueza enorme de qualidades a engrandecer o II Congresso, eu devesse dizer qual a mais característica de todas elas, creio que me decidiria pela liberdade de discussão. A liberdade de discussão total.

Alguém me disse, comentando a discussão do II Congresso: «Discutem, discutem, mas no fim estão todos de acordo». Se alguém quiser escrever um livro

tica é parte integrante do seu regime, é expressão do seu regime que é, ao ver dos seus, a meu ver também, o melhor dos regimes, aquele que se exerce em função da felicidade do homem e que possibilita o desenvolvimento da literatura. A criação do escritor. Sobre isso estão todos eles de acordo, não há nenhuma divergência fundamental de princípios.

O que não significa, de maneira alguma, que não exista, sobre todos os demais problemas colocados pelo matter de escritor, um amplo debate de opiniões, um amplo como nunca vi em nenhuma vida. Muitos de nossos trabalhos profissionais e artísticos, divergências em relação à aplicação do realismo socialista (ao lado de um mais aceitação do realismo socialista como método de criação artística), sobre problemas formais, sobre a técnica do verso ou do romance, sobre uma infinidade de coisas

A DISCUSSÃO NO II Congresso teve bem presente um trecho da intenção de sua audição de caráter: o realismo socialista permite manifestar uma ampla iniciativa criadora, eleger diversas formas e estilos, em consciência com

Central esteve, por assim dizer, à base da crítica feita contra o esquematismo e o mecanicismo. Os escritores chegaram ao II Congresso de Cidades a terminar, de uma vez por todas, com certas tendências limitadoras da obra de criação, tendências que haviam proliferado na literatura soviética nos últi-

Sobretudo os informes Korneltchuk, de Guerassimov, de Polevol e o Informe sobre traduções representaram rudes golpes assentados contra o esquematismo. Korneltchuk e Guerassimov, primeiro com sua autoridade de mestre da dramaturgia clássica e de membro do Comitê Central do Partido, o s

MA

*Menina, não sei por
mais parece americana
de vez em quando
filha de Copacabana
mascando, mascando*

*Menina diga a voz
não posso sê-lo por*

*Será que também vi
música esportiva, pra
fuz gosto de parecido
coca-cola americana*

gundo com sua autoridade de um dos maiores «maîtres en scène» e argumentalistas do cinema da U.R.S.S., fizeram uma profunda análise crítica e auto-crítica da dramaturgia soviética. Foi sobretudo no cinema e no teatro (e também em certos romances e poemas) que se fizeram sentir os malefícios da teo-

mente claro, se recordarmos que é o conteúdo que condiciona a forma e não o contrário. Esses esquemáticos que buscavam, inclusive manter na obscuridade pegas clássicas como «Banias», a maravilhosa sátira teatral de Malinkovski, no momento do maior sucesso do teatro soviético outra vez montada, com um público de realização magnífica.

SCANDO G

Menina
você u

• Não p
saben
p
tem a
mura

Menina
não p
você u

O MESMO tom de crítica às tendências esquemáticas prevaleceu no informe de Polevoi sobre literatura infantil. Com o apoio total das crianças soviéticas, a ju-gar-se pelas críticas felizes alguns aspectos dos últimos

Crítica à crítica literária por muitos exercida com forma de limitação, como arma de grupo, como manobra de destruição e não de ajuda aos escritores. Fadeev, em sua magistral intervenção, foi particularmente duro para com quem essa crítica que, ao tratar dos livros, escondia

OMA

não sei o que
na americana.

no orer que você,
mis do que o ABC,
que sua goma foma
gringa americana
o, macando goma.

digo n você,
su sibir o que
na americana!

Lutz F. Pappi

le permas da Hero «ALYORAD

suas qualidades e exagerava os seus defeitos ou apenas criticava esses defeitos sem sequer falar das qualidades. Sobre tudo quando se tratava de livros que vinham contra pôr-se às tendências esqui-

Escritores uma atmosfera em torno desse romance que nós, os que não tínhamos notado os defeitos do livro de Grossman, fomos obrigados a reconhecer: mais culpados que o próprio autor.» E, mais adiante: «Quanto a mim, deploro ter tido a fraqueza de, no meu artigo sobre esse romance,

mação tímida em que não
via as críticas, talvez, não
freando o exagero dessa crí-
tica e de ter dito que o ro-
manço era ideologicamente
pernicioso». E logo após a
sílaba o romance de Gro-
smann de «acertadamente
portante na prosa russa».
Nesse sentido, o II Congres-
sista declararão toda a im-
pudência, as grandes quan-

AO mesmo tempo, a discussão chamou a atenção para o perigo de que se tocasse o extremo oposto: uma literatura que abandonasse o «novo» para ver somente o «velho», que abandonasse as personalidades positivas para tratar apenas das personagens negativas. Nesse sentido a discussão

das características do trabalho dos escritores soviéticos. As eleições para a nova Presidência para o novo Presidente da Província e para o Secretário da União dos Escritores Soviéticos refletiu essa parte da discussão. Vários elementos não foram re-eleitos. Os escritores soviéticos mostraram-se al-

mêto zafoso no que se re-
re a sua dignidade, à s-
moralidade.

A discussão processou-se
da ela um ambiente de f-
ternal camaradagem, um
ambiente próprio de escri-
tas do mundo socialista.

uma Pátria que está co-
trulhado o comunitarismo.

(CONTINUA)

ais — Impotência

3) — CONSULTAS: Cr\$ 50,00

anla e alta frequência saneficaci-
ocasião no homem e na mulher
inadapta aos seus indivíduos

cente e profissional diplomado

SANTOS DIAS

gramas trinta moças no todo. Apenas seis ou sete ideologias. Mas era comum o nome objetivo, formava-se um círculo ao redor de uma ideia única: uma revista feminina.

— Você está se iludindo, pensando que é muito fácil — comentava Cecília Meireles com o pessimismo de suas experiências.

— Seu entusiasmo não durará muito — me segredava Sarah Marques, que não por isso se afastava de nós.

Eu tentava me aproximar e argumentava:

— As mulheres da Grande fazem um jornal feminino diário. E lutam contra o governo que lhes suprimiu a cota de papel (porque as mulheres só servem para criar dificuldades — todas as iniciativas particulares). Que somos nós afinal? — perguntava.

As esperanças da luta desigual, a sanha dos homens que tinham nas mãos o poder de conceder a publicidade, a compreensão de algumas mulheres mercenárias, aniquilavam a nossa força realista. Outras mulheres, boas mulheres, muito mulheres até, só apreciavam se havia filiação na redação. Esqueciam suas colaborações, mas traziam sim o seu melhor vestido, seus penteados artísticos e até chapéusinhos preciosos e fotográficos. Aos poucos a redação se despojava de colaboradoras. Ficamos as três lemosais!

No silêncio da sala, quantas vezes folheávamos as pastas onde se acumulavam cartas de mulheres e homens, vindas de todos os recantos do Brasil, recheadas de boas palavras de estímulo e generosa admiração e conseguíamos tirar dali novas forças para prosseguir.

— Não tem sido de todo inútil nossa luta — amparávamos-nos mutuamente. Contudo, um dia, a revista caiu: vencido nosso entusiasmo, combatido o nosso físico, arrasada a nossa moral.

Passado tantos anos, somente a força de IMPRENSA POPULAR poderia nos trazer de novo a luta com o programa de uma "Imprensa Feminina" e o desejo honesto de unir as mulheres, lutar por essas fráguas e doces criaturas, escolas, educadas. E ajudar, ajudar sempre, acima de tudo, na conquista de seus direitos, na reconquista da sua dignidade, tantas vezes ultrajada. E aqui estamos de novo. Prontas para ofertar à mulher brasileira o benefício de nossas experiências; o carinho, a inteligência, o devotamento, de uma equipe de mulheres, para todas vocês outras, nossas irmãs, companheiras e amigas.

JUREMA

BILHETE-RESPOSTA

LUIZA VICENTE

Da pergunta de uma amiga faço o meu primeiro bilhete-resposta. Disse-me ela: "Luiza, eu não entendo nada dessas coisas, mas você não acha que talvez fosse melhor deixar os nossos petreóleos? Eu ouvi dizer que é bobagem ter medo dos americanos, porque se eles quiserem dominar o Brasil, com o que o Brasil lhes está devedendo, eles já o teriam feito."

— Como pode você pensar assim? Se os americanos explorarem o nosso petróleo, é mais essa imensa riqueza do Brasil que se esconderá para aumentar o poder dos Estados Unidos sobre nós e sobre todos os países, que eles chamam de subdesenvolvidos para tomar conta deles com programas de proteção... Vejamos, por que é que o Brasil é pobre? Você já pensou no tamanho do Brasil? Maior em superfície do que os Estados Unidos! Pense bem: milhões e milhões de quilômetros quadrados, com florestas imensas (poucos países têm hoje florestas que se comparem com as brasileiras e elas podem constituir uma das principais fontes de riqueza de um país) com terras férteis para as mais ricas culturas do mundo, terras próprias para gado, rios enormes e grandes quedas d'água, minérios em profusão e dos mais importantes. Você já pensou? E como se você estivesse sentada numa arca de ouro fechada e passando fome em cima? E não me vai dizer que a culpa do povo brasileiro? Você sabe como é o homem do interior, rijo e corajoso, resistindo às más condições de vida. Mas para onde vai todo o trabalho e o sacrifício dele? E como se o Brasil estivesse continuamente sangrando, sangrando... Você julga que, por ser o Presidente da República brasileiro, os Estados Unidos não dominam o Brasil. Os americanos estão presentes na vida econômica, política, militar e cultural do Brasil como uma praga de berne. E enquanto eles não estiverem, o Brasil continuará sendo este país imensamente rico e miseravelmente pobre, atado, apesar da sua coragem e lealdade, a compromissos militares infamantes, inundado, apesar da sensibilidade artística tão original e tão viva do nosso povo, por um dilúvio de filmes e publicações das mais baixas categorias. Pensamentos como esse, muito embora ingênuos, são perigosos e facilitam a penetração estrangeira em nosso solo. Procure raciocinar com um pouco mais de cautela e não perder mais de cautela a qualquer formular uma opinião em que estejam implicados temas de tamanha importância como o nosso povo e a nossa pátria.

Imprensa POPULAR Feminina

OS DIREITOS DA MULHER

ESTHER DE FIGUEIREDO FERRAZ, GRANDE ADVOGADA PAULISTA, FAZ COMENTÁRIOS A MARGEM DO CÓDIGO CIVIL — AS BOMBAS ATÔMICA E DE HIDROGÊNIO DEVEM SER CONSIDERADAS, JURIDICAMENTE, CRIMES DE GENOCÍDIO



Dra. Esther de Figueiredo Ferraz

ESTHER FIGUEIREDO Ferraz é excepcional. Não poderíamos apresentá-la de outra forma. Só para conhecer esta grande advogada paulista, valeria ter voado à capital bandeirante.

Professora normalista, professora secundária, lecionou na Escola Normal Caetano de Campos a cadeira de sociologia, professora por concurso de latim, português, inglês e francês. Pianista exímia, tendo tido com distinção seu curso e sendo concertista do Conservatório Dramático Musical de São Paulo. Formou-se em Direito, pela Faculdade de São Paulo, obtendo todos os prêmios e o primeiro lugar em todo o curso. E, ainda, livre docente da Faculdade de Direito de São Paulo, de Direito Penal, com distinção no curso. Exerce a profissão de advogada criminalista no fórum de São Paulo.

"Imprensa Feminina" rende assim uma homenagem a São Paulo, enviando para o seu primeiro número uma das figuras femininas mais representativas da cultura paulista.

Conhecemos Esther de Figueiredo Ferraz num grande dia. Fomos encontrá-la sorridente em seu escritório, após saber da sentença absolutória concedida a Ademar de Barros no processo que lhe moveu Lucas Garcez, por injúria e calúnia.

— Você é a única advogada nos processos de Ademar de Barros?

— A princípio era, diz-nos ela. Mas, achei que a responsabilidade seria imensa para suportá-la sozinha e solicitei a colaboração de Ataliba Nogueira. Se vencermos seremos dois vitoriosos. Mas, se fracassarmos, também, seremos dois...

Quisemos ouvir da Doutora Esther de Figueiredo Ferraz seu pensamento em relação às desigualdades e desigualdades de direitos da mulher brasileira, no código civil, comercial e na vida real.

— Acho o nosso código bastante avançado dado que foi elaborado em 1916. Interessante é notar que o legislador não dependia, então, do voto feminino, para ser tão generoso — fez Esther com malícia e desprezo os preconceitos da época, muito embora — devo frisar — as restrições que hoje consideramos injustas, pela emancipação que já alcançamos.

Contudo — prossegue — existem duas situações bem distintas: a situação legal e a situação de fato. Por exemplo: a mulher solteira, casada, desquitada ou viúva é igual ao homem solteiro, casado, desquitado ou

viúvo em princípio, havendo as pequenas diferenças, mudadas apenas, no sexo. Quando a mulher está casada, há mais restrições para a mesma em benefício da família. O que é justo, é que não haja para o homem as mesmas restrições com essa mesma finalidade.

— Embora a mulher possa os mesmos direitos do homem, não os exerce, ou porque não pode na realidade ou porque os ignora.

E o fato é que a realidade — justamente pela ignorância da mulher — é terrivelmente inferior à lei. Precisamos alertar a mulher — diz Esther com ênfase — quanto aos direitos que possui, os direitos que a lei lhe assegura. Uma vez emancipada de si própria, de sua ignorância causada pela situação econômica de dependência social; direi também, de sua comodidade e de sua inmensurável preguiça, elas se emanciparão da tirania masculina e conquistarão o resto.

— Agora, quanto à lei, existem restrições injustas como por exemplo: a mãe viúva que se casa pela segunda vez perde o pátrio poder dos primeiros filhos e para os mesmos é nomeado um tutor. Mas, como se explica então — indaga Esther —, que na maioria dos casos o próprio padastro, seja nomeado tutor, hurlando assim o próprio espírito da lei?

— Outra restrição, cabalmente injusta, é a relativa ao recebimento de herança. A mulher casada não pode receber uma herança sem o consentimento do marido. O espírito da lei é a questão-moral: evitar que a mulher receba por exemplo a herança de um amante. Ao marido, também, é negado o direito de receber uma herança feminina extra-familiar. Estamos de acordo. A restrição só deveria abranger a esses casos. No entanto a mulher está impossibilitada de receber uma herança de seu próprio pai se o marido assim achar conveniente. O fato — conclui Esther — é que durante toda a minha carreira que já é bem longa e bastante rica em processos civis ainda não vi um marido que renegasse uma herança feminina. O que fica de tudo isso é a humilhação, a dolorosa dependência de uma autorização masculina para um fato que deveria ser natural decorrente do próprio direito feminino.

— Poderia ainda citar o caso flagrante dos filhos de desquitados. A lei estabelece restrições somente em relação à mulher. Assim os filhos de desquitados não po-

derão viajar para fora do país, acompanhando a mãe, sem autorização do pai.

A interpretação das leis sob o ponto-de-vista feminino será um benefício para as mulheres

Perguntamos à Dra. Esther se a profissão de advogada é compatível com a condição da mulher e se isto poderá trazer benefícios na aplicação da lei e da justiça.

Creio, — diz-nos ela — que se as mulheres colaborassem na elaboração das leis multas injustas, muita imperfeição seria amenizada. Exercendo a profissão de advogada, se não elaboramos leis pelo menos poderemos interpretá-las de uma forma feminina que sempre trará benefícios à mulher. Devem porém as mulheres advogadas, escolher um campo de direito onde possam desenvolver sua capacidade e suas tendências. Eu não me dedicaria, jamais, à advocacia comercial por me faltar inclinação. Na minha opinião a advocacia criminal deveria ser o caminho escolhido pela mulher advogada. Onde haja uma disputa de família, problemas de filhos, ela deveria estar presente. A interpretação feminina das leis — como disse — poderá ser benéfica. Vou dar um exemplo: em casos de crime são consideradas agravantes os assassinatos de conjuge, de familiares e ainda o uso de veneno. Ora, se considerarmos que a mulher tem como seu meio natural a família, o conjuge e não o meio desconhecido, distante do lar, seu campo de ação é por coincidência naturalmente o seu círculo afetivo, e não deveria, portanto, ser considerada uma agravante. No caso do uso dos venenos, também, se interpretarmos que a mulher sendo mais fraca que o homem e não estando habituada como o homem ao uso da arma branca, usará o veneno naturalmente, pois se conduta mais com a sua maneira de ser, evitando a sua presença no campo da luta. Creio que uma advogada tem

a possibilidade de anular agravantes, como essas, pois estas constituem o meio natural da mulher, a sua maneira natural de agir de acordo com as circunstâncias da vida feminina.

A questão da participação da mulher nos júris

— Por que os jurados são constituídos quase exclusivamente de elemento masculino?

Esther nos informa: — Até há pouco tempo haviam muitos jurados nos júris de São Paulo. Um dia, chegou um juiz que os excluiu e desde então não se tem cogitado de interessando se é esta a sua vontade: morrer pela ciência. Podemos até considerá-lo um herói. Mas, já não poderemos dizer "na guerra, como na guerra" se as experiências de tempos de paz atingem as populações civis, alheias aos interesses belicistas. Nesse caso, fora de dúvida, devem ser considerados crimes de genocídio frente ao Direito Internacional.

Comentamos os horrores sofridos pelas mulheres japonesas, de seus filhos anormais, das contaminações de alimentos, águas, e da indenização oferecida pelos americanos.

A participação da mulher na vida política do país e do mundo

— Efetivamente, — prossegue — creio que a participação da mulher na vida política do país e mesmo frente aos problemas que interessam à humanidade inteira deveria ser maior. Para mim as mulheres brasileiras estão divididas em duas classes: a feliz e a infeliz, ambas muito fechadas no seu pequeno círculo em que gravitam, apenas, os seus problemas pessoais e envoltas em uma ignorância completa relativamente aos problemas do país e do mundo. Precisamos alargar a nossa visão, entregarmos-nos mais aos nossos semelhantes, participarmos mais do ritmo que rege os problemas de toda humanidade. Passamos então a um assunto



MODA BRASILEIRA



Este modelo foi idealizado pelo nosso figurinista Oswaldo Netto e confeccionado, em tecido nacional — bonita frase com friso e botões negros — pela costureira Virginia.

Foi, tão vestida, apresentada em um desfile de moda brasileira e a moça que o veste, na foto ao lado, é a bela brasileira Socorro.

O desenho é de Iol, talentosa colaboradora de imprensa Feminina.

COLABORE COM IMPRENSA FEMININA

«IMPRESSA FEMININA» solicita a sua colaboração, em qualquer setor da atividade feminina. Pedimos trabalhos breves, tendo, no máximo página e meia datilografada com espaço dois.

Reservamo-nos o direito de julgar do interesse da revista e transformá-la, se preciso, em linguagem jornalística.

Disponemos também de profissionais especializados que poderão responder, cabalmente, às suas consultas relativas a qualquer uma das nossas seções.

MAES SOLTEIRAS, NÃO; MAES APENAS

Recentemente, uma senhora inglesa, Edith Boyle, dirigiu à redação da revista *Mother Solitária* um questionário abordando diversos aspectos da vida social da mãe e da criança na URSS. Desses questionários destacamos a pergunta que se segue, não só pelo seu interesse humano como pela conclusão e clareza da resposta, de que é autora, aliás, uma candidata a Doutora em Direito, Alexandra Pergament.

A pergunta é a seguinte: — Os filhos de mães solteiras são objeto de alguma atenção especial na União Soviética? São filhos de mães solteiras especiais?

«O Estado e toda a sociedade soviética», responde Alexandra Pergament, «devem tratar a máxima solteira pelas crianças. Por isso nos casos em que por uma ou outra razão não se constituiu a família e a mãe fica sozinha, ajudamos em tudo o que for possível a criar e educar seu filho.

«Nossa legislação estabelece que a mãe solteira, isto é, a que não está registrada, matrimonialmente, não pode ser despedida do trabalho durante a gestação (isto a lei não permite com nenhuma mulher, nem engravida a criança) não tenha completado um ano de vida.

«Se as condições de moradia não são adequadas, a mulher às vésperas do parto e depois dele pode ingressar na Casa da Mãe e da Criança, onde todos os gastos de manutenção seus e do seu filho são sufragados pelo Estado.

«As mães solteiras recebem um subsídio mensal.

«Quando por qualquer circunstância a mãe solteira não pode criar seu filho, pode levá-lo a uma Casa de Recém-Nascidos e, se tem mais de três anos, a uma Casa de Criança. A mãe fica, assim, livre de toda preocupação de ordem econômica e de todo cuidado. Contudo, pode vir a qualquer momento ao lar para passar.

«Sempre que o desejo, e quando as condições lhe permitam, pode recolher seu garoto.

«A maioria das mães solteiras preferem criar os próprios, criar os seus filhos. Nesse caso, o Estado lhes concede os seus lugares para as suas crianças nas creches e nas colônias de férias fazendo-lhes grandes descontos (até de 50%) no pagamento da manutenção dos garotos nesses estabelecimentos infantis.

«Ao se distribuírem os apartamentos das casas recém-construídas, uma determinada parte das vivendas é sempre destinada às mães de prole numerosa e às mães solteiras.

Você Deve Lêr «O Grande Norte»

Romance de Tikhon Sionchik, um dos mais populares entre os novos escritores soviéticos, «O Grande Norte» é uma narrativa dos mais diversos aspectos da vida em regiões geladas próximas ao Polo Norte, durante um longo período que envolve uma série de transformações. Em convívio com os chukchis, pode o leitor descobrir, reconstruindo as várias fases da luta que levou esse povo primitivo a um mundo civilizado. Se é isso que a fixação das muitas experiências que sobre ver no longo contato mantido com os habitantes de Chukotka, história de agrupamentos humanos que viviam isolados, longe de qualquer centro que pudesse influir na modificação de seus costumes e concepções.

Ainda alguns anos depois da Revolução de Outubro, vivia essa gente, que se caracterizava por sua resistência física, em «yarangus», espécie de tendas construídas com peles de rena, alimentava-se e vestia utilizando ainda esse animal. Em determinadas fases do ano, entregava-se à pesca de focas e morsas, cujas peles negociavam, juntamente com os raposos e outros animais da tundra. Explorando esse comércio, viviam ali representantes do antigo capital russo e estrangeiro. Como intermediário, havia o nativo Allet, espécie de «dono da terra», senhor do acampamento, a quem o povo de Ennaka obedecia cegamente.

Explorando, ainda de um estágio mais inferior de desenvolvimento, seus meios eram por demais estranhos aos russos que traziam a nova lei da vida, a nova lei do comércio, a luta contra as superstições. Os homens podiam ter várias mulheres, destinadas a servir a um cargo e dele ter filhos. As pessoas escolhiam a hora da morte quando se sentiam fracos e chamavam o executor. As mulheres davam à luz acônitas, numa tenda escura, preparada para isso; não podiam gemer nem gritar: «os maus espíritos não deviam saber que ali lá nasceu um homem». Essas obrigações de atraso dificultavam enormemente a evolução do povo, a sua conquista para a comunidade soviética, através das várias etapas que necessariamente deveria transpor.

Em narrativa fluente e agradável, Tikhon Sionchik nos conta os muitos episódios, conflitos e realizações que marcaram esse caminho. Existem no livro histórias amorosas, incursões pelo mar ou pelos bancos de gelo, perigos na tundra selvagem. São páginas que fascinarão o leitor. E através desses muitos elementos surge um trabalho consciencioso, perfurado e que atinge um certo nível. Utilizando largamente a criatividade, cria uma vida nova em Chukotka.

L. RAMOS

to de agudo interesse mundial: — As bombas atômicas e de hidrogênio, mesmo na sua fase experimental, pelos danos morais e materiais que causam às populações civis, juridicamente devem ser considerados crimes de genocídio? Falamos das experiências feitas pelos americanos próximas ao Japão e das futuras experiências anunciadas para o Polo Sul. Esther nos esclareceu seu pensamento:

— Não há dinheiro que pague a vida humana, por isso creio que as indenizações materiais não reparam de nenhuma maneira o mal causado.

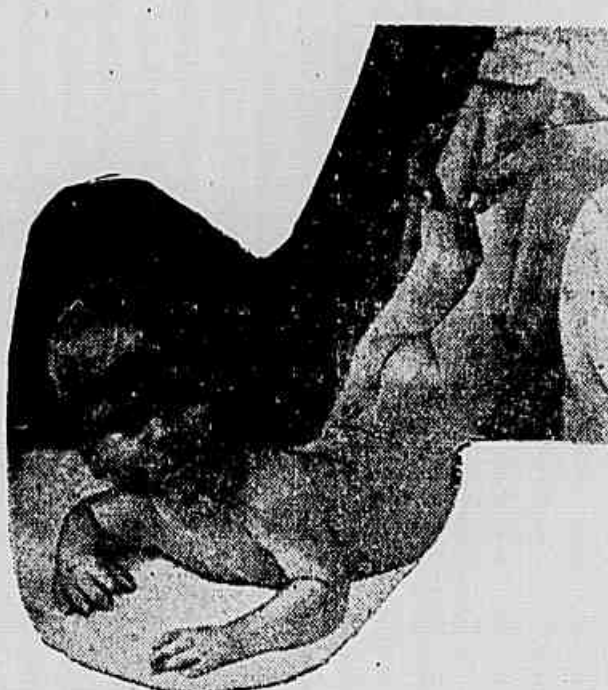
Novas colaborações da grande advogada para «Imprensa Feminina»

Esther prometeu à «Imprensa Feminina» uma colaboração mais permanente no setor dos direitos da mulher. Próximo, a bordo de novos aspectos da mesma entrevista em relação ao código comercial, o divórcio, a prostituição, etc.

Esther é profundamente feminista, sem o menor laivo de feminismo nas suas atitudes que são de uma mulher extremamente elegante. Belas roupas, bibelôs preciosos, constituem o toque feminino presente em seu escritório. Marcamos um encontro para o dia seguinte: antes das dez horas não posso — afirmou ela com um sorriso. Vou ao cabellero e considero este encontro marcado no Salão de Beleza, de uma grande importância...



GINÁSTICA PARA OS BEBÊS



É surpreendente refletir sobre o fato de que até hoje o que se tem escrito em matéria de ginástica para bebês provém não de especialistas mas daqueles a quem a vida diária mostrou a necessidade de atender às crianças de tenra idade para manter e desenvolver o vigor de um povo.

O objetivo da ginástica é dar, através de exercícios judiciosos e disciplinados, uma educação física geral que permita facilmente à pessoa em causa, ter uma atitude correta, uma boa utilização de seus órgãos respiratórios, movimentos livres e firmes.

Tomar como ponto de partida os movimentos espontâneos do corpo é o ponto fundamental dos exercícios para bebês; a colaboração consciente do aluno falta aqui totalmente, e o que importa é tornar seus movimentos espontâneos tais que os fortaleçam e atuem as trocas; em seguida, por meio de movimentos contrários aos primeiros, despertar neles a força de oposição.

Escolhi os exercícios que a experiência me mostrou serem mais adequados a favorecer o desenvolvimento da criança desde os primeiros tempos de vida, e os reunir numa progressão lógica. Pouco importa o número dos exercícios cotidianos, o resultado obtido depende unicamente da perfeição da execução: é por isso que me aplicarei a descrever cada exercício com a maior precisão, acompanhando cada um dos tempos com uma fotografia ou figura.

Submetam-se ao programa conscientemente, embora só durante 5 minutos por dia, e em muito pouco tempo você notará que a musculatura de seu filho se fortalece, que as imperfeições se corrigem, que o seu organismo inteiro se desenvolve saudavelmente.



SETE DIAS NA COZINHA

«Não só do pão vivo e do leite», também, nem só de pão e laranjais... Uma mulher que possui um pouco de imaginação poderá tornar a cozinha a parte mais interessante do lar, um laboratório de descobertas e criações magníficas.

Paradoxalmente vou iniciar o meu programa alimentar aconselhando as leitoras a comerem menos (engordar é fácil, difícil é emagrecer) e, principalmente, limitarem as gulodices de seus companheiros e familiares: Ao contrário, não se trata de um regime de «austeridade» como querem os donos da pátria. Desgraçadamente para os que apertam o cinto por contingências econômicas, esta ação torna-se quase inútil. Contudo, mesmo para os mais pobres, os prazeres da mesa não estão de todo perdidos...

Paradoxalmente vou iniciar o meu programa alimentar aconselhando as leitoras a comerem menos (engordar é fácil, difícil é emagrecer) e, principalmente, limitarem as gulodices de seus companheiros e familiares: Ao contrário, não se trata de um regime de «austeridade» como querem os donos da pátria. Desgraçadamente para os que apertam o cinto por contingências econômicas, esta ação torna-se quase inútil. Contudo, mesmo para os mais pobres, os prazeres da mesa não estão de todo perdidos...

Se necessário, como disse, imaginação. Nós, os brasileiros, pobres, ricos e remediados, nos alimentamos erradamente para o nosso clima tropical. Um catetinho (péssimo, geralmente) pela manhã, um almoço pesado de molhos (arroz e feijão, invariavelmente) ao meio-dia, lanche e jantar, também rotineiros, sem variação.

Sugerimos uma troca na ordem das refeições que a princípio parecerá difícil. Sempre é difícil o difícil e um hábito! Mas, vamos a ela: uma alimentação mais forte, ou melhor, um pequeno almoço pela manhã, uma refeição nutritiva e ligeira ao meio-dia, lanche (para os que não dispõem), também leve, e o jantar sim, este será uma desforça — variado e bem apresentado.

Haverá prazer maior do que — depois de um longo dia de trabalho, após um bom banho, trocando idéias sobre o dia que passou, apreciarmos, sem pressa, já um jantar que, podendo muito bem ser simples, trará a surpresa na sua variedade e o prazer no seu bom gosto?

Isto virá, da mesma forma, abreviar o trabalho das donas de casa, que perdem geralmente toda a manhã (hora em que as crianças se preparam para o colégio), providenciando um lauto almoço para o marido e os filhos que estarão rixos de fome porque tomarão apenas o seu magro cafézinho... Qualquer médico confirmará que o nosso conselho é benéfico.

Muitos pratos ensinaremos às nossas leitoras e delas também esperamos muita colaboração: muitas sugestões faremos, principalmente para o quotidiano, para os seus «sete dias na cozinha» dessa longa semana doméstica. Dediquemo-nos-emos, principalmente, a lhes ensinar o prato que em poucos minutos resolverá — com economia de gás e de cozinha — o problema de uma refeição bem nutritiva. Mas preparem-se, amigas, encham-se de paciência e amor pela culinária porque sem amor seu bife sairá uma «cola», seu feijão uma esquisita sopa de grãos duros em água suja!

E até para o cafézinho você vai precisar de muita ternura e paciência para que, orgulhoso, seu marido declare aos amigos em visita:

— Minha mulher fala muito, mas faz um cafézinho que é uma delícia...

E será que com o preço do café, ainda poderemos cultivar este hábito tão nosso, tão profundamente brasileiro: «O senhor não sabe antes da prova do nosso cafézinho».

INTERCÂMBIO COM TODOS OS PAÍSES DO MUNDO

"COM OS AMERICANOS É DIFÍCIL COMERCIAR" — A QUESTÃO DO FILME VIRGEM: CADE AO GOVERNO FORNECER DIVISAS PARA O CINEMA NACIONAL, COM O QUE FARA ECONOMIA... DE DIVISAS — "COMO CIDADÃO SOU CONTRA QUALQUER ESPÉCIE DE GUERRA"

ROBERTO ACÁCIO é um jovem produtor do cinema brasileiro, que se tem dedicado com entusiasmo à criação de indústria cinematográfica entre nós. Sua participação no cinema vem desde "Puroza" onde atuou como ator ao lado de Procópio Ferreira, isto quando o nosso cinema começava a dar seus primeiros passos... Como a profissão artística não lhe ofereceu parâmetros materiais cuidou de outra via e hoje, é um técnico de finanças.

Contudo, o cinema continuava a ser uma das suas maiores preocupações. Aguardava apenas uma oportunidade mais séria e esta veio no convite para participar como ator em "Caminhos do Sul", ao lado de Tonin Carraro, Maria Della Costa, Sady Cabral, Jackson de Souza e a cantora Marlene. Compreendendo a irregularidade da produção nacional e, por isso, teria intermitente atuação nas telas brasileiras, resolveu fundar sua própria empresa, que denominou "Artistas Associados".

DE ATOR A PRODUTOR

Produziu "Perdida Pela Paixão", cujos resultados financeiros foram lamentáveis. Aliás foi esta a última película em que apareceu como ator. Passou-se inteiramente para o grupo que fica por trás das câmaras, dedicando-se exclusivamente à produção. Como produtor, já realizou as seguintes películas: "E' Fogo na Roupa", "O Peirócio E' Nosso", "Carnaval em Marte", sempre associado a Watson Macedo; e em co-produção com mexicanos e argentinos, os filmes: "Mãos Sangrentas", (argumento baseado na célebre fuga dos presidiários de Anchieta), e "Leonora dos Sete Mares", argumento de Pedro Bloch, nosso consagrado escritor teatral.

Eis porque nos meios cinematográficos Roberto Acácio — cujo nome verdadeiro é Acácio Domingues Pereira — apesar de sua juventude é considerado um veterano e, como produtor, o de mais sorte nos resultados de bilheteria...

Em virtude da crise por que passou nossa cinematografia no ano passado, caindo a nossa produção de forma alarmante, paralisando-se, quase, procuramos a par que, através de sua experiência como produtor, nos dissesse quais os meios que poderiam favorecer o desenvolvimento do cinema brasileiro.

A DISTRIBUIÇÃO

— Em sua opinião quais os entraves com que se defron-

ta o cinema brasileiro em seu desenvolvimento?

— Na minha opinião são dois fatores importantes: distribuição deficiente do filme brasileiro no mercado interno e a falta de financiamento.

— No que se refere a circulação do nosso filme, — acrescenta Roberto Acácio — ainda é possível a fiscalização nas principais capitais, que são: Rio, S. Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Curitiba e Salvador. Quanto ao interior, não temos condições técnicas e materiais para um bom rendimento da fiscalização. A saída é vender o filme ou se submeter às contas completamente forçadas pela maioria dos exibidores. Uma rede de fiscalizadores por demais dispendiosa e haveria sempre o perigo do suborno... A solução seria uma só para os dois casos:

O FINANCIAMENTO

— O Banco do Brasil financiaria uma parte do custo do filme, — diz o produtor — desde que o elenco, argumento e orçamento fossem aprovados. O Banco daria 70% do orçamento previsto e aprovado. E como o Banco do Brasil possui diversos agentes, correspondentes, pelas cidades do interior, ficaria sobre sua responsabilidade a fiscalização e o recolhimento da percentagem da renda cabível ao produtor. Isso cobriria perfeitamente o risco do empreendimento, ou melhor, do adiantamento feito. Quanto ao mecanismo dessa fiscalização poderia ser estudado com os interessados, para a obtenção de um rendimento total.

INTERCAMBIO COM TODOS OS PAÍSES

— Que tem a dizer sobre sua experiência de co-produção?

— Acho que a co-produção não traz prejuízos para o cinema nacional desde que se façam filmes. Atualmente realiza co-produções com estúdios latino-americanos. Creio que se deveria realizar convênios com qualquer país para produção de fil-

mes em co-produção, acordos baseados em bases recíprocas de tratamento. Isso permitiria a exibição desses filmes, em cada país, respeitando-se as leis protetoras do cinema de cada um.

— Como produtor brasileiro, foi tratado em pé de igualdade com as distribuidoras norte-americanas, ao negociar com elas?

Roberto Acácio olhou-nos fixamente e respondeu com firmeza: — Não! Não há essa possibilidade e por isso desisti de qualquer entendimento comercial.

Esta afirmação de Roberto Acácio vem provar o que sempre foi denunciado através dos congressos: os americanos são os que mais diretamente ameaçam o desenvolvimento da cinematografia brasileira.

O FILME VIRGEM

— Que acha sobre a fabricação de filme virgem no Brasil?

— Considero prematura a industrialização do filme virgem, porque ainda não há um mercado consumidor, capaz de absorver a produção e que justifique a existência, por ora, entre nós, dessa indústria. Além disso, ela implica em processo lento

de instalação e não seria de imediato que iria beneficiar o cinema nacional. Melhor seria o governo favorecer divisas para a compra de filme virgem, porque assim estaria economizando divisas. Dou-lhe um exemplo concreto: cada filme nacional exibido é menos um filme estrangeiro em nossas telas. Num filme nacional gastamos Cr\$ 150.000,00 com o filme virgem, enquanto o filme estrangeiro exibido, cuja renda segue para o exterior com um câmbio muito favorável, anda em média pela casa de Cr\$ 1.500.000,00!

Qualquer um poderá perceber a vantagem para o Brasil se o governo facilitasse aos produtores nacionais a importação do filme virgem e de outros materiais para nossa indústria cinematográfica.

— Que acha da idéia de se trocar filmes brasileiros por outros de outros países?

— Quanto mais se ampliar o mercado exibidor tanto melhor para o desenvolvimento do nosso cinema. O intercâmbio cinematográfico seja com que país for, só poderá nos trazer grandes benefícios. Aliás, já me referi antes de que sou favorável aos convênios cinematográficos em igualdade de condi-

ções para ambas as partes. — Que nos diz de suas duas últimas co-produções?

— "Mãos Sangrentas", com Arturo de Cordova, Tônia Carrero, Heliola Helena, Sady Cabral, Carlos Cotrim, Jackson de Souza, Osvaldo Louzada, Claudiano Filho e muitos outros artistas, além de uma quantidade enorme de extras, prendeu-se nos trágicos acontecimentos verificados com a fuga dos presidiários de Anchieta.

Essa produção tem como diretor o cineasta argentino Hugo Christensen, um grande entusiasta do Brasil, e que vai se radicar entre nós.



OUTRA CENA DO FILME "MÃOS SANGRENTAS"

A película já está pronta e foi vendida a Marinho Audrá, dono dos estúdios Maristela, onde se rodou o filme.

— Quanto a "Leonora dos Sete Mares", também com Arturo de Cordova e direção de Hugo Christensen, pois ambos representam o cinema mexicano e argentino, respectivamente, temos o prazer de revelar ao público brasileiro a grande atriz

dramática argentina, Suzana Freire. Contamos no elenco com a presença do nosso vigoroso ator Rodolfo Mayer. A película está em seus últimos preparativos. Considero ambas produções carismáticas e de interesse internacional. Sendo que esta última tem como autor o argumento o famoso autor teatral Pedro Bloch, o que é realmente, uma grande recomendação.

O CINEMA E' CONTRA A GUERRA

Despedimo-nos do produtor quando, uma das várias pessoas que aguardavam a vez de falar-lhe, fez uma referência à ameaça de guerra atômica que pesa sobre a humanidade.

— Como cidadão, sou contrário, meu caro, a qualquer espécie de guerra — diz-nos Roberto Acácio. — O cinema é contra a guerra.

Gerard Philippe fala de «O Vermelho e o Negro»

“O Verdadeiro Problema: Cenários de Qualidade”

“NÃO SE PODE ESPERAR QUE UM FILME APRESENTE TODA A COMPLEXIDADE DE UM ROMANCE” — “O PENSAMENTO DE STENDHAL FOI RESPEITADO” — O QUE É A PELÍCULA DE MAIOR SUCESSO EM PUNTA DEL ESTE

M. de M. Em entrevista à jornalista francesa Paula Lionninet, o famoso ator Gerard Philippe faz uma série de considerações sobre o filme «O Vermelho e o Negro», baseado no romance de Stendhal. Foi se tratar de uma película iniciadora de nova fase da cinematografia francesa e atendendo ao prestígio de que goza em nosso País Gerard Philippe, transcrevemos um resumo de sua entrevista:

ESSE maravilhoso «O Vermelho e o Negro» tem como primeiro mérito — sem ser o maior deles — o de desencadear na imprensa e no público controvérsias apaixonantes. Com uma excepcional compreensão do papel — que fazia supor um conhecimento profundo da obra — Gerard Philippe soube viver na tela um dos personagens mais contraditórios e mais completos da nossa literatura, o mais dotado de ódio e paixão, o mais orgulhoso e o mais humilhante. E se para milhares de espectadores que conhecem e amam Stendhal, Gerard Philippe não tralhou Julien, para milhões de outros ele se tornou Julien Sorel.

«Por muito tempo he-tel, — declara o grande artista — antes de aceitar esse papel. Já por uma vez eu o havia recusado. Tinha em primeiro lugar a inevitável defasagem. Tinha vinte e quatro anos quando interpretei o jovem de «Adultera» e ninguém faz uma idéia do trabalho que tive para compreender meu personagem...»

Penso no retrato de Julien Sorel que nos dá Stendhal nas primeiras páginas do livro «Era um rapazinho de dezoto a dezenove anos, de aparência frágil, de traços irregulares mas delicados e um nariz aquilino. Grandes olhos negros que, nos momentos de calma, anelavam a reflexão e o fogo» e que de um modo geral não se afastava muito da aparência do ator. Não que Gerard Philippe possa aparentar essa debilidade, essa fragilidade juvenil que foram de Julien. Mas ele soube ter vivacidade e graça, e esse ar

ágil de juventude, que caracterizava os jovens heróis de Stendhal.

Que ele se tranquilize. Essa defasagem se fez sentir, mas em nada alterou o tom pesado o personagem de Julien. O adolescente de «Adultera» não tomou esse «ar de velho» que muda por vezes o registro de um ator. Para o público, Philippe ainda tem seus vinte anos...

Quanto aos cronistas, renderam-se ao talento do ator, e já lemos em algum lugar que Gerard Philippe, após ter sido «o mais romântico» dos nossos jovens atores, tinha se tornado «o mais stendhaliano». Esse gênero de definição está na moda. E' ouvida de bom grado mas nunca se sabe bem ao certo o que quer dizer. Mas se por isso deve-se entender que Gerard Philippe soube interpretar Sorel, então Gerard Philippe é por certo o mais stendhaliano dos nossos jovens atores.

QUANDO O PALCO TRABALHA

Gerard Philippe fala com admiração do trabalho realizado por Autant-Lara. As lembranças desse filme permanecem para ele como um

alguns dos quais dolorosos. Seria preciso fazer um filme de seis horas...

«Foi assim que no último momento para trazer a película aos três mil metros comerciais, todo o episódio da doença do filho da senhora de Renai teve de ser cortado. No entanto era ele necessário e a primeira parte do filme teve seu ritmo alterado. A conspiração do hotel da Mole não figura no filme, o que é ao meu ver melhor — cinematograficamente não havia lugar para ela — mas é pena que toda a parte da crônica de 1830 do livro não figure no filme, em detrimento mesmo do realismo histórico. Há outro abandono ao qual reitro me resignar. Tínhamos escolhido primitivamente para acompanhar o filme um músico de que Stendhal gostava. São conhecidos. E de minha parte sinto muito que as circunstâncias tenham forçado a outra escolha.

«Mas o essencial a meu ver é que o espírito de «O Vermelho e o Negro», que o pensamento de Stendhal tenham sido respeitados. O que nos leva ao difícil,

O CARNAVAL DO RECIFE—SAUDÁVEL TRADIÇÃO

FREVO, MARACATU E CABOCLINHOS MANTÊM O CARÁTER NACIONAL DA GRANDE FESTA POPULAR — “LENHADORES”, O TETRACAMPEÃO — (Reportagem de ZORA SELJAN)

Havia um concurso de «passos» na Rua Nova. Quando a pegada fogo, de repente, a música do alto-falante parava e a voz abominal do locutor anunciava sabonetes. O centro de Recife supralava aborrecido. Durante mais de cinco minutos, a odiosa propaganda roubava a alegria. Os braços e as pernas, dantes tão fagueiros, caíam sob o peso daquela covardia barba.

— Ah! os carnavais da casa dos trinta! Ah! as ondas de frevo que acompanhavam as orquestras ambulantes!

Pernambuco protestava. O

Chefe da Polícia proibiu o «escape livre», o lança-perfume e outras coisas. O povo não se conformou e mais uma vez a polícia foi derrotada pelo frevo.

«Frevos» vem de «frevura», corruptela de «fervura». Nasceu das lutas dos capangas, no começo do século com a força pública, ao som dos dobrados das bandas militares. Vem daí os metais, o atrevimento dos pistons, o desafio dos clarinetes. Hoje é uma expressão da vontade popular, um direito conquistado. A multidão se agita, ferve, ao som do mesmo ritmo e, no entanto, esta dança tem caracte-

terísticas individuais, permitindo a cada um criar sua própria coreografia. É uma das danças de maior personalidade do mundo, despida de sensualismo, conservando a arrogância da briga e a precisão dos movimentos. Parece que os bailarinos raciocinam, estão sempre conscientes, e assim, ninguém se atropela, ninguém é pisado. Uma criança de cinco anos, senta-se segura num grupo de adultos. De peito aberto, ninguém pode com o frevo, dança viril, dança lena. Mas, ali estava ele, na Rua Nova, abafado, intermitente, vi-

tima da traição comercialista... E Pernambuco, ao dar-se conta, protestava.

FALAM AS RUAS

O povo cantava: «Na hora de beber eu bebo... Na hora de comer eu quero... porém, na hora de trabalhar... Pernas pra ar que ninguém e de ferro...» Quem falou depois, foi o próprio frevo, foi o compositor Capiba:

— Este é um carnaval de fome e de miséria! A terra dos carnavais, ergueu-se imensa, na pessoa do poeta Assencio Ferreira, também protestando:

— Não é mais o carnaval de Tereza!

Velhos, meninos, mulheres carregadas de filhos, pediam esmola e eram tantos que davam a rua em festa, um que de desfile macabro, um tom grotesco, um sarcasmo horrível.

A preta que passava, vestida de rainha (imaginem com que sacrifício), disse para uma outra, que ia de dama antiga:

— Dona Santa não sairá este ano, está muito velhinha. Quando ela morrer, o Maracatu Elefante irá também para o céu.

Esta frase singela devolveu à rua a graça do carnaval. O povo não se abate, sabe que a vida vai mudar, sabe que a alegria vencerá a dor.

Então, uma cigana sarará, gritou para um palhaço azul:

— Menino, quer «fixar» namoro comigo?

As 11 horas da noite de sábado, os varredores limpavam as ruas desertas. Nos outros dias, por causa dos desfiles, a festa durou até mais tarde. Depois foi para os clubes, onde o anúncio ainda não conseguiu invadir. Mas o povo dos mocambos, em que salão irá dançar? Na praça viaja a música parou. Na rua abandonada a música parou. Que terá feito aquela rapaziinha da máquina fotográfica? Pregava numa caixa de lanças-perfume um cabo, sobre o qual colocara uma tampa redonda de queijo. Divertia-se imensamente fazendo de conta que era um «flash». O povo brincava com ele, fingindo que posava. Só assim, o jovem maltrapilho realizou o seu imenso sonho profi-

cional. E o toureiro? E os bichos de retalhos?

MÚSICAS E DESFILE

As músicas pernambucanas mais cantadas foram: «De Pernas Para o Ar» e «Alô Se eu tivesse...» — de Capiba; «Tou Sentindo Uma Coisa» — de Sebastião Lopes; «Esquenta Mulher» — de Nelson Ferreira; «Eu Vou Beber» — de Marabá. As marchinhas cariocas «Tem Nêgo Bebo Alô», «Maria Escandalosa» e «Ressaca», alcançaram grande popularidade.

Os clubes tradicionais desfilaram ricamente vestidos, acompanhados de suas orquestras e estandartes. O curioso é que todos eles nasceram de conjuntos profissionais, conservando a maior parte, o nome do setor de origem. O tetracampeão Lenhadores, apresentou-se com 32 planos, revivendo a visita da Rainha de Sabá ao Rei Salomão. Muito imponentes foram também as apresentações dos Vassourinhas, Pão de Tarte, Lavadeiras de Areia, Clube das Pás e outros.

Dos blocos o Rebelde Imperial, Banhistas de Pina, Pavão Dourado e Homem da Meia-Noite, foram os mais aplaudidos.

As escolas de samba estão agora se infiltrando no carnaval pernambucano. Destacaram-se elogios a dos Milionários do Ritmo, Duvidosos do Fundo e Gigantes do Samba.

Os caboclinhos mantiveram a tradição dos velhos carnavais. Entre eles destacaram-se os Tupis, Canindés, Taperaguassas, Guarani e Tupinambás.

Os maracatus mais característicos foram O Leão Corado, O Leão da Aldeia, Estrela Brilhante e Estrela da Tarde.

O desfile, na praça, é um espetáculo empolgante, para quem tem a sorte de vê-lo num ângulo mais alto. São planos que se sucedem, de movimento. No primeiro, as evoluções dos porta-estandartes e a dança, depois as painéis de frevo, acompanhando a música dos clubes queridos, painéis estas que se formam no meio de uma multidão compacta. Ao longe, num plano mais alto, os «passos» que se exibem pa-

ra os cronistas carnavalescos.

UM CARNAVAL SAUDÁVEL

As «manhãs» de sol atraem para os clubes a multidão dos bairros. Terminam com a orquestra indo para a rua, onde os foliões «fazem seus passos» para se despedir. Vão então almoçar e depois seguem para o centro. A noite voltam para os clubes. O Náutico, o Internacional, a Portuguesa e o São, estiveram muito animados. Apresentaram boas orquestras e artísticas decorações.

Apesar da existência de Paulo Afonso, Recife sofre falta de energia. O povo não pôde iluminar as ruas transversais como é de praxe e mesmo no centro, de vez em quando, havia um corte brusco.

As brincadeiras nas ruas são quase uma volta à infância. São travessuras, como por exemplo o banho de talco ou mesmo de latadas d'água... Os braços e vestidos são pintados a tinta... Os jovens, muito pobres, se fantasiam raspando a cabeça e deixando tufo de cabelos, para formar desenhos curiosos e pintam o rosto, como os índios.

Reina por toda a parte uma alegria inocente. Não usam fantasias escandalosas, «mallots», decotes extravagantes, homens vestidos de mulher. Ninguém diz grosserias, as brigas são mínimas, há muita fraternidade e respeito.

O carnaval de Recife é ainda o nosso carnaval brasileiro, o carnaval da família, o carnaval da saúde.

Mas chega a madrugada de quarta-feira... O silêncio vai caindo e o frevo dorme. O último platão termina a última estrofe do frevo mais caudaloso. Uma voz entoa em cordina:

«Alô Se eu tivesse Quem me fizesse carinho, não levava a vida que eu levo sozinho».

Capiba voltará no próximo ano. Lutaremos para que não seja outro carnaval de fome e de miséria.



Gerard Philippe numa cena de «Le Rouge et le Noir»

Incomparável trabalho de equipe, sob a direção segura e inteligente de um realizador excepcional. «Autant-Lara», diz ele, — é único na França que sabe trabalhar tão depressa, sem que isso seja em detrimento da qualidade do filme.

«O Vermelho e o Negro» apresenta um belo recorde: 5.000 metros de película rodados em 17 semanas e chegamos a filmar até doze minutos de projeto por dia. E' muito. Habitualmente trinta minutos são considerados como uma boa média.

«Essa técnica de Autant-Lara exige atores hábeis, mas exige sobretudo dele que tudo seja pensado e preparado de antemão. Ela por que acontece muito frequentemente de duas tomadas por plano satisfizerem-no enquanto outros realizadores exigem cinco e às vezes até mais. De modo geral aliás, o número de tomadas é inversamente proporcional ao trabalho preparatório do realizador...»

«E para mim, que adoro o ambiente do palco de filmagem, acrescenta Philippe, aprecio tanto que o trabalho com Lara seja «bem» feito, que ele se realize sem excitação, sem febrilidade.»

«As condições dentro das quais filmávamos eram difíceis. O texto de adaptação de Aurouch e Bost já nos chegando às mãos já proporcionava o trabalho avançado. O tempo urgia. Divergências de pontos de vista revelavam-se algumas vezes entre nós. Era necessário rever o texto, consultar o livro. Passagens inteiras do livro tiveram de ser descolocadas, modificadas, foi necessário cortar, reconstruir, condensar, consentir alguns abandonos,

ao eterno problema da adaptação de obras cinematográficas.

DEVER-SE-IA OU NÃO ADAPTAR STENDHAL

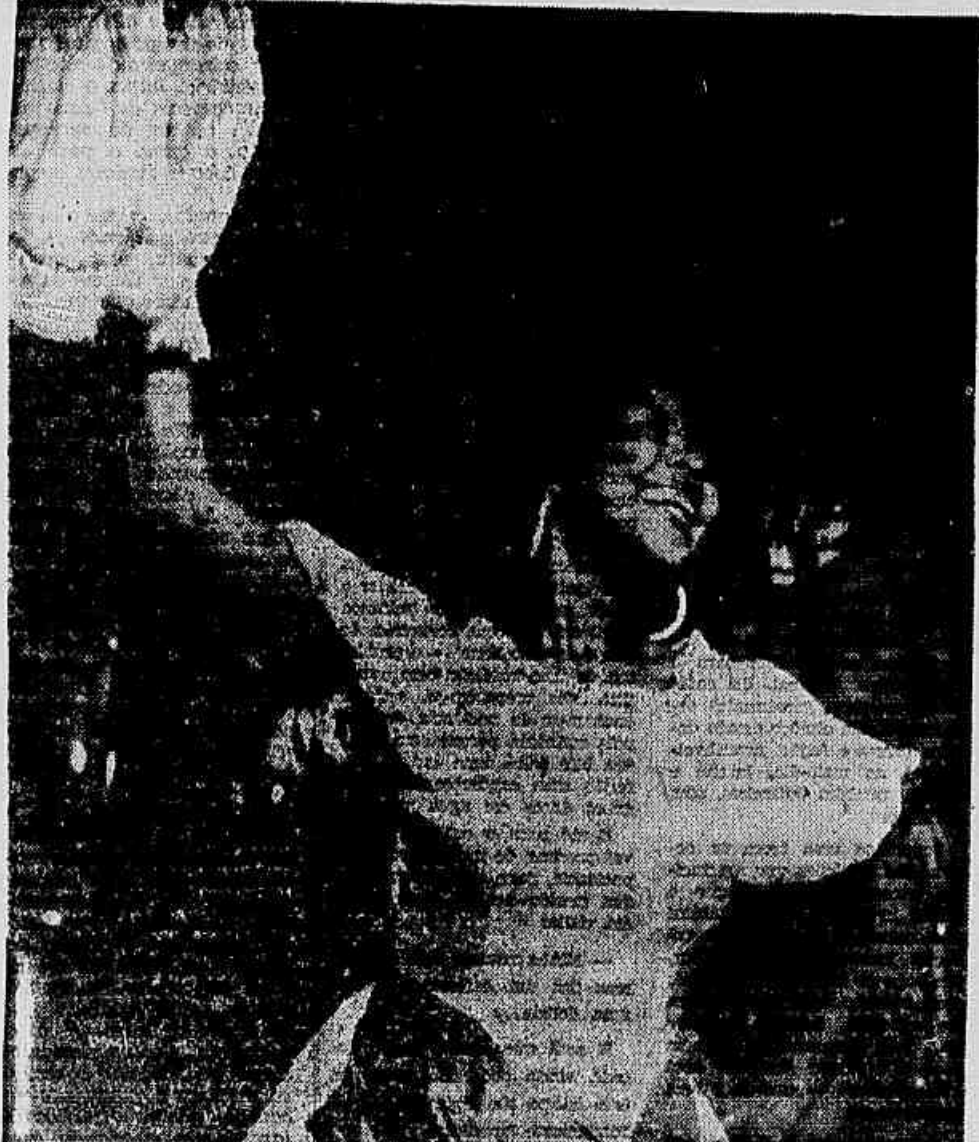
O filme tralhou o romance? Desfigurou, deformou o pensamento de Stendhal, adotou seus personagens? Devese ou não levar nossas obras-primas à tela, ou devese considerá-las intocáveis? Um filme raramente fez correr tanta tinta. Gerard Philippe geme: «Volta-se sempre a esse assunto...»

E' evidente que não se pode esperar que o filme apresente toda a complexidade do romance. Não pode explorar todas as suas riquezas, sobretudo em se tratando do «Vermelho e o Preto». A linguagem cinematográfica tem suas leis e o cinema, deve ser julgado em si. «O verdadeiro problema, no fundo, é ter cenários de qualidade. Então não se ficará tentado de recorrer a adaptações.»

UM BOM OPERÁRIO

O que Philippe não diz é que o admirável filme de Autant Lara repousava em grande parte em seus ombros, é a parte que ele tomou à própria adaptação do romance. «Quanto a Philippe, conhecia o romance de cor — afirma Bost. — Em suas cenas, por vezes ele nos fez outras (cenas) para acrescentar frases de Stendhal», é bem reveladora de sua preocupação de permanecer fiel a Stendhal, dessa paixão que ele pôs no trabalho, e explicou também de certo modo, sua grande hesitação em aceitar o papel.

«Trabalhamos, acrescenta ainda Philippe, como bons operários. Tentando fazer o melhor possível.»



«Alô, mulata, passa p'ro lado de cá» — assim cantavam no carnaval do Recife

NAIR BATISTA

Já em «A experiência» o assunto é totalmente diver-

ção de humanismo e de confiança na vida e no futuro. Partindo da realidade mundana do dia a dia, o autor termina sempre por conceber seus personagens para os caminhos da luz, pois compreende as leis que regem os destinos humanos e sabe que as borboletas saem dos casulos como as nebulosas brilham as três.



DE ANNA SEGHERS

(SOBRE UMA VIAGEM À UNIÃO SOVIÉTICA)



TINHA eu a intenção de ir a Iasnaia Poliana, mas desisti da viagem por causa do frio severo.

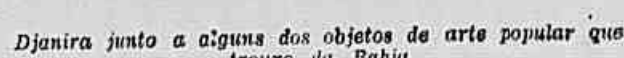
Academia, da qual o Arquivo Tolstói faz parte, está situada numa daquelas ruas antigas, que mesmo nos dias cinzentos e gelados dão uma impressão clara e alegre, no meio das casas, muitas delas palácios de antigos aristocratas pintados de cores douradas e azuis, como tons do sol.

Pushkin foi hóspede frequente de um destes palácios, a casa da Academia foi propriedade do Conde Rostow, que conheçamos de "Guerra e Paz". Seus filhos faziam ali suas travessuras, brincar e dançavam.

Tolstói, em sua época mostrou as duas causas: a repressão interna e externa do inimigo, sua derrota na guerra e a superação de suas idéias. Apresentou todo o seu povo e o fez de tal maneira que compreendemos como teve força para libertar seu país. Apresentou cada um dos homens russos de tal modo que compreendemos a participação específica de cada um na libertação.

Os pontos de intersecção entre o desenvolvimento da ação histórica e o desenvolvimento de um destino particular parecem intersecções necessárias de linhas que acompanhamos desde o início. Mas, porque será que escolhemos aquela época e não uma outra? Porque estes personagens e não outros? Porque estes conflitos e não outros?

**COM
OS TRABALHADORES**



ONDE APARECE

— Vendeu na Bahia alguns

dos seus trabalhos?

— Um episódio curioso da viagem foi o encontro, em Salvador, com Mme. Coutouly, diretora do Museu de Antilhas. Eu mantinha um pequeno atelier num sótão muito saboroso no Corredor da Lapinha. E foi sob terrível chuva de verão que Mme. Coutouly surgiu no sótão, de guarda-chuva aberto, viu e comprou vários dos meus óleos e gouaches, feitos em Salvador, para aquele museu.

coisas que tenho lido sobre os efeitos das armas nuclea-

res são de estarrecer.

— Mas...
— Escute. Isto também diz respeito à arte, a todas as artes, a todas as pessoas. Ainda não comecel o meu trabalho mas já assinei o apelo pela interdição das armas nucleares lançado pelo Bureau do Conselho Mundial

da Paz. Ninguém pode hesitar diante de tão terrível ameaça. Nós, artistas, somos contra a guerra. Nós buscamos a beleza e criamos para a vida. E' a morte que nos toma, não menos in-

Em sua casa simpática de Laranjeiras, entre as plantas que lhe deu o paisagista Burtie Max, cercada de objetos de arte popular, Djaniir realiza agora novos trabalhos. Gosta da Bahia, que já lhe deu tantos quadros bonitos, desta vez tomou de fontes puras um material que lhe permitirá, sem dúvida, êxitos novos e ainda maiores.

NADA houve de preestabelecido. Nada houve de construído de antemão. E não porque o ter sido diferente, porque a história da origem da "Guerra e Paz" não se iniciou com "Guerra e Paz". Começou emi o projeto de um romance completamente diferente. Lá pelo mês de novembro, de 1860, mais ou menos, Tolstói começou um romance — o "Decembristas". (O fragmento foi traduzido em português por guas). Este romance, que se tornaria, como atual, careceria, como introdução, a época que se segue aos acontecimentos de Sebastopol e à guerra da Criméia, dos quais Tolstói, um istuho:

A ação começa com uma carruagem que chega, após longa viagem, diante de uma estalagem, e na qual se acham um casal com dois filhos adultos: após dez anos de exílio, de destierro Alexandre III permitirá aos decembristas breves dias retornar ao país.

Nesta versão dos «Decembristas» aparece uma certa Natacha. Frequenta a sociedade. Fica noiva. Aparece então um certo Pierre e se apaixona pela noiva. O primeiro noivo desiste. Um ano após seu casamento, Natacha seguiu para a Sibéria.

Conheces Natacha e Pierre de "Guerra e Paz". Ao leres as últimas páginas, deves supor que Pierre, que volta a fazer uma viagem para junto da mulher e dos filhos, vai se ligar a um grupo de decembristas.

Como por vezes poderás ver esboços num caderno de pintor, um sobre o outro, até que o artista encontra definitivamente, os contornos de uma figura e, sobre traços anteriores os desenha firmemente, assim sentes nessas versões mais antigas o caráter de uma Nafacha, sua graça e sua indefinição, até que, finalmente, se apresenta em contornos nítidos.

Tolstol, primeiramente, nada publicara d'êste fragmento. Por ocasião de sua visita a Londres, no ano de 1961, Herminio muito lhe contou sobre a vida dos decembristas. Leu detalhadamente na revista "Estrêla Polar" que lá se editava. Preocupou-se principalmente, a pergunta: por que pessoas jovens, tão brilhantes, tão capazes, que plebeu diário de si uma vida brilhante, se entregaram a uma causa tão estúpida?

Os decembristas, que, voltavam da Sibéria em 1846, não tinham uma consciência de maior vitalidade e frescor. Eram os mesmos amigos da mesma idade que, no anterior exílio, tinham continuado a sua vida calma nas fazendas e nos telos. Querendo penetrar no íntimo de seus heróis, viu e ouviu que sua volta do desterro estava ligada aos acontecimentos da vida passada, à sublevação decembrista, à prisão, ao Tostoi, ao exílio, ao trabalho, às suas fatilhas, romances e poemas. Mas como naquele tempo já não tinham suas fatilhas, romances e poemas, não se compreendeu, até sua juventude, o que a vida de guerra no ano de 1812.

Quando retomou o fio do trabalho, viu seus heróis e seus personagens sob a sombra de uma quantidade de figuras que eram parte mais históricas, em parte sociais e em parte literárias.

«Comecel, então, pela terceira vez tudo de novo, com uma sensação que talvez pareça exquísita a muitos tores. Era uma sensação de encabulamento, que difficilmente posso exprimir. Estava como se bem jello para e ver sobre o nosso triumpho na luta contra a França bonapartista, sem descrever, ao mesmo tempo, os nossos malogros. Quem não terá sentido aquella sensação melancolica de encabulamento e falta de franqueza a falta de fé ao ler as obras patrióticas de 1817?»

Meditamos hoje sobre a mesma questão — em si des que para nós extremamente importantes, embora os mais pequenos — que então Tolstoi collocava a si mesmo por que se verifica tantas vezes no leitor aquella sensação de encabulamento, falta de franqueza e falta de fé? — que é, para ser empregado pela descrição de um successo de féto vivido, no bom e no mau, nos seus avanços, deve ter assistido como foi que aconteceu.

(Continue na próxima suplemental)

Ao escritor Jorge Amado, Bahia, Brasil.
Caro Jorge,
Queria escrever-te antes da minha viagem, porém não tive tempo; e na União Soviética menos, ainda. Lá o tempo voa. Não fiz a viagem ao Volga (impossível estive no Tadjiquistão ou no Uzbequistão. Nenhum desses planos se realizou dessa vez. Fiquei em Moscou, e passei os dias no arquivo Tolstói.
Porque fiquei lá, justamente lá, justamente hoje, num dia em que colocas a todos diante de problemas difíceis e decisivos — isto te explicarei logo mais nesta carta. Antes de mais, peço-te um favor.

Não posso escrever a cada um de meus poucos e caros amigos tão freqüentemente como o desejaria — mas, como ao escrever a um deles, haverá muito na carta que diga respeito a todos — luo-te a seguinte proposta: envia este cartão a Pablo Neruda, e que ele mande sobre a resposta primeira ao teu endereço. Quando a tiveres lido, manda-a para mim. Dêsse modo terás recebido a minha resposta, e assim, semelhante a uma carta, que recebíamos em criança. E assim, quando os tempos, nos diferentes confins do mundo, sobre as mesmas questões, como se estivéssemos reunidos na mesma sala...

PARA que compreendas porque queria trabalhar no ano em que morreu Tolstói, lembra-te de uma conversa que tivemos com alguns amigos há muitos anos, no México. Tu te admiras, então, de que fosse minha opinião poder o escritor aprender mais de Tolstói do que da maioria dos poetas épicos? Tentei explicá-lo com o exemplo da arte mexicana do século XIX. Lá os nossos amigos pintores eram estreitamente ligados aos problemas.

Não início do movimento do afresco mexicano — logo após a primeira guerra mundial, quando chegou a nova c. Revolução de Outubro, através de dois oceanos, ao país e Sul dos Estados Unidos — esforçaram-se os pintores e recitar sobre os muros os acontecimentos da história passad e da presente de seu povo de tal modo que qualquer pessoa simples pudessem compreender; a criança e o homem consciente. E aqui começa a luta, no nosso e no teu país, a que é despertar e fortalecer o sentimento da dignidad humana e da dignidade nacional de um povo. Num país antigo, porém, apenas a parte da população sabe ler e escrever e que a sociedade — fortemente industrializada, onde todos e aqui, num país — originalmente através do livro.

saíam ler e escrever. Mas, na República Democrática Alemã, onde se colocava o interesse de um círculo sempre crescente de leitores e colocava, nós escritores, diante de tarefas totalmente novas — as tarefas sociais e estéticas — há muito que os jornais e conferências estão cheios de dissertações sobre questões técnicas. As cabeças se esquentam em discussões sobre, por exemplo, o que vem a ser realismo e o que deixa de ser. Obras escritas e lidas são, por vezes, também sem razão muitas vezes com rancor e discussões no início de épocas em que um novo conteúdo deve de criar sua forma nova e a velha forma era ou parecia (como dizia Vasari) quando escrevia que mesmo quando o maior de todos era Cimabue (com suas N. domas e Santos pintados no estilo da Idade Média), em hoje, o nome que estava na boca de todos, era o de Giotto. O pintor que representava o homem simples italiano. E o princípio do realismo da Renascença.

PAULO me escreveu que os artistas sul-americanos — mineiros, aliás, também nós — discutem principalmente a partir do discurso de Malenkov, no XIX Congresso do Partido, referente às questões da cultura. E isto se dá agora em todos os países onde há artistas que se sentem obrigados para com o seu povo. Seguindo a sua exclamação, fletim sobre o que é para nós o «típico» e o que significa «estiloso».

Um escritor enraizado na realidade, sente o desejo de representar um aspecto muito específico da vida, um aspecto, que por diversas razões, lhe toca mais de perto; escolhe o assunto segundo o seu talento, de seu caráter, etc.; e, então, escreve, querendo, que possa estar certo de quais as palavras, a linguagem, que deve usar para representar, antes de começar a trabalhar, se-

UMA LITERATURA A SERVIÇO DA PAZ E DO FUTURO DO HOMEM

UMA LITERATURA MULTINACIONAL (O INFORME DE ALEXIS SURKOV E ALGUMAS INTERVENÇÕES DE DELEGADOS DE REPÚBLICAS FEDERADAS E AUTÔNOMAS). O poeta

Pavlo Titchina foi quem, na sessão solene de encerramento do II Congresso, saudou os escritores estrangeiros presentes, num discurso de admirável sensibilidade literária. Trata-se de um dos nomes mais ilustres da literatura soviética, poeta colocado ao lado — e por muitos mesmo à frente — de Tvardovski, de Pasternak, de Tikhonov, de Martynov, de Asef, entre os maiores. Titchina foi eleito membro da Presidência da União de Escritores pelo II Congresso e membro do Presidium da Presidência (espécie de diretoria). Quanto à sua popularidade na URSS: nos últimos anos seus livros de poemas circularam em dois milhões e trinta e um mil exemplares. Titchina está colocado entre os 5 poetas vivos de maior tiragem no País dos Soviéticos, sobrepulando apenas por Tikhonov e Tvardovski. Trata-se de um poeta não russo, da República Soviética da Ucrânia, que escreve em língua ucraniana. Se um visitante qualquer, curioso de saber algo sobre a dramaturgia soviética, fizer um inquérito entre os escritores e o público na República Federativa Russa — falo da República Federativa Russa e não da União Soviética — muito a propósito — para saber qual o mais popular e importante dramaturgo soviético atual, a maioria das respostas apontará o nome de Alexandre Kornelchuk, escritor ucraniano de língua ucraniana. A sua popularidade como autor de teatro excede mesmo à dos maiores dramaturgos russos atuais: Vichnevski, Leonov, Simonov, Sufronov.

O romancista Alexandre Gonchar vendeu nos últimos anos quase 3 milhões de exemplares dos seus livros. Trata-se de um romancista de língua ucraniana. Os livros dos ucranianos Yaroslav Galan, de Sobko, de Ribak, de Rileki andam pela casa dos dois milhões de exemplares de tiragem. Contam-se esses nomes entre os mais populares em toda a União Soviética.

A literatura ucraniana, antes do advento do Poder Soviético, era uma literatura oprimida como o era a nação ucraniana. Oprimida pela Rússia czarista, pela Polónia feudal, perseguida, impossibilitada de exprimir-se completamente, com sua língua nacional considerada como inferior, fadada a desaparecer, a ser substituída ou pelo russo ou pelo polaco. Sobre os camponeses da Ucrânia pesava a opressão dos nobres russos, dos condos polacos. Sobre os seus escritores abatia-se a perseguição dos senhores estrangeiros. Hoje o quadro mudou por completo. A Revolução de Outubro libertou o povo ucraniano da opressão do czarismo e, na última guerra, a parte ainda oprimida pela Polónia antes da sua independência foi reincorporada à Ucrânia, a uma Ucrânia agora livre, onde a fatura cresce ao lado da cultura transformada num bem de todos.

AINDA em janeiro eu estava em Kiev, entre os escritores ucranianos, muitos dos quais haviam participado do II Congresso. Nenhuma distinção se faz, em toda a URSS, entre um escritor russo e um ucraniano ou um escritor de qualquer outra língua das múltiplas nacionalidades soviéticas. A única distinção existente é aquela que marca a forma da obra de criação de um russo e a de um ucraniano, a de um tadjik ou a de um armênio, as características nacionais de cada uma delas. O leitor russo não mantém nenhum preconceito em relação aos escritores de qualquer outra nacionalidade. Eis porque o ucraniano Kornelchuk é em geral considerado pelo público russo o maior dramaturgo soviético atual. Ao contrário, em lugar de preconceito, o que podemos constatar é a ansia de ajudar, a alegria

Jorge AMADO

(Quinta de uma série de reportagens)

ao mandar saudar o aparecimento de novas literaturas nacionais, de escritores de povos oprimidos, antes mergulhados no obscurantismo.

Poderéis, no entanto, perguntar: como pode, em relação às condições materiais

base de cada 15 mil exemplares, o escritor recebe 2 ou 3 ou 4 mil rublos, se é estreante, ou um escritor já conhecido ou um escritor que possui o Prêmio Stalin, respectivamente. Assim, por exemplo, tomemos um estreante, cujo livro venha a

exemplares dos prosadores e 70 mil dos poetas, creio que até os 150 ou 200 mil, não recordo bem, o autor passa a receber 80% dos direitos iniciais e depois, à proporção que a edição cresce, ele recebe uma percentagem menor, até atingir 50% dos direitos iniciais, que ele recebe quando vender seu livro. Ou seja: até 75 mil exemplares um prosador recebe 2 mil, 3 mil ou 4 mil rublos, conforme sua categoria de estreante, de já conhecido ou de laureado com o Prêmio Stalin, por cada caderno tipográfico de 16 páginas sobre 15 mil exemplares. A partir daí ele recebe 80, 70, 60, 50 por cento desses dois, três ou quatro mil rublos por caderno, sobre cada tiragem de 15 mil exemplares. Se alguma coisa há a dizer é que parece até dinheiro demais. Dinheiro que, em geral, os escritores aplicam em viajar o país, em bem conhecer a vida de seu povo, em poder trabalhar longa e pacientemente suas obras, sem estar sujeitos às necessidades que levam a terminar um livro «em cima da perna» para receber magros cruzeiros.

TUDO isso eu tentei explicar para chegar a um detalhe da lei soviética de direitos autorais. Quando um escritor de língua russa tem um livro seu traduzido para uma das outras línguas da URSS ele recebe, pela tradução, direitos muitos baixos, considerando-se que ele se beneficia, na publicação inicial do seu livro, do grande público de língua russa, o maior da União. Ao contrário, quando um escritor de outra língua, um estoniano, por exemplo, é traduzido para o russo, ele recebe pela mais alta tabela e não sofre, na multiplicação da tiragem, nenhuma redução nos seus direitos. Esse sábio parágrafo da lei de direitos autorais cria um equilíbrio entre os direitos recebidos pelos escritores das diversas nacionalidades soviéticas, estabelece um nível de vida equilibrado entre todos eles, evita uma superioridade material do escritor de língua russa sobre os escritores das demais línguas da União Soviética. Falemos dos ucranianos, de alguns deles apenas, se fôssemos falar de todos eu transformaria essa reportagem num catálogo de nomes, títulos e números. Falemos agora dos bielorrussos, dos georgianos, dos armênios, de literaturas que, como a ucraniana, eram tradicionais, que existiam já antes do Poder Soviético. Existência é verdade, de opressão, limitada e difícil. Para tais povos, a literatura foi sempre arma de combate contra a opressão nacional, foi instrumento básico para a preservação e o desenvolvimento da língua materna, foi tijolo e barro fundamentais na construção da nacionalidade e na sua defesa. Literaturas limitadas, curvadas ao peso da opressão czarista, da opressão social e nacional.

Tomemos a literatura armênia, por exemplo. Aos pés do Monte Ararat vive hoje um povo livre, próspero e feliz. Erivan é um encanto de cidade, entre flores e vinhedos. Ali habita um grande mestre da literatura, nome bem conhecido no mundo ocidental, pois muitas de suas obras estão traduzidas em francês e inglês, em alemão e em italiano: Avetik Isakian. Isakian viveu grande parte de sua longa existência (é homem de cerca de 80 anos, atualmente) exilado, na França, nos Estados Unidos, pois sua pátria sofria a opressão turca e seu povo fora quase liquidado pelos turcos. No estrangeiro construiu sua admirável obra, instrumento de seu povo disperso na con-

servação da alma nacional, na afirmação de uma língua que os opressores tentaram destruir para sempre. Foi o Poder Soviético que lhe restituiu o solo de sua pátria e o direito de ali criar sua literatura, ao contato imediato com a paisagem magnífica, na vida cotidiana com seu povo novamente em parte reagrupado, chegada dos mais distantes países de exílio para a terra que sempre fora sua. Ali cresce hoje novamente a literatura, a literatura mais avançada do mundo porque socialista no seu conteúdo e ao mesmo tempo literatura armênia, em língua armênia e com todas as características próprias da cultura armênia. Hoje, nomes como os do poeta Sevak, da escritora Silva Kaputiklian, de Akoplian, de Gurgen Borian, de Ovanés Tumanlian, são tão populares na URSS quanto os mais queridos escritores soviéticos. E Isakian, o velho mestre da literatura armênia, é cercado pelo respeito de todos os seus confrades e seu nome citado entre os dos grandes construtores da literatura multinacional soviética.

UM dos escritores mais populares da URSS é o bielorrusso Yanka Kupala (quereréis números? Quatro milhões de exemplares de livros seus foram vendidos nos últimos anos) e entre os primeiros poetas conta-se outro bielorrusso: Yakub Kolas. No seu discurso no II Congresso, Chiolkov, numa pequena lista dos escritores que, a seu ver, mais se haviam destacado, após a guerra, na literatura soviética, cita, entre os primeiros nomes, a Kolas. Aliás nessa lista de apenas 12 nomes, Chiolkov cita além do bielorrusso Kolas, ao ucraniano Gonchar, ao kazak Auevov, ao letão Uplis.

Outros dos grandes poetas soviéticos é o georgiano Georgui Leonidze, nome celebrado em toda a União Soviética, um homem forte e risinho, admirável palestrador, com quem viajei a Geor-



O escritor russo de literatura infantil, M. I. Balhov, entre dois escritores georgianos Abasidze e G. Tabidze

de milhões de leitores. Mais do que isso, hoje o nome de Laci é universal, seus últimos livros, «A Tempestade» e «Rumo à Outra Margem» estão traduzidos em várias línguas europeias e asiáticas. O Poder Soviético, ao criar as necessárias condições para o trabalho dos escritores, libertou as literaturas desses países das estreitas fronteiras políticas e geográficas em que vegetavam. Os versos da poetisa Salomé Neris, lituana, são populares em toda a vastidão da URSS. Também assim os versos de Antanas Venclova, outro poeta da Lituânia. Dois milhões de volumes do poeta Uplis, da Letônia, foram vendidos nos últimos anos, após a guerra. As suas obras, antes de 1940, circulavam em edições de quinhentos e mil exemplares. Os livros de Anna Sakse, escritora letã, já ul-

tra popularíssimos na União Soviética, ambos Deputados ao Soviet Supremo da URSS, autores de poemas cuja forma é completamente diversa num e noutro poeta, pois são ambos autenticamente nacionais, ao mesmo tempo que são profundamente soviéticos. Dois homens diferentes e dois destinos semelhantes, pois não fora o Poder Soviético e não existiriam esses dois altos poetas de poesia culta e profunda. Seriam (quem sabe?) pastores nômades, vagabundos nas estradas ou oprimidos servos da terra, no máximo bardos anônimos e seminais-fabetos. O Poder Soviético possibilitou-lhes, como aos seus povos dos quais eles são símbolos eminentes, a cultura, deu-lhes o direito à poesia, a tornarem mestres de sua arte.

FALAMOS de um velho poeta, falemos agora de um jovem prosador; falemos de um kazako, falemos agora de um kirguís, de Tuguebal Sidikbekov. O povo da Kirguísia era, como o povo kasako, oprimido, negavam-lhe o direito ao pão e ao livro. A literatura da Kirguísia reduzia-se à poesia dos bardos camponeses. Não existia nenhuma expressão literária em prosa e coube a Sidikbekov, que tinha cinco anos de idade quando da chegada do Poder Soviético, filho de pastores nômades, criar as primeiras novelas em língua nacional de seu povo. Começou como poeta mas logo depois enveredou pelos caminhos do romance: «Kensu» e «Temir» são os títulos de seus primeiros romances, os primeiros também da literatura da Kirguísia. Hoje seu nome é célebre em toda a URSS e mais além das fronteiras da URSS, pois seu último romance, «Homens dos Nossos Dias», está traduzido não só nos línguas soviéticas, mas também em polaco, em búlgaro, em rumeno, em tcheco, em húngaro. Desse livro já foram vendidos em russo mais de 600 mil exemplares. Qual seria o destino de Sidikbekov se, em lugar da URSS, existisse ainda hoje a Rússia czarista? Pastor nômade, certamente, e a velística kirguísiana não teria sido criada. Eu o encontrei, agora, no II Congresso dos Escritores Soviéticos e o vi, na tribuna, falando da literatura do seu povo, citando os nomes dos poetas e prosadores. Ele tem exatamente a minha idade, quarentão. E, no entanto, carrega sobre seus ombros a honra de ser o fundador da prosa escrita de sua pátria. E que há apenas 37 anos sua pátria conhece a liberdade e seu povo tem direito à cultura.

UM dos melhores romances históricos que li nos últimos anos é de autoria de um prosador do Usbekistan: Aisa Aibek. O romance se intitula «Alexer Navoi» e narra a vida do grande poeta e sábio usbeco no longínquo tempo em que o Império usbeco construiu as maravilhas de Samarkand. Visitei Samarkand em 1951 e foi com a leitura do livro de Aibek que me preparei para melhor compreender e amar esse povo do Usbekistan que, após tanta grandeza, caíra sob a submissão estrangeira e conheceu os duros séculos de sofrimento e miséria. Libertado também pelo Poder Soviético, o povo do Usbekistan viu chegar o tempo sonhado por Navoi, o tempo da cultura nas mãos de todos os homens. Um dos primeiros decretos do Poder Soviético foi aquele que fundou a Universidade da Ásia Central, em Tashkent, capital do Usbekistan. Nessa cidade de Tashkent assisti a uma representação de Shakespear em língua usbeca no grande teatro (que é um primor de arquitetura nacional) que leva o nome de Navoi.

Idêntica era a situação da Turcomênia, idêntica a situação do povo turcomeno antes do Poder Soviético. Toda a expressão literária reduzia-se a alguns bardos populares cantando a vida semimorada do povo. Hoje o nome do escritor turcomeno Berdi Kerababiev atravessou as fronteiras da Turcomênia e as da URSS para ser mundialmente estimado. Seus romances estão traduzidos em diversas línguas e do último deles já circularam, só na URSS, um milhão e cem mil exemplares.

Falei de um escritor de cada um desses países. Não se trata, porém, de casos isolados e, sim, do crescimento de culturas e literaturas nacionais, da afirmação literária, na poesia e na prosa, desses povos. Queréis juntar ao nome de Vörgum os de outros literatos do Ajakerdjan? Eu vos citarei os nomes de Gusein e de Rasul Rsa. E no lado de Turun-Zade podéis lembrar outros autores do Tadjikistan: Saididdin Aini, Mirsaid Mirshakar, para citar apenas dois. Outro nome célebre da literatura atual do Kazakistan: Muhtar Auevov, sobre quem já falemos, a juntar ao nome de Djambul. E ao nome do prosador usbeco Aibek podéis juntar o nome de um poeta famoso: Gafur Gufonullin na 2ª PAG.



Guerassimov, famoso «moteur-en-scène» de cinema e teatro, argumentista de cinema, foi o informante sobre a dramaturgia cinematográfica

glia em 1948 e que, agora, em Moscou, no Congresso, falava-me com entusiasmo da literatura de sua pátria, sobre a poesia que sempre possuía um grande conteúdo democrático e humanista. Conteúdo que se aprofundou e engrandeceu com o advento do Poder Soviético, que libertou a literatura georgiana da opressão em que vivera durante séculos. Literatura progressista a partir, dizia ele, do clássico Rustaveli até os poetas de hoje. E citava toda uma galeria de nomes: Guramishvili, Tbileli, Chavchavadze, Baratsvili, Pshavela, Tsereteli, Noneshvili, Abashidze.

AS LITERATURAS dos países bálticos — Letônia, Lituânia, Estônia — só puderam desenvolver-se livremente após a incorporação desses países à União Soviética. Só então criaram-se para os seus escritores condições de trabalho, de liberdade de criação, capazes de possibilitar um rápido e profundo desenvolvimento dessas literaturas. Os melhores escritores desses países encontravam-se, antes, na prática impossibilitados de criar. Mesmo aqueles que buscavam adaptar-se às exigências dos governos reacionários e fascistas, limitavam-se às fronteiras de um público de pequeno país, de língua falada por uma comunidade reduzida. Hoje o público de um romancista como Laci, escritor da nova Letônia soviética, não é apenas o imenso público da União Soviética, de dezenas

trapassaram a casa do milhão de exemplares. O romance «A Luz em Koordi», do estoniano Hans Leberecht, está traduzido em uma vinte-na de línguas e outro estoniano, Yakobson, conta-se entre os escritores soviéticos de maior público. E ainda há quem chore lágrimas de crocodilo (pagas em dólares norte-americanos), nos Congressos de provocação dos Camus e outros Gorkins, sobre a sorte dos escritores dos antigos Estados bálticos, de opressão e de fascismo, hoje prósperas e livres Repúblicas Soviéticas do Báltico.

QUE dizer então das literaturas dos povos da Ásia Central e do Cáucaso? Dos povos do Usbekistan, do Ajakerdjan, do Khazakistan, da Kirguísia, da Turcomênia, do Tadjikistan? O informe sobre a poesia soviética, apresentado ao II Congresso, não foi obra de um poeta de língua russa. Coube ao grande poeta do Ajakerdjan, ao seu vate nacional, Zamed Vörgum, dar o balanço, fazer o elogio e a crítica do desenvolvimento da poesia soviética nos 20 últimos anos. Com sua face morena e nobre, seus cabelos pretos, os bigodes longos, Vörgum é uma das mais simpáticas figuras da literatura soviética e é frequente vê-lo nos Congressos Internacionais, quase sempre ao lado de outro poeta soviético célebre, o tadjik Mirso Turun-Zade, esse com rosto mongólico e o cabelo rebelde começando no meio da testa. Dois homens diferentes. Desicamente, am-



O romancista uruguaio Alfredo Gravina («Fronteiras al Viento»), o poeta hindu Jafri e o romancista brasileiro Jorge Amado, convidados ao II Congresso, percorrem do a exposição sobre a literatura soviética